

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

PAULA SERAFIM DARÉ

UM ESTUDO SOBRE O SIGNIFICADO DA CASA DURANTE O PERÍODO DA
PANDEMIA DO CORONAVÍRUS SARS-CoV-2, ENTRE ANALISTAS JUNGUIANOS,
SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

São Paulo

2021

PAULA SERAFIM DARÉ

UM ESTUDO SOBRE O SIGNIFICADO DA CASA DURANTE O PERÍODO DA
PANDEMIA DO CORONAVÍRUS SARS-CoV-2, ENTRE ANALISTAS JUNGUIANOS,
SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Arte e História da Cultura.

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Ingrid Hötte Ambrogi

São Paulo

2021

D217e Daré, Paula Elisa Ricardo Serafim.

Um estudo sobre o significado da casa durante a pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, entre analistas junguianos, sob a perspectiva da psicologia analítica / Paula Elisa Ricardo Serafim Daré.

109 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2021.

Orientadora: Ingrid Hötte Ambrogi.

Referências bibliográficas: f. 89-96

1. Casa. 2. Simbolismo. 3. Pandemia. 4. Coronavírus SARS-CoV-2. 5. Analistas junguianos. I. Ambrogi, Ingrid Hötte, orientadora. II. Título.

CDD 150.1954

Bibliotecária Responsável: Andrea Alves de Andrade - CRB 8/9204

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: Paula Elisa Ricardo Serafim Daré

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Arte e História da Cultura

Título do Trabalho: Um estudo sobre o significado da casa durante o período da pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, entre analistas junguianos, sob a perspectiva da psicologia analítica.

O presente trabalho foi realizado com o apoio de ¹:

- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- Instituto Presbiteriano Mackenzie/Isenção integral de Mensalidades e Taxas
- MACKPESQUISA - Fundo Mackenzie de Pesquisa
- Empresa/Indústria:
- Outro:

¹ **Observação:** caso tenha usufruído mais de um apoio ou benefício, selecione-os.

PAULA SERAFIM DARÉ

UM ESTUDO SOBRE O SIGNIFICADO DA CASA DURANTE O PERÍODO DA
PANDEMIA DO CORONAVÍRUS SARS-CoV-2, ENTRE ANALISTAS
JUNGUIANOS, SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

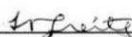
Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-graduação em Educação, Arte e
História da Cultura da Universidade
Presbiteriana Mackenzie como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre
em Educação Arte e História da Cultura.

Aprovada em: 19 de novembro de 2021

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Ingrid Hötte Ambrogi
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof.^a Dr.^a Laura Villares de Freitas
Universidade de São Paulo



Prof.^a Dr.^a Suzana Ramos Coutinho
Universidade Presbiteriana Mackenzie



©Pedro Daré, 2021

Para Sérgio e Pedro, com quem compartilho minha casa.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil), pelo apoio financeiro para a realização deste trabalho.

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Ingrid Hötte Ambrogi, pelo apoio e liberdade concedida para trilhar meu caminho na pesquisa.

À Prof.^a Dr.^a Laura Villares de Freitas e à Prof.^a Dr.^a Suzana Ramos Coutinho pelas orientações.

À Universidade Presbiteriana Mackenzie e aos seus professores na área de Educação, Arte e História da Cultura.

Ao Instituto Junguiano de São Paulo (IJUSP), que permitiu a realização desta pesquisa entre seus membros.

Aos amigos, Denis Canal Mendes, Cristiane Adamo, Patrícia Pires de Campos e Débora Martins pela colaboração e apoio.

Às amigas Silvana Parisi e Paola Vergueiro, pela ajuda nos caminhos teóricos.

Ao querido amigo Bruno Raszeja, que me ajudou em todas as dificuldades.

Ao meu marido Sérgio Daré Júnior, pelo incentivo de sempre ir adiante.

Ao meu filho Pedro Henrique Daré, pelas ilustrações e inspirações.

Finalmente, a todos os colegas do Instituto Junguiano de São Paulo que contribuíram com suas generosas respostas a esta pesquisa.

“Quando o abrigo é seguro, a tempestade é boa”

Henri Bosco (1993)

RESUMO

DARÉ, Paula Elisa Ricardo Serafim. **Um estudo sobre o significado da casa durante o período da pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, entre analistas junguianos, sob a perspectiva da psicologia analítica.** Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2021.

A presente pesquisa se propôs a realizar um estudo sobre o simbolismo da casa e as possíveis mudanças na ocupação de seus espaços durante a pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, com um grupo de analistas junguianos, na perspectiva da psicologia analítica. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. Os procedimentos técnicos utilizados abrangeram pesquisa bibliográfica sobre o tema, que envolveu estudiosos ligados à história da cultura, como Philippe Ariès e Georges Duby; filósofos que pensaram o habitar, como Gaston Bachelard e Martin Heidegger; as Obras Completas de Carl Gustav Jung e autores pós-junguianos. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de questionários e entrevistas, em uma instituição de formação de analistas junguianos, em São Paulo. Os objetivos da pesquisa voltaram-se a responder se o estabelecimento de uma nova cultura pode alterar fatores objetivos e subjetivos em relação à moradia bem como realizar uma leitura simbólica da casa. Como resultados deste trabalho, pudemos concluir que houve, para a amostra estudada, mudanças na ocupação e no significado dos espaços da casa. A pandemia trouxe uma nova cultura em relação à casa, cultura essa que tende a ser incorporada ao longo do tempo.

Palavras-chave: Casa. Simbolismo. Pandemia. Coronavírus SARS-CoV-2. Analistas junguianos.

ABSTRACT

DARÉ, Paula Elisa Ricardo Serafim. **A study on the meaning of the house during SARS-CoV-2 coronavirus pandemic, among Jungian analysts, from the perspective of analytical psychology.** Master dissertation. Post-graduate program in Education, Art and History of Culture. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2021.

The present research aimed studying the symbolism of the house and possible changes in the occupation of its spaces during the pandemic caused by the SARS-CoV-2 coronavirus, with a group of Jungian analysts, from the perspective of Jungian psychology. This is a qualitative, exploratory and descriptive research. The technical procedures used included bibliographic research on the subject, which involved scholars linked to the history of culture, such as Philippe Ariès and Georges Duby; philosophers who reflected on dwelling, such as Gaston Bachelard and Martin Heidegger; the Complete Works of Carl Gustav Jung and post-Jungian authors. Data collection was carried out through the application of questionnaires and interviews, in a Jungian analyst training institution, in São Paulo. The research objectives focused on answering whether the establishment of a new culture may change objective and subjective factors in relation to housing, as well as perform a symbolic reading of the house. From the results obtained, we were able to conclude that, for the studied sample, there were changes in the occupation and meaning of the spaces in the house. The pandemic brought a new culture to the home, a culture that tends to be incorporated over time.

Keywords: House. Symbolism. Pandemic. SARS-CoV-2 coronavirus. Jungian analysts.

LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS

Gráfico 1 – Tipo de moradia	56
Gráfico 2 – Gênero	57
Gráfico 3 – Escolaridade	57
Gráfico 4 – Estado civil.....	58
Quadro 1 – Grupos temáticos	66

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Pandemia	18
Figura 2 – Küssnacht	49
Figura 3 – A Torre de Böllingen.....	50
Figura 4 – Mundo digital	78

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	PANDEMIA E OS CAMINHOS DA HISTÓRIA	21
2.1	A PANDEMIA NO BRASIL.....	24
2.2	REFLEXÕES SOBRE OS EFEITOS DA PANDEMIA.....	26
3	A HISTÓRIA DA CASA NO OCIDENTE	29
3.1	CASAS BRASILEIRAS	32
3.2	A CASA PAULISTANA	34
3.3	A CASA COMO LUGAR SOCIAL	35
4	A CASA E A PSICOLOGIA ANALÍTICA	39
4.1	O MÉTODO JUNGUIANO	39
4.2	ALGUNS CONCEITOS JUNGUIANOS	40
4.3	ARQUÉTIPOS, SÍMBOLOS E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO	44
4.4	A CASA ARQUETÍPICA	46
5	METODOLOGIA	51
5.1	OBJETIVO GERAL.....	51
5.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	51
5.3	CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO.....	51
5.4	PROCEDIMENTOS TÉCNICOS.....	52
5.5	LOCAL DO ESTUDO.....	53
5.6	PERÍODO DO ESTUDO	53
5.7	POPULAÇÃO DO ESTUDO	53
5.8	COLETA DE DADOS.....	54
5.8.1	Questionários	54
5.8.2	Entrevistas	54
5.9	ANÁLISE DOS DADOS	55
5.9.1	Questionários	55
5.9.2	Entrevistas	55
5.10	CUIDADOS ÉTICOS.....	55
6	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	56
6.1	QUESTIONÁRIOS	56
6.1.1	Caracterização da amostra	56
6.1.2	Resultados	58
6.1.3	Análise dos resultados	62

6.2	ENTREVISTAS	64
6.2.1	Caracterização dos entrevistados	64
6.2.2	Grupos temáticos	65
6.2.3	Análise das entrevistas	81
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
	REFERÊNCIAS	89
	APÊNDICE 1 – Carta ao Presidente do Instituto Junguiano de São Paulo	97
	APÊNDICE 2 – Carta aos analistas para apresentação do questionário	98
	APÊNDICE 3 – Termo de Consentimento Informado Livre e Esclarecido (Questionário)	99
	APÊNDICE 4 – Questionário	101
	APÊNDICE 5 – Carta aos analistas para realização das entrevistas	102
	APÊNDICE 6 – Termo de Consentimento Informado Livre e Esclarecido (Entrevista)	103
	APÊNDICE 7 – Roteiro de entrevista	105
	ANEXO 1 – Parecer do Conselho de Ética em Pesquisa	106

1 INTRODUÇÃO

Trabalhar com pesquisa e produção de conhecimento sempre foi um campo de grande interesse para mim, embora as demandas da vida tenham me levado ao serviço público de saúde e ao trabalho como psicóloga clínica. Em 2010, visando aperfeiçoar a minha prática clínica, iniciei curso de formação de quatro anos para obter o título de Analista Junguiana, no Instituto Junguiano de São Paulo (IJUSP), onde pude participar de grupos em que temas de interesse eram estudados para apresentação em congressos, simpósios, jornadas e outros eventos. O envolvimento com o IJUSP prosseguiu quando, em 2018, fui convidada a fazer parte do grupo editorial da revista *Self*, publicação periódica daquele instituto. Essa atividade fez reacender o antigo sonho de trabalhar com produção científica, que se materializou com a entrada no programa de pós-graduação, em nível de mestrado, da Universidade Mackenzie.

O interesse pelo estudo tendo a casa como tema partiu de uma reforma realizada em minha própria casa, quando observei que as mudanças em sua estrutura refletiram em mim, levando a transformações. O primeiro projeto de pesquisa tinha a finalidade de estudar a interface entre a psique e a moradia, esse campo no qual a subjetividade ganha contornos na materialidade da casa. Mas, logo no começo das aulas, eclodiu a pandemia do vírus SARS-CoV-2, que tornou a casa uma das protagonistas da situação, uma vez que as pessoas deveriam ali permanecer sempre que possível. Considerando que estudar sobre o nosso próprio tempo é uma maneira importante de refletirmos sobre o modo de funcionamento da vida cotidiana e que somente pensando no presente, poderemos nos encaminhar a um futuro mais consciente, decidi adaptar o projeto inicial, de modo a contemplar o que estava acontecendo a todos nós.

O estudo da história contemporânea, em especial os aportes teóricos advindos da história das mentalidades, oferece material para avaliarmos tendências e analisarmos o presente. No início do século XX, na França, a Escola de Annales desenvolve uma nova linha de pensamento a respeito do estudo da história. Reunindo um grupo de historiadores ligados à Revista Annales (1929), dentre os quais Lucien Febvre e Marc Bloch, esse movimento propõe a pesquisa histórica interdisciplinar e amplia o entendimento da história, para além da compreensão da ação de indivíduos particulares, de modo a abarcar as relações culturais, psicológicas e sociológicas. As

ideias então defendidas incluíam a substituição da narrativa orientada por uma história problema e a valorização de todas as histórias e não somente daquela ligada à política (BURKE, 1990). Segundo Febvre (1978), a história por muito tempo deteve-se apenas na vida dos reis, príncipes e conquistadores, esquecendo-se da psicologia das massas. Para o autor, a psicologia deve atender-se para a relação entre o homem e o meio social, para o que ele chamou de psicologia coletiva e, depois, deve voltar-se para a “psicologia específica ou psicofisiologia” e, por fim, relacionar esses dois aspectos – a “psicologia diferencial” (FEBVRE, 1978, p.113).

Para a realização desta pesquisa, além de levarmos em conta aspectos da história da cultura, fizemos uma leitura baseada na psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Jung nasceu em 1875, na Suíça, e se formou em medicina em 1900. Foi influenciado pelo romantismo alemão que reforçava a ligação do homem com seu passado e considerava as transformações da história como um fenômeno psíquico resultante da ação do homem. Desta forma, relaciona a história às transformações da psique coletiva (VALENTE, 2006). O homem, para Jung, leva consigo além de sua história pessoal um arcabouço arquetípico que pode ser acionado pelos eventos vividos. A visão junguiana de cultura reflete as mudanças de sua época e dialoga com os estudos da Escola de Annales, que enfatiza a importância da interação entre o pessoal e o coletivo.

O mundo contemporâneo está imerso em uma teia de complexidades que o caracterizam. O tempo tecnológico e digital é muito rápido, e essa rapidez faz com que as novas informações se acumulem, gerando aumento da ansiedade, pois o tempo psíquico não caminha na mesma velocidade. Estudar o universo da história contemporânea é estudar a vida em movimento, diferentemente do estudo de um período histórico do passado, em que os detalhes, muitas vezes, são difíceis de serem mapeados e compreendidos, e é preciso valer-se de traços, indícios e fragmentos. A realidade imediata nos impede de olhar os fenômenos de longe, e exige que aproximemos nossas lentes a fim de discernir o particular, o subjetivo.

De outro lado, para estudarmos a casa precisamos nos aproximar da história da cultura, pois o modo de morar reflete os valores e as necessidades de determinados períodos. Ao nos debruçarmos sobre a história da casa no Ocidente, percebemos idas e vindas de costumes, que nos parecem inovações, mas que, no fundo, são tão somente novas versões de outros costumes muito antigos. Segundo Hobsbawm (2020), uma nova tradição só se estabelece quando grandes movimentos

ocorrem. As transformações sociais, por vezes, criam vácuos que necessitam ser preenchidos pela reinvenção de tradições que construam a coesão social. Os conceitos de vida privada e vida cotidiana se interpenetram, pois, as paredes da casa são permeáveis às mudanças na sociedade e na cultura.

Ethos é uma palavra de origem grega que significa habitar. Há dois tipos de grafia para esse termo: *éthos* e *êthos*, sendo que *êthos* diz respeito a habitar, ao passo que *éthos* está ligado a hábitos e costumes (RIBEIRO, 2018). A proximidade dos radicais nos permite fazer a relação entre a casa, local que habitamos, e os hábitos que desenvolvemos, com *êthos* e *éthos* se influenciando mutuamente. Para Ribeiro (2018), há uma moldagem recíproca e contínua entre o lugar, o comportamento e a subjetividade.

Em todas as moradias, seja ela debaixo de uma ponte, seja uma casa de alto padrão, podemos ver itens que reconhecemos como casa: um sofá, um fogareiro, um lugar para se deitar (ZABALBEASCOA, 2013). Esse núcleo se mantém e se repete em todos os lugares, e prioridades são estabelecidas de acordo com o espaço geográfico, o clima e a cultura. “Pode-se conhecer a história da civilização tanto pela análise de suas batalhas como pela observação de seus hábitos privados” (ZABALBEASCOA, 2013, p.149).

Segundo Melo (2007), o espaço físico pode ser habitado por pessoas diferentes, mas o que marcará a diferença é o espaço vivido. O homem, desde os primórdios, buscou lugares para se abrigar, para passar a noite protegido de possíveis predadores e perigos. A casa como a evolução natural desse abrigo primordial, traz consigo, associativamente, conteúdos bastante arcaicos do homem, que se relacionam a recolhimento e proteção. Para Barcellos (2020), a casa e a função de habitar são arquetípicas, ou seja, faz parte de uma das características humanas universais e atemporais. Nossa primeira morada é o corpo materno, onde os símbolos de proteção e fronteira com o mundo exterior também estão configurados. Nos testes psicológicos projetivos, como o *House – Tree – Person Test*, assim como nas imagens dos sonhos, a casa/moradia é um lugar que delimita o exterior e o interior e pode representar, analogamente, a maneira como o indivíduo se relaciona com os mundos interno e externo (HAMMER, 1991).

A casa, sua organização e a forma como o indivíduo ocupa seus espaços indicam preferências, escolhas e, mesmo naquelas situações nas quais os recursos financeiros são limitados, tais escolhas podem refletir o morador, mesmo que

compensatoriamente. Segundo Ammann (2002), assim como a casa, temos diferentes formas de nos apresentarmos. A autora refere-se ao conceito junguiano de persona, que diz respeito à forma como nos mostramos ao mundo e somos percebidos pelos outros. Da mesma maneira que a casa, temos características que estão voltadas para o exterior e outras voltadas para a intimidade. Na arquitetura ocidental, por exemplo, destaca-se a fachada, enquanto na arquitetura oriental, busca-se ocultá-la em sinal de modéstia (ZABALBEASCOA, 2013).

O espaço da casa refere-se ao lugar da intimidade e da familiaridade, que pode estender-se para além de nossos portões, pois nosso bairro e nosso caminho diário também se tornam locais em que nos sentimos em casa, uma vez que se constituem por meio da construção de hábitos e costumes. Para Heidegger (2006), pontes e estradas são construções, não habitações, mas construir nos permite criar lugares dentro de espaços. De acordo com Bollnow (2008), a casa estaria enraizada em um espaço que, em última instância, seria a pátria e, portanto, pátria e casa se unem metaforicamente. A casa contém em si tudo aquilo que nos pertence, possui um poder integrador e de recolhimento (BACHELARD, 1993).

Segundo Santos, “cada lugar é, à sua maneira, o mundo” (SANTOS, 2017, p. 314), em que referências são compartilhadas, criando uma vida comunitária, e essa segurança permite que os indivíduos achem o que é particular e pessoal dentro do que é comum. Mircea Eliade (1992), por sua vez, considera haver uma ligação entre casa, corpo e universo, de tal modo que o homem repete os padrões de organização do cosmos na escala humana. Para esse autor, houve, ao longo da história, uma dessacralização do habitar, transformação essa ocorrida a partir da industrialização e que acompanhou a desvalorização do planeta. De qualquer forma, algumas características do homem arcaico permanecem em nós.

Gaston Bachelard, chamou de topoanálise o “estudo psicológico sistemático de nossa vida íntima” (BACHELARD, 1993, p. 28). Para o filósofo, a casa nos fornece imagens e metáforas, levando-nos ao habitar dentro de nós: como guardamos, como resistimos, como ocupamos espaços, como estabelecemos limites. A casa natal, a casa vivida na infância, cria em nós uma espécie de arquitetura e todas as outras casas serão variações desta primeira estrutura.

Segundo Ariès (1991), as características das sociedades medievais, organizadas em torno das corporações de ofício e da linhagem, vão se desfazendo no final da Idade Média. A sociedade chega em fins do século XVIII e início do século

XIX, com a população se tornando anônima em seu espaço privado. A industrialização leva o trabalhador para as fábricas e, no século XX, vamos ver uma especialização dos espaços de trabalho. O desejo de ganhar mais e ter regularidade nos ganhos leva os indivíduos a procurar trabalho fora de casa. O lugar de trabalhar ganha um espaço físico e pode-se dizer que a busca por um local de trabalho fora de casa refletia o anseio por uma vida privada. Os rendimentos do trabalho, antes obtidos de modo coletivo, na guilda ou no comércio familiar, passam a ser individuais. Se um estabelecimento estivesse fechado, não adiantaria mais bater, o comerciante ou profissional já estaria em outro lugar. Tempo e espaço adquirem novas dimensões (PROST, 2009). No final do século XX e início do século XXI, a tecnologia vai revertendo o que se conquistou como espaço privado, uma vez que os dispositivos eletrônicos colocam o trabalhador acessível, mesmo fora do trabalho, e as mídias sociais compartilham o privado tornando-o público.

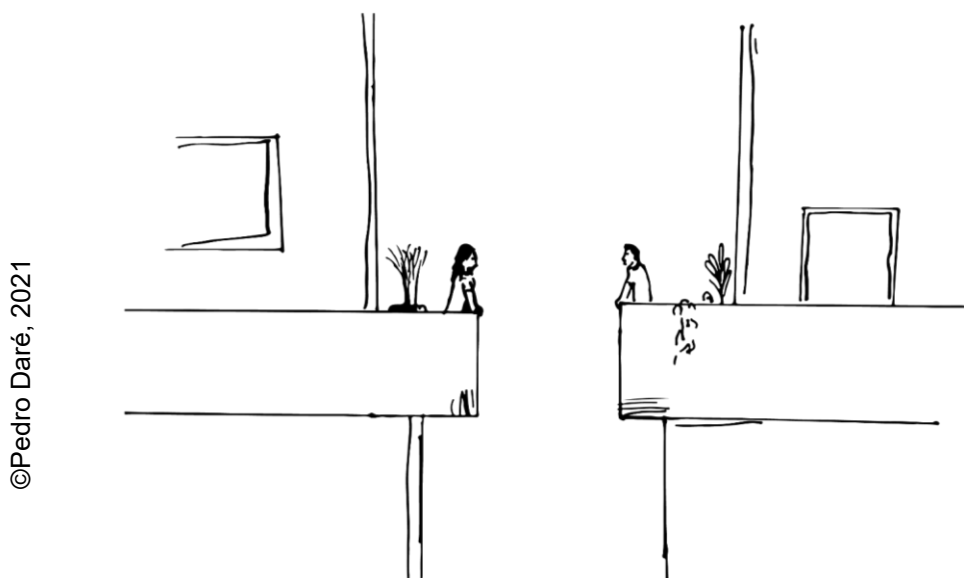
A população mundial vem se multiplicando, mas a qualidade de vida não é igualmente distribuída, fato que ocorre em todo o mundo (SANTOS, 2014). Esse crescimento e a globalização transformam costumes e interferem no meio ambiente. O aquecimento global, o desmatamento e a necessidade de produção de alimentos são fenômenos interligados que impactam o ecossistema e levam a uma maior probabilidade do aparecimento de novas pragas. O risco de pandemias é aumentado em razão do maior trânsito entre os países e da urbanização. A aglomeração de pessoas nas grandes cidades facilita a transmissão de doenças (IAMARINO; LOPES, 2020).

Durante o planejamento deste trabalho, eclodiu na China a Covid-19, nome oficial da doença provocada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2. Do acrônimo inglês COVID (de *coronavirus disease*), o termo faz ainda referência ao ano em que a doença foi identificada (2019). A doença é causada pela infecção do coronavírus que recebeu o nome de SARS-CoV-2 – sigla do inglês para **Severe Acute Respiratory Syndrome** –, pois é semelhante ao coronavírus que circulou entre 2002 e 2003, atualmente chamado de SARS-CoV-1. Foi considerada uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde em 11 de março de 2020 (IAMARINO; LOPES, 2020). A doença, de alto grau de contágio, fez com que os países, inclusive o Brasil, tomassem medidas sanitárias visando o isolamento social. Dentre elas, a orientação para que as pessoas permanecessem em suas casas o maior tempo possível. De modo repentino, a casa virou um *bunker*: ela nos protege e nós a protegemos do

contágio por meio de medidas higiênicas. Embora tenha-se convencionado chamar de “isolamento social” ao comportamento de ficar em casa e evitar locais públicos, ao longo da execução da pesquisa percebemos que o objetivo do isolamento social é nos manter em um distanciamento físico, pois o contato virtual através das plataformas digitais nos mantém em atividade social. Tendo isso em vista, ao longo do texto chamaremos de distanciamento físico a atitude de nos proteger do contágio.

No período da pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, em que o distanciamento físico foi maior, era comum vermos pessoas nas janelas ou em suas varandas, olhando ou interagindo com o mundo lá fora (Figura 1). Por meio do corpo da casa nos relacionamos com o mundo.

Figura 1 – Pandemia



Como problema de pesquisa nos interessa investigar se, durante a pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, houve mudanças na ocupação e no significado dos espaços da casa/moradia, observando os aspectos simbólicos que estão vinculados à casa e à ocupação de seus espaços.

As relações humanas se estabelecem em espaços, sejam eles públicos, sejam privados. O presente trabalho se justifica, pois o estudo de como esses locais interferem no comportamento e refletem a cultura pode propiciar intervenções sociais, educativas e culturais que melhorem a vida das pessoas.

Para a realização deste trabalho, foi utilizada uma amostra de conveniência, de livre acesso por parte da pesquisadora. A escolha desse modelo de amostra

fundamenta-se no próprio período que estamos vivendo, durante o qual o encontro com as pessoas tornou-se difícil devido ao distanciamento físico, uma forma de se evitar o contágio pelo coronavírus SARS-CoV-2. Assim, a abordagem do grupo profissional vinculado à pesquisadora – analistas junguianos ligados ao Instituto Junguiano de São Paulo (IJUSP) – foi um facilitador para a realização da pesquisa.

O Instituto Junguiano de São Paulo (IJUSP) é uma entidade sem fins lucrativos que representa na cidade de São Paulo a Associação Junguiana do Brasil (AJB). A AJB foi aceita em 1997 para integrar a *Internacional Association for Analytical Psychology* (IAAP), com sede em Zurique, instituição que autoriza a formação de analistas junguianos de acordo com uma série de critérios de qualidade técnica. A AJB e o IJUSP têm como missão a formação de analistas e a divulgação da psicologia analítica. O grupo que constitui a amostra é constituído por profissionais que, além de serem cidadãos comuns, são interlocutores de muitas histórias e filtros das questões emergentes na sociedade.

O modo acelerado da vida contemporânea e a perda de tempo no trânsito e no transporte público fez com que pouco habitássemos a casa (SOUZA, 2019). O século XXI caracteriza-se pelo desempenho, pela produtividade (HAN, 2016) e por um ritmo constante que faz com que o repouso seja sempre adiado. Com a situação da pandemia da Covid-19 e a recomendação para que a população ficasse em casa, sempre que possível, houve uma alteração do tempo de permanência em casa, inclusive das crianças em razão do fechamento das escolas. A hipótese deste trabalho é que o maior tempo de permanência em casa pode ter transformado a ocupação dos espaços e ressignificado a relação dos indivíduos com sua casa.

No capítulo 2, “Pandemia e os caminhos da história”, apresentamos um panorama histórico sobre as pandemias, correlacionando-as com o momento atual. No capítulo 3, “A história da casa no Ocidente”, fazemos um percurso em forma de funil, passando pelas origens da casa no Ocidente, a casa brasileira e finalmente chegando à casa paulistana, com suas peculiaridades. No capítulo 4, “A casa e a psicologia analítica”, abordamos o modelo científico junguiano de pesquisa, com alguns conceitos da psicologia analítica correlacionados a esta pesquisa e oferecendo uma explanação sobre a casa como uma representação da psique. No capítulo 5, descrevemos a metodologia empregada neste estudo. Em seguida, no capítulo 6, “Discussão e análise dos Resultados”, são apresentados os dados de análise e

resultados observados na pesquisa de campo. As “Considerações finais”, capítulo 7, concluem este trabalho.

2 PANDEMIA E OS CAMINHOS DA HISTÓRIA

Etimologicamente, pandemia significa “todo o povo” (FERREIRA, 2009). Palavra de origem grega foi usada pela primeira vez pelos filósofos Platão (428 – 347 a.C.) e Aristóteles, (384 – 322 a.C.) e referia-se, de modo genérico, a acontecimentos que poderiam alcançar toda a população. Galeno (129 – 200 d.C. aproximadamente) fez uso do termo “pandêmico”, associando-o a patologias de caráter epidêmico, mas de grande disseminação (REZENDE, 1998). O que caracteriza a epidemia é haver um grande número de doentes com a mesma patologia, em um período curto de tempo. Na endemia, palavra derivada do grego *Endemos*, que significa referente a um país, há um número não tão expressivo de casos, em um tempo mais prolongado, em uma mesma região. A pandemia, por sua vez, alcança dimensões continentais, e seu impacto normalmente envolve mudanças e transformações nos lugares em que ocorre (REZENDE, 1998, 2009).

Condições sanitárias estão sempre ligadas às epidemias e pandemias, e as intervenções para combatê-las dependem do conhecimento existente e das diretrizes que os governantes estabelecem, em cada período histórico (BARATA,1987). Há relatos antigos de doenças com grande grau de contaminação, como a peste de Atenas, ocorrida em 428 a.C.; a peste de Siracusa, em 396 a.C.; a peste Antonina, no século II d.C. em Roma; a peste do século III, que começou no Egito e se espalhou pelo Império Romano entre 251 e 266 d.C.; a peste Justiniana, no ano de 542 d.C., que atingiu países asiáticos e europeus; e a peste negra, no século XIV, que teve início na Ásia Central e se espalhou pela Europa (REZENDE, 1998, 2009). Mas foi durante a Antiguidade e a Idade Média que houve um crescimento desses fenômenos, o que sugere que tais epidemias e pandemias estavam vinculadas à mudança da produção feudal para a produção capitalista (BARATA,1987).

Durante a peste negra, havia um certo conhecimento sobre o contágio, mas a mentalidade medieval ligava o desenvolvimento da doença a possíveis pecados cometidos (BARATA,1987; LE GOFF; TRUONG, 2014). No século XIV, a prática da quarentena – isolamento por quarenta dias – já era realizada e requerida principalmente de marinheiros que tivessem estado em áreas de muita contaminação, antes de adentrarem as cidades de origem. Outra medida profilática era o sepultamento ou incineração dos corpos, o que evitaria a decomposição a céu aberto. O saneamento das cidades e habitações também era realizado. No século XIX,

investigações já levantavam a hipótese de que as causas das epidemias eram sociais, políticas e econômicas (BARATA, 1987).

As consequências de uma pandemia não são desconhecidas: a gripe espanhola (1918-1920) provocou problemas econômicos, falências e grande redução na produção (MELO FILHO, 2020). É possível que a enfermidade tenha se originado na China, mas recebeu o nome de espanhola em razão de ser a Espanha o país que divulgava informações sobre a doença (COSTA; MERCHAN-HAMANN, 2016). Trata-se da pandemia de influenza que matou mais pessoas até o momento, entre 20 e 50 milhões em todo o mundo, o dobro de mortes da Primeira Guerra Mundial. Chegou ao Brasil em 1918 com o navio inglês Demerara, e as autoridades brasileiras, na época, não sabiam lidar com o problema e duvidaram do alastramento da doença no país que, entre setembro e novembro de 1918, enfrentou graves problemas sanitários, desordem política e social. Estima-se que 65% da população brasileira foi infectada e que 35 mil morreram, considerando-se, todavia, que muitos óbitos não foram notificados. Outro fato digno de nota é que, durante a pandemia, em São Francisco nos EUA, pessoas cansadas das restrições fizeram um movimento contra as máscaras que eram usadas para prevenir a contaminação. Reivindicando que a vida voltasse ao “normal”, cerca de duas mil pessoas chegaram a organizar uma manifestação em 25 de janeiro de 1919 (IAMARINO; LOPES, 2020). A história parece familiar, em razão dos recentes acontecimentos ligados à Covid-19.

Tivemos outras pandemias desde então: a gripe Asiática, em 1957-1958, e a gripe de Hong Kong, de 1968-1969. A mais recente foi a gripe A (H1N1) em 2009 (COSTA; MERCHAN-HAMANN, 2016). Até que, em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) conferiu o status de pandemia a uma doença surgida na China. Tratava-se da infecção pelo coronavírus SARS-CoV-2, que foi denominada Covid-19 e se mostrou capaz de evoluir para uma síndrome respiratória aguda, levando milhões de pessoas à morte.

Entre os anos de 2013 e 2017, a China já havia passado por alguns surtos (aumento do número de casos de uma doença dentro de uma área restrita) causados pela Influenza A (H7N9). O surto de SARS entre 2002 e 2003 foi mantido em sigilo pelo governo chinês, o que causou muita desconfiança internacional (IAMARINO; LOPES, 2020).

A pandemia do coronavírus SARS-CoV-2 teve início na cidade de Wuhan. Em 31 de dezembro de 2019, a China relatou o novo surto, informando à OMS sobre a

existência de muitas pessoas com sintomas similares a uma pneumonia, mas de etiologia desconhecida. Supõe-se, todavia, que essa informação já fosse conhecida há mais tempo. Quando o médico oftalmologista Li Wenliang alertou colegas que algo estava acontecendo, foi advertido/ameaçado pelo governo chinês e, em pouco tempo, morreria por ter-se infectado com o vírus. No dia 7 de janeiro de 2020, a China anunciou que havia descoberto que as infecções eram causadas por um coronavírus – grupo de vírus que apresenta o formato de uma coroa.

Os chineses sequenciaram o genoma do novo vírus e o compartilharam com o mundo científico (CHOMSKY, 2020). Como houve precedentes, como o SARS-CoV (2002), a gripe aviária por H5N1 (2005), a H1N1 (2009), o MERS-CoV (2012) e o Ebola (2014), cuja disseminação foi controlada com relativo sucesso, o mundo não se deu conta das proporções que a nova infecção poderia alcançar (TOSTES; MELO FILHO, 2020, p.11). O vírus, no entanto, se espalhou rapidamente: o primeiro caso no Japão foi identificado em janeiro, seguido por Coreia do Sul, Taiwan, Cingapura e Estados Unidos em pouquíssimo tempo (SACHS, 2020). O que era uma epidemia na China caminhou rapidamente para uma pandemia. O grande trânsito de pessoas ao redor do mundo tornou-se o principal meio de disseminação da infecção (POCHMANN, 2020).

Em tese, o surgimento de uma pandemia dessas proporções não deveria ser uma surpresa. O capitalismo desenvolveu-se apartado das preocupações com a natureza, embora ambientalistas já fizessem alertas há mais de cinquenta anos. Políticos e pesquisadores possuíam a informação sobre uma ameaça de pandemia causada por um vírus respiratório, mas como não se sabia exatamente quando essa situação poderia eclodir, as práticas preventivas foram sempre adiadas. Segundo Melo Filho (2020), a Covid-19 é fruto de repetidas omissões dos governos, pouco preocupados com a exploração desmedida do meio ambiente, a contaminação da água e a criação de animais em más condições. Esses fatores contribuiriam, inclusive, para a emergência de mutações virais.

A constatação das dimensões pandêmicas do novo vírus colocou os países diante do desafio de diminuir a curva de contágio para que o sistema de saúde pudesse dar conta do atendimento aos doentes. O único modo eficiente de fazer isto seria o distanciamento físico. Os países do Leste Asiático, que já haviam passado por surtos virais, como Cingapura, Hong Kong e Taiwan, estavam mais preparados e foram rápidos na testagem de pessoas, sendo mais eficazes em isolar os infectados

(SACHS, 2020). O rastreamento da doença foi, todavia, objeto de críticas como a de Agamben (2020), que alertou para o fato de que tal mecanismo de proteção contra a disseminação do vírus poderia significar o controle das liberdades individuais pelo Estado. No que se refere ao cuidado dos enfermos, o mundo não demorou a perceber o quanto dependia da China para se abastecer e o quanto precisava daquele país, principal fornecedor de insumos médicos e respiradores, para tratar a própria pandemia (CÓRDULA, 2020).

2.1 A PANDEMIA NO BRASIL

O primeiro caso de Covid-19 identificado no Brasil foi em 26 de fevereiro de 2020, portanto, um mês e dezessete dias após a China ter feito o comunicado à OMS sobre a doença (REIS JUNIOR, 2020). No mês de abril de 2020, havia 15 milhões de infectados no mundo. Os Estados Unidos reportavam 1,5 mil mortes somente em Nova York; a França contava 5 mil mortos e a Itália estava perto dos 14 mil. Nesse momento, o Brasil registrava 300 mortes e 8 mil infectados (MANDETTA, 2020). Mas isso seria somente o começo.

A transmissão se iniciou nos bairros nobres e, das áreas metropolitanas, estendeu-se para interior, sempre provocando um alto número de mortes. Nas cidades menores, embora a transmissão do vírus tenha sido mais lenta do que nos grandes aglomerados urbanos, os leitos disponíveis eram rapidamente ocupados. A consequente falta de recursos para tratamento exigia que muitos dos pacientes fossem atendidos nas grandes cidades, nas quais as vagas hospitalares eram também disputadas. A falta de políticas públicas comuns tornou as coisas mais difíceis. Os surtos virais ocorridos desde 2002, embora de forma mais localizada, mostraram sinais de alerta que foram sistematicamente ignorados.

Em setembro de 2020, perdíamos, em média, 800 vidas por dia (IAMARINO; LOPES, 2020) em decorrência da Covid-19. Em novembro de 2020, quando a Europa enfrentava a segunda onda de contaminações, o Brasil contava com 165.658 mortos e, em janeiro de 2021, chegamos à triste marca de mais de 200 mil mortes (BRASIL – MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020/2021).

A pandemia deixou claro que a casa e a saúde andam juntas ou pelo menos deveriam. Locais de moradia precários, com esgotos a céu aberto e falta de água, levam a uma situação de difícil controle do vírus. Dados da Fundação Getúlio Vargas

(FGV) indicam que o Brasil tem 8 milhões de famílias e 24 milhões de pessoas – 12% da população – vivendo em moradias inadequadas; 35 milhões de pessoas – 16% da população – sem abastecimento regular de água; e 100 milhões de pessoas – 47% da população – sem coleta de esgoto (RAMALHOSO,2020).

Essa situação se agrava nas nossas favelas ou comunidades, onde é praticamente impossível manter o distanciamento físico dentro de espaços exíguos, com várias pessoas dividindo um mesmo cômodo. Todavia, foi justamente ali que pudemos observar medidas de prevenção e de apoio coletivo resultantes de um processo de organização da própria população. Como exemplo, podemos citar Paraisópolis. Essa é a segunda maior comunidade de São Paulo, com cerca de 100 mil habitantes. Ali, a associação de moradores solicitou ao governo estadual o uso das escolas públicas para isolamento dos doentes, de modo a conter a disseminação do vírus. Além disso, foram designados os chamados “presidentes de rua”, que ajudam, orientam e distribuem cestas básicas. Essas foram ações colaborativas, envolvendo poucos recursos, que colocaram Paraisópolis em melhores condições do que outros bairros de São Paulo (PARAISÓPOLIS, 2020).

Vale lembrar que as comunidades estão, muitas vezes, sob o jugo do tráfico de drogas ou dos milicianos. Segundo um estudo realizado pelos economistas Raphael Bruce, Aleksandros Cavgias e Luís Meloni, no Rio de Janeiro, houve menos internações e mortes nas áreas controladas pelo tráfico de drogas do que naquelas controladas pelos milicianos. A explicação é que, como os milicianos exploram o comércio local, não incentivaram o distanciamento social nem o fechamento do comércio quando necessário. O tráfico, por sua vez, impôs toque de recolher e distanciamento social, uma vez que, se ficassem doentes, necessitariam de internação e poderiam ser identificados (CARIELLO, 2020).

O distanciamento físico, necessário para a contenção da pandemia, atingiu diferentemente as várias classes sociais, impactando especialmente a população mais vulnerável. Assim, por exemplo, com o comércio fechado, os vendedores ambulantes perderam seus pontos de venda e sua possibilidade de subsistência. Por sua vez, os entregadores de alimentos, que garantiram a quarentena de muitos, ficaram mais expostos ao vírus. Exatamente eles, desprotegidos pelo Estado devido à “uberização” do trabalho, foram os que mantiveram parte da economia de serviços circulando.

Sem dúvida, a classe empresarial e a classe média encontraram muitas dificuldades durante a pandemia, mas é válido afirmar que tais contratemplos não se comparam a armários desbastecidos de alimentos ou à escolha entre proteger a vida ou morrer de fome: “A pandemia não mata tão indiscriminadamente como se julga” (SANTOS, 2020, p. 23).

2.2 REFLEXÕES SOBRE OS EFEITOS DA PANDEMIA

É possível dizer que o enfrentamento da Covid-19 nos colocou diante de alguns paradoxos. Segundo Santos (2020), o advento da pandemia pelo SARS-CoV-2 tornou possível aquilo que antes parecia impossível, como fechar fronteiras, cerrar as portas do comércio e sair de casa o mínimo possível. Exigiu mudanças na rotina das pessoas e fez perceber que poderíamos mudar o modo de vida que levamos e que considerávamos inquestionável. Podemos viver sem consumir desenfreadamente, criando alternativas para responder às nossas necessidades sem nos curvarmos ao apelo de um sistema que nos diz o que é uma diversão adequada e sem a qual nos sentimos deprimidos. Contudo, apesar da possibilidade de adoção de uma nova atitude, a presença invisível do vírus tirou de nós todas as certezas e a segurança. Uma crise mundial começou a se configurar. Se, de um lado, a pandemia nos colocou em comunhão, pois o mundo todo passava pelos mesmos dissabores, de outro, condenou ao isolamento. Uma das lições da pandemia talvez aponte na direção da cooperação entre os povos, mas como fazer isso num país como o Brasil, por exemplo, no qual a proliferação de *fake news* é massiva em uma atitude autofágica?

Vimos que a diminuição da atividade produtiva teve um impacto negativo na economia, mas houve, também, consequências positivas, como a redução da poluição. Um especialista da qualidade do ar da agência espacial dos EUA – NASA – afirmou que nunca se tinha visto uma quebra tão dramática da poluição em uma área tão vasta (SANTOS, 2020).

Quererá isso dizer que no início do século XXI a única maneira de evitar a cada vez mais iminente catástrofe ecológica é por via da destruição maciça da vida humana? Teremos perdido a imaginação preventiva e a capacidade política para a pôr em prática? (SANTOS, 2020, p. 7)

Outro aspecto a ser considerado diz respeito ao trabalho, em especial àqueles mais intelectuais e/ou burocráticos. Nesses casos, a pandemia nos legou o assim chamado *home office* ou trabalho remoto e essa foi a solução para que muitos dessem continuidade às suas atividades profissionais. Segundo Assis (2020), uma mentalidade com resquícios escravocratas não havia permitido pensar, anteriormente, nessa alternativa. Verificou-se, todavia, que muitos trabalhadores se tornaram mais produtivos, não tendo que perder tanto tempo no percurso até o trabalho (ASSIS, 2020). Tornou-se patente que inúmeras e intermináveis horas poderiam ser poupadas se os recursos tecnológicos pudessem ser usados com maior frequência. Em seu aspecto negativo, o trabalho remoto começou logo a avançar em períodos em que o indivíduo estaria com a família; os profissionais começaram a ser demandados em excesso, e a jornada de trabalho se estendeu, tanto para o empregador como para o empregado (POCHMANN, 2020).

Domenico de Masi, em seu livro *O ócio criativo* (2000), discorreu sobre o tempo que, com o advento da tecnologia, poderia ser poupado ao trabalho e destinado ao cultivo da subjetividade. Quando a pandemia começou, parecia que haveria mais tempo disponível para o aprendizado e o entretenimento. Não foi o que aconteceu. O tempo foi empregado em produzir cada vez mais. De fato, com o auxílio da tecnologia, houve uma imensa oferta de *lives*, palestras, cursos e *shows on-line*, entretanto, em pouco tempo, já havia sinais de trabalhadores sobrecarregados com o acúmulo de tarefas, inclusive com o *home learning* dos filhos. No então considerado tempo livre, passou-se a buscar orientações sobre como lidar com os filhos em tempo integral em casa, houve uma corrida atrás das palestras oferecidas gratuitamente e, de repente, vimo-nos em um movimento maníaco da sociedade do desempenho, expressão cunhada pelo filósofo Byung-Chul Han (2016).

O trabalho remoto trouxe consequências também em termos das habitações. De acordo com o Sindicato da Habitação de São Paulo (SECOVI), o mercado imobiliário apontou nos últimos anos o crescimento de moradias cada vez menores, com os apartamentos chegando a medir até 10 m². Essa seria uma maneira de reduzir os custos de morar mais perto do centro das cidades, evitando grandes deslocamentos. Também atenderia ao aumento do número de pessoas que vivem sozinhas e de casais sem filhos (VIEIRA, 2017). Antes da pandemia, tal ideia parecia fazer algum sentido. Todavia, a exigência de um espaço de trabalho dentro de casa pode levar a mudanças dessa perspectiva.

A aceleração do tempo parece nos consumir seja lá onde estivermos. O trabalho gera o capital às custas da nossa própria exploração e da exploração do meio ambiente. Segundo Reis Junior (2020), esse avanço desmedido do ser humano sobre os recursos ambientais causa danos a nossa própria sobrevivência, e a Terra, como um ser vivo, adoece, a temperatura em todo o planeta se eleva (efeito estufa) e a pandemia parece ser uma reação a essa conduta viral humana.

E a vida pós-pandemia? Momentos de crise são oportunidades para repensarmos aquilo que precisamos ter para alcançar uma vida de qualidade? Até onde o custo de danos ambientais nos levará? Voltaremos a um consumo acelerado ou, a partir de agora, consumiremos de forma mais consciente? Economizaremos nosso tempo estrategicamente ou permaneceremos engolidos pela aceleração?

Pensar em produtos duráveis talvez possa contribuir com a solução, como os sapatos de cromo alemão do meu avô e que brilharam a vida toda, do qual trocávamos apenas a meia sola. Ou seja, que tal um celular que não precisa ser trocado, com baterias que não envenenam o planeta? Existem pessoas hoje no mundo, químicos e designers que dedicam suas vidas a substituírem todos os produtos tóxicos por outros não tóxicos ou orgânicos, e com design que possa durar a vida toda e se transformar em outros objetos (CÓRDULA, 2020, p. 82).

No dia 8 de maio de 2020, passo pela rua do ambulatório onde trabalho, de máscara e álcool gel em punho, e vejo no chão um morador de rua. Está frio e lá ele se mantém coberto, indiferente ao vírus, já acostumado à sua quarentena de privações. A pandemia nos mostrou que o único modo de estarmos protegidos seria todos termos melhores condições. Se a sociedade contemporânea privilegia as necessidades individuais, a Covid-19 nos avisa que uma sociedade com abismos econômicos tira a segurança de todos (MOREIRA, 2020).

3 A HISTÓRIA DA CASA NO OCIDENTE

O ser humano sempre procurou abrigos nos quais o descanso poderia se dar de forma relativamente protegida. Mesmo os povos nômades buscavam encontrar, ao longo de seus trajetos, lugares onde pudessem se reorganizar até uma nova partida. Quando grupos foram se estabelecendo em um espaço geográfico, vínculos entre as pessoas e o lugar passaram a ser criados e cada local tornava-se particular, em relação a outros, à medida em que fosse habitado.

No Oriente Próximo, durante o longo processo de difusão da cultura neolítica, é possível seguir a gênese da casa, habitat do homem. Já por volta do ano 10000 a.C. com a civilização natufiana, surgem as aldeias, sinal do início da sedentarização. Do ano 8300 a.C. ao ano 7600 a.C., graças a testemunhos como a aldeia de Mureybet do Eufrates, assiste-se a progressivas transformações arquitetônicas das casas e dos conglomerados. Depois do ano 7600 a.C., com o crescimento da população na Síria na Palestina, aumenta também a importância das aldeias, delineando-se assim uma nova etapa dessa evolução (RIES, 2020, p. 298).

A casa originou-se em torno do fogo como centro organizador, utilizado para aquecer, cozinhar e iluminar. À medida que o fogo foi dominado, perdeu sua conotação mística e afastou-se do centro da casa (RODRIGUÊS, 2016).

A casa se torna para nós, além de sua realidade concreta e material, o lugar subjetivo no qual uma matéria invisível, mas não menos real, é construída na tessitura de relações que nela e com ela se estabelecem. No famoso texto de Heidegger (2006), *Construir, Habitar, Pensar*, o autor considera que pensar é a essência do construir, pois para construir temos que nos deixar habitar pelo lugar. Segundo o autor, na língua alemã antiga construir significava também habitar e ser. Segundo Rybczynski (1996), a casa se torna um lar quando reúne, em termos de significado, a casa objetiva e a casa subjetiva.

Aquilo que se define como privado é particular de cada sociedade e a moradia se transforma dentro de um contexto histórico, político e cultural. Assim, por exemplo, nas cidades gregas, as casas eram modestas, o suntuoso estava reservado aos espaços públicos. No Império Romano, por sua vez, não havia água nas casas, a não ser para poucos privilegiados. Os aquedutos abasteciam fontes e banhos públicos. As casas contavam com uma abertura no teto para saída da fumaça provocada pelo fogo. As latrinas eram coletivas, e poucos móveis eram disponíveis. A vida ocorria nos

vazios centrais das casas dos moradores mais abastados. Os espaços para dormir, por outro lado eram pequenos e sem janelas (THÉBERT, 2009; VEYNE, 2009). O peristilo era frequente nas casas de pessoas ricas, um espaço central sem cobertura, que poderia ser adornado com uma fonte central e que iluminava os outros cômodos (THÉBERT, 2009). No sítio arqueológico de Pompeia, podemos ver que casas aristocráticas eram adornadas com pinturas.

A moradia privada é um lugar social essencial, e o termo *domus*, que significa casa, sobretudo casa rica, serve também para designar outras realidades conexas, começando pela família. Há coincidência, no vocabulário, entre as pessoas e a casa: a *domus* são as paredes e os moradores, e essa realidade se manifesta tanto nas inscrições como nos textos, em que o termo pode significar uma ou outra coisa e na maioria das vezes a totalidade concebida como indissolúvel. O quadro arquitetônico não é, aliás, só um continente inerte: o *genius* da *domus*, ao qual se presta o culto, é também o dos lugares e dos seres que os habitam (THÉBERT, 2009, p. 398).

No período da Alta Idade Média, século V ao século XI, aproximadamente, eram comuns casas de pedra, madeira e barro (ROUCHE, 2009). Segundo Rybczynski (1996), durante grande parte do período medieval as pessoas trabalhavam e moravam no mesmo ambiente, mantendo pouca privacidade. Aprendizes e patrões dividiam o mesmo espaço. O uso de móveis tinha um valor utilitário e não de conforto. O baú, item muito utilizado nesse período, tinha múltiplas utilidades: guardar objetos, suporte para refeições e lugar para deitar-se à noite. Era comum receber estrangeiros ou hospedar alguém em casa. Podemos pensar que os vínculos eram mais fluidos do que aqueles que atribuímos à família atual, uma vez que os ajudantes e aprendizes acabavam por se tornar agregados. Neste caso, podemos observar o quanto a organização social influenciava a ideia de vida familiar.

Na Baixa Idade Média, século XII ao XVI, as casas no campo e nas cidades melhoram em qualidade. As casas dos pequenos agricultores permanecem muito simples, enfumaçadas, possuindo melhores condições as que eram arrendadas, normalmente uma sala, um quarto e um lugar para trabalhar no exterior. No século XIV, já se evitava a madeira na tentativa de combater os incêndios, muito embora famílias pobres que morassem nas cidades continuassem a habitar casebres de madeira, barro e palha. Os artesãos e comerciantes moravam em espaços melhores, com uma cozinha que as casas pobres não possuíam. A burguesia possuía casas fortificadas, mas espaçosas, construídas com tijolo ou pedra. Nessa época,

constroem-se os palácios das famílias aristocráticas. Os móveis eram encontrados apenas no ambiente urbano, pois os agricultores viviam com muito pouco. Mesmo nos palácios havia muitos espaços vazios (RONCIÈRE, 2009).

A casa rural do século XVI, muitas vezes, abrigava a família, a colheita e os animais, sendo, ao mesmo tempo, um núcleo familiar e econômico. No caso das casas de elite, existiam mais itens de mobiliário que são distribuídos pelos espaços. (RANUM, 2009). O século XVIII marcou diferenças mais claras entre o público e o privado. No entanto, a Revolução Francesa invadiu o privado por meio de pinturas, móveis, calendários, marcando a presença dos acontecimentos e lembrando-os em uma espécie de educação política (HUNT, 2009).

A Revolução Industrial foi determinante na configuração cultural da casa, que passou de lugar de trabalho a lugar de descanso. Com o tempo, foi a separação entre o local de trabalho e a moradia que trouxe a possibilidade de privacidade. Ter lugares marcados para o desenvolvimento de determinadas atividades abriu espaço para uma vida pessoal em casa, já que o trabalho passou a acontecer em outro lugar e com horário determinado (PROST, 2009). Quando as casas ficaram mais afastadas do trabalho, os visitantes tinham que combinar horários para chegar, com a estipulação de regras que antes não existiam (RYBCZYNSKI, 1996).

O modelo industrial chega às cozinhas nos EUA com a publicação de *Treatise on domestic economy*, de Catherine Beecher, em 1841 e do manual *The American woman's home*, em 1869. A ideia era levar para a cozinha a setorização do trabalho tal como ocorria nas fábricas (MÁXIMO, 2007). A revista *Lady's Home Journal* encomendou uma pesquisa a Christine Frederick, que resultou no livro *Household engineering: scientific management in the home* em que a autora propõe otimizar o trabalho na cozinha com a organização de tarefas, de maneira a liberar a mulher para o mercado de trabalho. Foi dessa mesma escritora a ideia de abrir as cozinhas para não isolar a dona de casa, do uso de toalhas de papel e da colocação de utensílios em prateleiras, sempre buscando economia de tempo (ZABALBEASCOA, 2013).

Segundo Suzana Rodrigues (2016), o uso intensivo de aparelhos eletrônicos, que se deu nos últimos anos do século XX, fez com que os habitantes da casa se distanciassem e vivessem mais em ambientes virtuais. A pandemia da Covid-19 acentuou essa condição. É possível dizer que revivemos o passado, quando não havia a separação entre o público e privado, com a prática do *home office*. Tal situação, que se impôs a grande parte da população, convoca a repensar o habitar.

3.1 CASAS BRASILEIRAS

Antes da chegada dos portugueses, os índios moravam no que conhecemos como ocas, que são casas feitas com elementos da mata, como cipós e folhagens. Havia casas maiores que se configuravam como habitações coletivas. Com a chegada dos portugueses, essas formas de morar foram se transformando, e o português adaptou as técnicas de construção indígenas às suas necessidades (ZORRAQUINO, 2006).

Na época do Brasil Colônia, a produção açucareira caracterizava um país rural. A “casa grande”, encontrada nas fazendas, mantinha tradições portuguesas, mas adequadas às características locais, em um clima preponderantemente temperado-úmido. As casas eram, de modo geral, internamente simples e com poucos ornamentos (ZORRAQUINO, 2006). Essas casas do “tempo do açúcar” aparecem na segunda metade do século XVIII e sua configuração se mantém, sem grandes modificações, até meados do século XIX, porém, lentamente, o corredor central, que se localizava na frente das casas, vai se abrindo em salas de visitas. Os banheiros das fazendas ficavam em um anexo separado da casa, com um buraco entre madeiras no chão. A “casinha” era elevada e não havia nenhum sistema de esgoto, os porcos davam conta da limpeza (LEMOS, 2015, p. 95). O banheiro de uso das mulheres ficava perto da lavagem de roupas e a água vinha canalizada em cochos. O interior das casas, chamado de pátio ou quintal, era reservado às mulheres (LEMOS, 2015).

Quando a mineração começou a ser explorada no Brasil, a região Centro-Sul começou a ser habitada. As vilas de Minas Gerais cresceram, e os sobrados começaram a surgir, normalmente de chão batido no térreo e com assoalho na parte de cima. Antes disso, o termo “sobrado” tinha um outro significado: sobrado era o que sobrou, isto é, o espaço situado acima do forro ou teto de um compartimento térreo. Seria também o espaço abaixo do assoalho ou o que chamamos de sótão e porão (LEMOS, 2015, p. 25). Possuir um sobrado conferia a seu proprietário uma posição privilegiada. Nessa época, no século XVIII, a água da casa era, normalmente, abastecida pelos escravos. Foi na arquitetura das igrejas que o luxo e o excesso do Barroco puderam aparecer (ZORRAQUINO, 2006).

No começo do século XIX, teve início o ciclo do café, que se estendeu até a abolição da escravatura. Nesse mesmo período, em especial em razão da chegada

da corte portuguesa, em 1808, novos hábitos foram trazidos, e as cidades começam a se urbanizar. A abertura dos portos permitiu que produtos de outros lugares chegassem ao Brasil (SILVA, 2016). Assim, por exemplo, o vidro passou a ser utilizado e as janelas, que anteriormente eram chamadas “escuras”, vão incorporando esse material. No período entre 1889 e 1930, a industrialização trouxe ainda mais transformações: as cidades cresceram, as chácaras se transformaram em bairros e foram construídos loteamentos e vilas operárias para classes sociais mais pobres. A burguesia, que apreciava o modelo de construção francês, utilizou da mão de obra imigrante europeia, que trazia técnicas de construção diferentes das utilizadas aqui (ZORRAQUINO, 2006).

Durante a ditadura militar, na década de 1960, é criado o Banco Nacional de Habitação (BNH), que funcionou entre 1964 e 1986. Como a principal instituição pública de desenvolvimento urbano, tinha, dentre os seus objetivos, o financiamento de empreendimentos imobiliários. Todavia, sua atuação privilegiou a classe média, e as favelas cresceram de modo desenfreado. Em 2009, foi criado o Programa Minha Casa Minha Vida, para financiamento da habitação popular, que, em tese, segue as mesmas diretrizes do antigo BNH, ou seja, favorecer a construção e aquisição da moradia para famílias de menor renda que vivem em áreas mais periféricas (SILVA; TOURINHO, 2015).

A grande concentração de pessoas nas cidades fez com que a mobilidade ficasse cada vez mais difícil. Moradias menores, mais próximas do centro urbano, começaram a proliferar até chegarmos a imóveis de 10 m² (VIEIRA, 2017). Como a economia capitalista requer, cada vez mais, que se trabalhe um grande número de horas, a “casa dormitório” passou a ser um fenômeno comum mesmo para a população de maior renda.

A despeito das várias iniciativas visando abordar o problema habitacional, o Brasil chegou ao século XXI e a questão da moradia ainda parece longe de ser solucionada. A falta de planejamento urbano, o crescimento desordenado das cidades, fruto do êxodo rural das populações mais pobres, e a ineficiência dos agentes públicos contribuem para que a casa, como algo próprio e permanente, não esteja ao alcance de grande parte da população.

3.2 A CASA PAULISTANA

Lemos (2015) nomeia “casa bandeirista” uma construção própria do encontro entre os ibéricos e os índios entre os séculos XVI e XVIII. O isolamento e a pobreza do Brasil, dessa época, marcaram o estilo português com características de austeridade. A técnica construtiva utilizada na casa bandeirista era taipa de pilão, técnica que utiliza madeira e terra compactada. Esse modelo avança até o século XIX e, mais tarde, esses materiais foram misturados a tijolos, pois não havia pedras em São Paulo. Por mais de 250 anos as plantas das casas do Alto Tietê não mudaram, o que de alguma forma nos conta que a forma de morar também se manteve estável, assim como a técnica construtiva (LEMOS, 2015).

Em São Paulo, o ciclo do café se estendeu desde meados do século XIX, ainda no Brasil Imperial, até a década de 1930. São Paulo e Rio de Janeiro foram os lugares mais beneficiados pela riqueza do café. O estilo das moradias adaptou-se ao modelo europeu, mas os sobrados dos senhores do café ainda traziam algo das casas de fazenda. Os alpendres da casa grande transformaram-se em varandas, local de encontros e sociabilidade. Todavia, os espaços domésticos eram independentes e fora da área de circulação. Dentro das moradias, desde as casas de fazenda, havia espaços destinados aos homens e às mulheres, que ficavam mais no interior das moradias. O modelo europeu, caracterizado por um trânsito mais fluido entre o público e o privado, vem alterar a prática local (BUZZAR, 2003). Segundo Lemos (2015), antes do café, havia poucas diferenças entre a casa do rico e a do pobre. Ambas se assemelhavam no modelo construtivo de taipas. O café possibilitou o “conforto ambiental”, o luxo (LEMOS, 2015, p.134).

As transformações da revolução industrial propiciaram conforto para as residências, entre eles a luz artificial, que mudou o comportamento das famílias, que podiam esticar a conversa depois do jantar (LEMOS, 2015).

Realmente a cidade de São Paulo, a partir do final do século XVIII, sofreu um processo de cosmetização – não só a sua trama viária foi alterada, principalmente com o alargamento de vielas transformadas em ruas largas, mas o casario térreo sofreu acréscimos, transformando-se em sobrados agora providos de envasaduras com vergas curvas, a novidade que rapidamente se espalhou e portando balcões salientes na fachada, coisa difícil no paramento de taipa de pilão (LEMOS, 2015, p.118).

A cozinha é um lugar que passa por grandes transformações no século XIX. Se nos EUA e na Europa eram engenheiros e arquitetos que se preocupavam com isso, no Brasil, foram os médicos, devido à epidemia de febre amarela de 1893. Relatórios realizados sob a supervisão do médico Cesário da Mota Jr., secretário dos negócios do interior do Estado de São Paulo, reportavam precárias condições de higiene nos cortiços, nos quais a cozinha estava perto da latrina e do local de dormir (MÁXIMO, 2007). A maior parte das casas de São Paulo encontrava-se na zona intermediária entre palacetes e cortiços e mantinha a cozinha nos fundos da casa ou em um “puxado”, uma solução comum na casa paulistana. Com o desenvolvimento dos equipamentos a gás, as condições das cozinhas melhoram e o espaço doméstico foi reconfigurado (MÁXIMO, 2007).

Com o processo de industrialização e a necessidade de mão de obra nos centros urbanos, o número de moradias aumentou de forma caótica. Surgiram as invasões e favelas em decorrência da falta de políticas públicas que orientassem o crescimento das cidades (ZORRAQUINO, 2006).

3.3 A CASA COMO LUGAR SOCIAL

Quando habitamos uma casa, habitamos um lugar social. A casa tem uma arquitetura, insere-se em uma geografia que expõe o lugar que ocupamos na sociedade. Tal lugar pode ser, inclusive, o da falta, da ausência. O espaço em que moramos pode significar tanto a liberdade quanto a opressão, tanto a proteção quanto a exposição ao risco. Acrescente-se a isso as condições sanitárias que cercam a moradia, condições estas que se relacionam à qualidade de vida possível e à proteção à saúde. De alguma forma, a pandemia nos fez olhar para o lugar social que ocupamos, como privilegiados ou como desprotegidos.

A crise que vivemos é, além de sanitária, política, social, econômica e psicológica. No aspecto político, alguns governos mostraram-se incompetentes no enfrentamento da pandemia, privilegiando a economia, e pagaram um preço político e social, como o governo Trump, nos Estados Unidos. No Brasil, o governo Bolsonaro, seguiu os passos de Trump com suas manifestações negacionistas. O discurso neoliberal no Brasil parece ter adotado uma perspectiva genocida, segundo a qual idosos e parte da população seriam mortos em uma espécie de saneamento (BIRMAN, 2020). O Estado mínimo pregado pelo neoliberalismo mostrou-se ineficaz

na crise, pois a pandemia evidenciou que os países precisam de um Estado que funcione e coordene suas ações, servindo a todos e não apenas a poucos. A política que privilegia a economia acaba por prejudicá-la no longo prazo, pois, quanto mais a pandemia adocece as pessoas, mais a população torna-se vulnerável e menos a crise encontra uma luz no fim do túnel.

Em conexão estreita com este tópico do incremento da pobreza e da miserabilidade social, é preciso destacar que, segundo os dados do IBGE de julho de 2020, cerca de 40% das famílias brasileiras tinham pelo menos um de seus membros dependente de algum auxílio promovido pelo governo para sobreviver (BIRMAN, 2020, p. 21).

Do ponto de vista social, se uma parte da população pôde trabalhar em *home office*, constituindo, em sua maioria, uma classe privilegiada de trabalhadores, outros com ocupações informais, motoristas de transporte público ou entregadores de produtos, não puderam evitar tanta exposição. O resultado disso é que a maioria dos mortos são das classes menos privilegiadas, tanto no Brasil como no exterior (BIRMAN, 2020).

A pandemia também trouxe consequências nefastas para a vida em família, com impactos principalmente sobre a mulher. A sobrecarga com o trabalho, o desemprego, o *home learning* dos filhos e os conflitos domésticos acirrados pela crise aumentaram os números já altos da violência contra a mulher.

Números inéditos da pesquisa realizada pelo Ipec (Inteligência em Pesquisa e Consultoria) revelam que 15% das brasileiras com 16 anos ou mais relataram ter experimentado algum tipo de violência psicológica, física ou sexual perpetrada por parentes ou companheiro/ex-companheiro íntimo durante a pandemia, o equivalente a 13,4 milhões de brasileiras. Isso significa dizer que, a cada minuto do último ano, 25 mulheres foram ofendidas, agredidas física e/ou sexualmente ou ameaçadas no Brasil (BUENO; REINACH, 2021 – revista digital, não paginada).

No caso do Brasil, a postura do presidente causou confusões com relação às atitudes de precaução e adesão à vacinação. Deve-se levar em conta que, em geral, o chefe da nação possui uma aura, uma autoridade conferida não apenas pelas características do cargo, mas pelo simbolismo associado a essa figura de mando no imaginário coletivo. Independentemente de quem ele ou ela seja, normalmente, a

posição transcende o homem ou a mulher que a ocupam. Algumas vezes, o eleito honra a oportunidade de ocupar tal lugar, em outras a desonra.

Perante situações de desorientação e desgoverno, há um trabalho psíquico a mais a ser realizado na tentativa de lidar com a situação. Os sonhos talvez possam nos ajudar a refletir e elaborar as ideias sobre o nosso tempo (GURSKI; PERRONE, 2021). Um exemplo disso é o trabalho realizado por Charlotte Beradt, jornalista judia que, nos anos 1930, percebeu uma alteração em seus processos oníricos e, entre 1933 e 1939, coletou 300 sonhos de pessoas de seu círculo de conhecimento (BERADT, 2017).

Apesar de favorecer o uso de imagens, os sonhos não estão desligados da cadeia significativa e, por meio de imagens historicizadas, testemunham não apenas embates pessoais e singulares, como também o labor de conflitos sociais e políticos. *Sonhos no Terceiro Reich* (1966), de Charlotte Beradt, é uma das maiores referências do século 20 no registro de sonhos relacionados a uma experiência histórica. Na Alemanha do início dos anos 1930, durante a ascensão do partido nazista e de Adolf Hitler, Beradt percebeu uma alteração em seus processos oníricos e sondou se o mesmo estaria acontecendo com conhecidos. Rapidamente percebeu que sonhos mais vívidos, marcantes e repetitivos estavam rondando as pessoas de seu círculo. De 1933 a 1939, ela coletou cerca de 300 sonhos, que foram lidos como expressão da violência sem precedentes que se instalava na Alemanha. (GERBER, 2021, p. 17)

O livro *Sonhos Confinados* (DUNKER *et al.*, 2021) traz elementos que nos ajudam a ponderar sobre o possível impacto da pandemia sobre a psique. Essa obra é fruto da pesquisa realizada em conjunto pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (URFJ), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o Instituto do Cérebro (UFRN). O estudo coletou 900 sonhos entre profissionais da saúde e educação, durante os meses de abril e julho de 2020, com associações e algumas oportunidades de escuta dos participantes, com o objetivo de mapear os efeitos psicológicos do confinamento por meio da análise desses sonhos. Foi utilizado um software que contou o número de vezes que as palavras apareceram e a palavra mais frequente foi **casa**. A casa aparece não apenas como local ou cena, mas como local habitado por memórias. Outras palavras frequentes em ordem decrescente foram: pessoa, amigo/a, mãe, lugar, pai e rua (IANINI *et al.*, 2021a; RODRIGUES *et al.*, 2021). As seguintes conclusões derivaram da realização desse trabalho:

- Quando há um acontecimento de grandes proporções, uma guerra, uma pandemia, há um aumento de trabalho psíquico para lidar com algo para o qual não se tinha uma representação (IANINI *et al.*, 2021 b).
- Certos eventos históricos esgarçam o tecido social e o eixo simbólico imaginário, levando a uma dificuldade de compreender o presente e imaginar o futuro (IANINI *et al.*, 2021 b).
- Abordar os acontecimentos a partir dos sonhos de uma sociedade pode contar sobre como os indivíduos estão processando os acontecimentos (IANINI *et al.*, 2021 b).
- O sonho se apresenta como a necessidade de olhar para uma questão que se coloca enigmática e gera trabalho psíquico (IANINI *et al.*, 2021 b).
- Sonhar mais na crise, como a pandemia, indica a crise coletiva (IANINI *et al.*, 2021 b).
- Os sonhos com sons e efeitos parecem expressar o que é difícil colocar em palavras, por não terem ainda uma representação (IANINI *et al.*, 2021b)
- O caráter traumático marca o momento em si e suas consequências futuras (RODRIGUES *et al.*, 2021).

No que se refere à presente pesquisa, o grupo amostral selecionado é constituído por profissionais liberais, que atendem em consultório. Alguns participantes somam outras atividades profissionais, como docência, trabalho institucional, entre outros. Esse grupo, que neste momento da pandemia, entrou nas casas virtualmente, por meio dos atendimentos *on-line*, e pôde aproximar-se das dificuldades vividas pelas mais diversas pessoas nos auxiliou a realizar um retrato cubista, com muitas facetas das experiências vividas pelo coletivo, pois é da tomada de consciência individual que as transformações culturais se processam.

As repercussões da pandemia são complexas, espalhando-se por uma rede na qual o fenômeno só pode ser visto através de várias lentes interdisciplinares que se cruzam em um caleidoscópio social, político, econômico, sanitário e psíquico.

4 A CASA E A PSICOLOGIA ANALÍTICA

4.1 O MÉTODO JUNGUIANO

Jung nasceu em 1875, formou-se em medicina em 1900, na Universidade da Basileia – Suíça e desenvolveu estudos no hospital psiquiátrico de Burghölzli. O relacionamento com Freud e a psicanálise ocorreu entre 1907 e 1913. A partir de então, mergulhou em um caminho de exploração da psique, fazendo de si mesmo seu próprio campo de estudos por meio da análise dos sonhos e da imaginação ativa – forma de entrar em contato com conteúdos inconscientes mediante o livre fluxo da imaginação ou técnicas expressivas (STEIN, 2006; SHARP, 1991).

Como esta pesquisa se faz dentro da referência teórica junguiana, é importante ressaltar que Jung foi também um pesquisador, para quem o empirismo lógico – relação entre a linguagem de quem observa o fenômeno e a linguagem teórica – foi fundamental dentro da ciência moderna. A psicologia analítica teve forte influência dos filósofos românticos alemães que questionavam o demasiado racionalismo decorrente do Iluminismo. A psicologia de Jung foi além do campo do atendimento psicológico, alcançando a interdisciplinaridade na medida em que estabeleceu um diálogo com diversos campos do conhecimento como a arte e a cultura (PENNA, 2004).

O método de investigação junguiano se baseia na leitura simbólica, que conjuga o subjetivo e o objetivo como realidade psíquica, abordando o aspecto pessoal e coletivo. Na esfera pessoal, as manifestações simbólicas se dão pelos sonhos, fantasias, sintomas, e podemos alcançá-las também por meio de técnicas expressivas. Do ponto de vista coletivo, manifestam-se na cultura, na mitologia, na arte e nos eventos históricos (PENNA, 2004).

O tratamento metodológico se dá pelo processamento simbólico do material, levando em conta causalidade, finalidade e sincronicidade. A amplificação simbólica permite aprofundar a compreensão sobre o símbolo. Para Jung, o pesquisador interfere com sua subjetividade no fenômeno estudado e, se a subjetividade for menosprezada, permanecerá inconsciente afetando negativamente o processo de conhecimento. “Entre a objetividade e a subjetividade, o máximo que se pode almejar é uma intersubjetividade, evitando-se tanto o “subjetivismo” como o “objetivismo” (PENNA, 2004, p. 86). Um pesquisador, portanto, nunca está isento de sua “equação pessoal” na leitura de um objeto de pesquisa.

4.2 ALGUNS CONCEITOS JUNGUIANOS

Em 1909, Jung teve um sonho em que estava no segundo andar de uma casa e, à medida em que descia, encontrava sinais de tempos mais antigos. Mais tarde, relacionou o conteúdo desse sonho com o desenvolvimento de sua teoria, que preconiza a existência de diferentes níveis de consciência (JUNG, 1988).

Eis o sonho: eu estava numa casa desconhecida, de dois andares. Era a “minha” casa. Estava no segundo andar onde havia uma espécie de sala de estar, com belos móveis de estilo rococó. As paredes eram ornadas com quadros valiosos. Surpreso de que a casa fosse minha, pensava: “Nada mau!” De repente, lembrei-me de que ainda não sabia qual era o aspecto do andar inferior. Desci a escada e cheguei ao andar térreo. Ali tudo era mais antigo. Esta parte da casa datava do século XV ou XVI. A instalação era medieval e o ladrilho era vermelho. Tudo estava mergulhado na penumbra. Eu passeava pelos quartos, dizendo: “Quero explorar a casa inteira!” Cheguei diante de uma porta pesada e a abri. Deparei com uma escada de pedra que conduzia à adega. Descendo-a, cheguei a uma sala muito antiga, cujo teto era em abóboda. Examinado as paredes descobri que entre as pedras comuns de que eram feitas, havia camadas de tijolos e pedaços de tijolo na argamassa. Reconheci que estas paredes datavam da época romana. Meu interesse chegara ao máximo. Examinei também o piso coberto de lajes. Numa delas, descobri uma argola. Puxei-a. A laje deslocou-se e sob ela vi outra escada de degraus estreitos de pedra, que descia, chegando enfim a uma gruta baixa e rochosa. Na poeira espessa que recobria o solo havia ossadas, restos de vasos e vestígios de uma civilização primitiva. Descobri dois crânios humanos, provavelmente muito velhos, já meio desintegrados.
– Depois, acordei (JUNG, 1988, p. 143).

A consciência, cujo centro é o ego, desempenha o papel de organização das experiências vividas e de adaptação ao meio externo. Para tanto conta com aquilo que Jung (1921/1991a) chamou de funções da consciência: a sensação acontece por meio dos sentidos e constata que algo existe; o pensamento identifica, nomeia, classifica e interpreta o que foi percebido, aprofundando a compreensão; o sentimento atribui um valor ao objeto percebido, avaliando-o como bom ou mal, agradável ou desagradável etc.; a intuição, assim como a sensação, é um modo de perceber o mundo, mas inclui aquilo que é subliminar e não está imediatamente ao alcance dos órgãos dos sentidos. As pessoas tendem a usar preferencialmente uma das funções em sua apreensão do mundo, em geral, aquela que é mais desenvolvida (JUNG, 1936/1991b).

As funções da consciência se articulam com duas atitudes que Jung nomeou introversão e extroversão. Na atitude introvertida, o indivíduo se caracteriza por se orientar preferencialmente por seu mundo interior, subjetivo. Jung considera que as pessoas com essa atitude tendem a ser mais conservadoras, reflexivas e titubeantes. A atitude extrovertida é orientada pelo mundo exterior e objetivo. O extrovertido tende a ser mais impulsivo e confiante, mas, por vezes, pode se afastar demasiado de si mesmo em razão do seu foco no ambiente externo (JUNG, 1921/1991a).

A consciência está ligada ao processo adaptativo e tudo aquilo que atrapalha este processo não é acolhido pela consciência e, portanto, torna-se inconsciente. Consciente e inconsciente operam de modo compensatório, pois, na maioria das vezes, têm finalidades opostas. A consciência tem um campo de ação dirigido e tudo o que é dirigido caracteriza-se pela unilateralidade. Se a unilateralidade da consciência for intensa, o inconsciente responderá de modo compensatório na direção oposta, instalando-se assim uma tensão entre opostos que eventualmente promove um reajustamento da atitude consciente (JUNG, 1958/1991c). A psique está sempre em movimento na busca do equilíbrio dialético entre as forças do consciente e do inconsciente. A tensão entre opostos pode levar a uma progressão da energia psíquica ou à sua regressão, o que pode gerar sintomas. Nesse último caso, configura-se uma dificuldade de adaptação (ULSON, 1988).

O inconsciente, para Jung, teria vários estratos. Ao nível mais profundo, Jung deu o nome de inconsciente coletivo, considerando-o uma parte da psique que se diferencia do inconsciente pessoal porque independe da experiência individual e está relacionada aos temas comuns à vida da espécie humana ou arquétipos (JUNG, 1934/2003a). Nomeou como inconsciente pessoal à camada mais superficial do inconsciente, que abarca tudo aquilo que foi esquecido, as fantasias que ainda não têm energia suficiente para se tornar conscientes e os complexos.

Jung descobriu os complexos quando fazia um experimento de associação de palavras. Percebeu que havia um tempo de reação aumentado diante de determinadas palavras-estímulo, o que indicaria uma reação emocional, que pôde ser verificada no âmbito fisiológico. Ao aprofundar sua investigação, concebeu serem os complexos núcleos psíquicos carregados de energia e formados por ideias e afetos que se agrupam em torno de um tema arquetípico, tal como pai, mãe, criança e poder, entre outros.

Os complexos podem ter origem em um trauma, em uma forte questão emocional derivada de conflitos ou na impossibilidade de aceitar uma parte da psique, que se mantém dissociada, normalmente de forma personificada. Acontecimentos que se vinculem com cada temática específica podem se associar ao complexo, fortalecendo-o. É possível dizer que complexos resultam da atualização dos arquétipos a partir das vivências que compõem cada história pessoal.

Jung considera os complexos o caminho para o inconsciente, pois são responsáveis pela formação dos sonhos e sintomas (JUNG, 1934/1991d). Nos sonhos, eles se manifestariam seja como parte do cenário, seja como personagens que simbolizam aspectos da psique do sonhador (ULSON, 1988).

Há situações que fazem com que o complexo seja ativado e adquira autonomia em relação à consciência. Nesses casos, fortes emoções são despertadas, o indivíduo reage à revelia e para surpresa do próprio ego, e podem ocorrer pensamentos obsessivos e ações impensadas. A pessoa tende a reagir não à situação presente, mas de acordo com um padrão determinado pelas circunstâncias que deram origem ao complexo. Na terminologia analítica, diz-se que um complexo foi constelado. Colin Ellard (2016), neuropsicólogo, traz como exemplo o caso de um indivíduo que teve o impulso de comprar uma casa que tinha visto uma única vez. Posteriormente, todavia, deu-se conta do quanto a nova moradia era parecida com a sua casa de infância, onde havia passado momentos difíceis. A decisão impensada levou-o a se empenhar em uma grande reforma. Quando a energia do complexo arrebatava o ego, falamos em possessão, uma identificação com o complexo que causa uma transformação da personalidade (JUNG, 1934/1991d).

Todavia, como assinala Jung, “os complexos não são totalmente de natureza mórbida, mas *manifestações vitais próprias da psique*” (JUNG, 1934/1991d, par. 209, ênfase do autor). Possuem também um potencial que contribui para o desenvolvimento psíquico, na medida em que oferecem uma oportunidade de confrontação com questões emocionais que pode levar à ampliação da consciência (JACOBI, 1995). Sempre que um complexo é conscientizado, há uma redistribuição da energia psíquica e abre-se o campo para uma possibilidade dialética de interação com um conteúdo – ideias e afetos – até então mantido inconsciente. Desse modo, o indivíduo deixa de ficar à mercê do complexo. Vale lembrar que o ego, para Jung, pode ser considerado um complexo – o único consciente – na medida em que é

formado por um “aglomerado de conteúdos altamente dotados de energia” (JUNG, 1935/1981, par. 150)

Mais recentemente, autores pós-junguianos sugerem a existência de complexos culturais (SINGER; KIMBLES, 2004), que diriam respeito a tudo aquilo que atua de forma inconsciente em uma cultura. Tais complexos estariam em uma posição intermediária entre o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo e moldariam a psique individual por meio de memórias grupais. Em um grupo, afetos intensos derivados de um complexo cultural podem expressar-se como sintoma social.

Jung propõe, adicionalmente, a existência de dois arquétipos que atuam no processo de adaptação ao meio ambiente, a persona e a sombra. A persona refere-se à forma como o indivíduo se apresenta aos vários grupos sociais aos quais pertence, de modo a atender às necessidades da cultura. Corresponderia à capacidade de desempenho de papéis sociais e pode se caracterizar como flexível e criativa, facilitando o encontro com o outro, ou rígida e defensiva, limitando, nesse caso, o trânsito do indivíduo entre diversos papéis. Ao longo do processo de desenvolvimento pessoal, é possível que a persona se flexibilize, tornando-se mais plástica. Todavia, diante de grandes desafios, é esperado passarmos por aquilo que Jung nomeou de restauração regressiva da persona, quando voltamos a uma forma de apresentação ao mundo com a qual nos sentimos mais seguros (JUNG, 1916/1988).

A sombra diz respeito a conteúdos que foram reprimidos, a aspectos que não são reconhecidos pelo indivíduo como seus e normalmente são vivenciados através da projeção. A sombra não abarca somente conteúdos experimentados como negativos, mas também possibilidades criativas, uma vez que, quando tais aspectos podem ser, de alguma forma, reconhecidos, há uma ampliação da consciência (JUNG, 1951/1990). Nesse sentido, deparar-se com a sombra é um dos objetivos da análise, pois somente assim nos aproximamos de quem somos e, ao conseguir desfazer projeções, podemos nos relacionar mais efetivamente com o outro.

Pode-se dizer que sombra e persona estão intimamente relacionadas, pois quanto maior a identificação com a persona, mais os aspectos que a ela se opõem se tornam sombrios. Quando se trata da consciência coletiva de uma sociedade, que se organiza em torno de algumas ideias e princípios norteadores, aquilo que não se enquadra dentro dessas normas compartilhadas pela maioria formará a sombra coletiva.

Uma casa pode materializar tanto a persona quanto os aspectos sombrios de seu morador em suas manifestações pessoais e/ou coletiva. A fachada de uma casa pode ser relacionada à persona, aquilo que mostramos, como queremos ser vistos. A sombra pode se apresentar, nos aspectos que evitamos, que não reconhecemos. No caso do Brasil, as favelas/comunidades podem ser entendidas como a manifestação da sombra coletiva de uma sociedade desigual.

4.3 ARQUÉTIPOS, SÍMBOLOS E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Jung inicialmente chamou de “imagens originárias” os temas oriundos da mitologia, das lendas e contos que retratavam comportamentos habituais do humano que se repetiam nas diferentes culturas. A partir de 1927, passou a considerar tais imagens como expressões daquilo que nomeou como arquétipos (arquê – princípio; tipos – impressão), inspirado pelo texto *Corpus Hermeticum* de Dionísio de Areopagita (JACOBI, 1995, p. 39). Em seu entendimento, os arquétipos configurariam prontidões do ser humano, que poderiam se atualizar, se fossem necessárias ao processo adaptativo, e seriam transmitidas, de geração em geração, de forma estrutural. No mundo animal, corresponderiam aos instintos, como no caso da construção de ninhos por pássaros (JACOBI, 1995). Dada a universalidade dos arquétipos, não podemos pressupor que sejam heranças individuais, mas coletivas.

Quando um arquétipo é ativado, seja de modo pessoal, seja coletivo, uma reação de caráter instintivo se impõe à consciência. Quando não ativado, o arquétipo não possui forma específica, existindo apenas a possibilidade de sua manifestação por meio do mecanismo de projeção (JUNG, 1936/2003b). Assim, não é possível o contato direto com o arquétipo, mas com imagens que o representam e que variam com a época e com a cultura.

Jung distingue o arquétipo, propriamente dito, da imagem arquetípica. O arquétipo é energia pura, não é acessível à consciência e sua constatação se dá sempre pela via indireta. Ao penetrar na consciência, ele incorpora elementos do consciente, tornando-se uma imagem arquetípica. (ULSON, 1988, p. 46)

A relação consciente e inconsciente é mediada pelo Self, arquétipo associado à totalidade psíquica e que, quando se manifesta em sonhos, é representado por meio de imagens de poder, reis e divindades. Quadraturas e círculos também são símbolos

vinculados a esse arquétipo bem como figuras que representam a união de opostos, como *yin e yang*, o herói e seu algoz, entre outras. Quando essas imagens se apresentam costumam ser carregadas da intensidade e força que caracterizam a experiência arquetípica (JUNG, 1921/1991a).

Uma das funções atribuídas ao Self seria a orquestração daquilo que Jung chamou de processo de individuação, isto é, a predisposição a realizarmos e atualizarmos potências que trazemos conosco, de maneira a alcançar a diferenciação e particularização da personalidade em relação ao todo, ao coletivo. Esse fenômeno ocorre sem que haja, necessariamente, uma percepção da consciência (JUNG, 1939/2003d).

Quando Jung construiu sua casa de campo em Böllingen, relacionou a construção da casa ao seu processo de individuação.

Desde o início, a torre foi para mim um lugar de amadurecimento – um seio materno ou uma forma materna na qual podia ser de novo como sou, como era, como serei. A torre dava-me a impressão de que eu renascia na pedra. Nela via a realização do que, antes, era um vago pressentimento: uma representação da individuação (JUNG, 1988, p. 197).

Assim como temos uma individualidade corpórea, temos também uma individualidade psicológica. O processo de individuação está vinculado à função transcendente, pois é dela que emergirão símbolos, imagens de natureza arquetípica, que levarão aos caminhos pessoais. O símbolo é a forma por meio do qual o arquétipo penetra na consciência, unindo em si o padrão arquetípico (inconsciente) e a cultura (consciente). Uma imagem arquetípica só será um símbolo se representar uma síntese, um encontro entre a consciência e o inconsciente, sendo produto daquilo que Jung chamou de função transcendente – termo que importou da matemática –, que opera reunindo conteúdos conscientes e inconscientes de modo a transcender, superar o conflito entre os opostos (JUNG, 1958/1991). Possibilita, desse modo, a união entre conteúdos pessoais e coletivos.

De acordo com Jung, a individuação, sendo um processo que visa superar a identificação pura e simples com o coletivo, só se torna possível depois que as normas coletivas já estiverem configuradas na psique (JUNG, 1921/1991a). A identificação com a persona, resultante da adaptação a tais normas deverá, então, ser superada,

de modo a favorecer a adaptação do indivíduo a seu mundo interior (JUNG, 1916/1988).

4.4 A CASA ARQUETÍPICA

Uma vez que a necessidade de abrigo e intimidade se repete em todas as culturas, de modo universal e atemporal, é possível dizer que o conceito de casa tem uma base arquetípica (BARCELLOS, 2020). A casa como imagem arquetípica representaria a expressão desse arquétipo com as vestes da cultura. O símbolo da casa seria, então, o modo pelo qual a imagem arquetípica encontra uma expressão pessoal, traduzindo uma forma particular de ocupar um espaço no mundo e de estabelecer a relação entre o que acontece dentro e fora do indivíduo (PESTANA, 2010). O símbolo vivo e veiculado na consciência individual, movimenta a energia psíquica e, com isso, pode levar a transformações pessoais. Assim como a arquitetura se ocupa de construir lugares habitáveis, nós, mediante o processo de individuação vamos transformando a arquitetura psíquica para habitar a vida.

Uma das imagens arquetípicas associadas à casa é Héstia, deusa grega representante do lar. A etimologia do nome, tanto no grego como no latim *Vesta*, deriva do indo-europeu *ues*, que significa morar, residir, havendo outras derivações, como: substância, processo, matéria, fogão e altar. Primogênita de Cronos, que engolia seus filhos pelo temor de ser sucedido, foi a primeira a ser engolida e a última ser regurgitada pelo pai, quando Zeus conseguiu recuperar seus irmãos. É uma deusa virgem e pediu proteção a Zeus para manter-se assim (BRANDÃO, 1986; DEMETRAKOPOULOS, 1987).

Essa deusa é raramente representada por uma iconografia humana, mas, em geral, pelo fogo sagrado que aquece e aconchega. Segundo Kirksey (1997 p. 123), a referência de Héstia é o seu próprio templo, sua “imagem é arquitetônica”. Não é uma deusa de aventuras, mas de recolhimento e quietude, intimidade e identidade. (FREITAS, 2005). O fogo de Héstia é circunscrito à lareira – de onde deriva a palavra lar – na qual o fogo se mantém em certa estabilidade, podendo ser cuidado e alimentado ao mesmo tempo em que cuida e alimenta. Relaciona-se ao tempo de estar, de aquietar-se. Héstia e o tempo caminham juntos, talvez por ter sido a que permaneceu mais tempo dentro do pai – Cronos (BARCELLOS, 2019). É uma deusa que traz a ideia de foco, de atenção cuidadosa a uma situação. Especialmente em

momentos de crise como esses que vivemos na pandemia da Covid-19, o arquétipo de Héstia se faz presente, não apenas por termos que ficar em casa, mas porque temos que nos atentar a novas circunstâncias, realizar “um novo ajuste de foco” (FREITAS, 2005, p. 133).

O tempo associado a Héstia não é o do relógio, do calendário ou dos prazos, aquele que delimita tarefas e missões a serem cumpridas. Ela permanece absorta no que faz, enquanto faz, sem pressa, muito mais envolvida pelo tempo do que desafiada por ele. Essa deusa tem mais afinidade com o tempo *Kairós* do que com o cronológico. Quando estamos regidos por Héstia, é frequente perdemos a noção de tempo, e essa experiência costuma ser muito nutritiva e apaziguadora de tensões, do ponto de vista psicológico (FREITAS, 2005, p.141).

Héstia em nós mantém nossa identidade protegida e sua ausência pode nos levar a perder nossas referências, o que, no limite, levaria à psicose (KIRKSEY, 1997). Nesse caso o fogo de Héstia torna seu caráter sombrio, de rompimento, consome e destrói. Todavia, aquele que estabelece uma relação amigável com esse arquétipo, consegue estar só e sustentado em si mesmo (FREITAS, 2005).

Ao contrário de outros deuses, Héstia é a deusa da permanência e, sob esse aspecto, o deus que a ela se contrapõe, estabelecendo uma polaridade, é o deus Hermes, filho de Zeus e Maia.

Ainda bebê, Hermes sai de seu berço e rouba o rebanho de Apolo, com quem depois negocia o perdão, dando-lhe a lira que havia confeccionado. Hermes vai, transita, atua no mundo com destreza e astúcia. Graças às suas qualidades, é designado por Zeus para ser o mensageiro, aquele que faz a ligação entre deuses e homens, ajudando tanto a uns quanto aos outros e apoiando a jornada de heróis. É ele também que conduz as almas até o barco de Caronte, que faz a travessia dos mortos e auxilia os heróis na *Katábasis*, a descida ao Hades.

A casa de Hermes é a viagem, a sua vestimenta é a do viajante, leva o cajado do caminhante, mas é o único deus que voa. Ele tem Héstia dentro de si. É o protetor dos caminhos, vigia dos portais e estradas, das jornadas e protege aqueles que estão fora do seu abrigo. A etimologia do seu nome está ligada a *Hérma* – coluna de pedras erguidas nos caminhos para honrar o deus e marcar a direção para o viajante. O enraizamento e a permanência de Hermes se dão na viagem. (BARCELLOS, 2019; FERNANDES; SILVA, 2012)

Embora Héstia seja uma deusa muito mais antiga do que Hermes, parecem representar uma dialética associada à ocupação do espaço: a que fica e o que parte. Se Héstia é uma deusa introvertida, Hermes é o deus que transita entre a introversão e a extroversão. Do ponto de vista simbólico, podemos dizer que ele ajuda na transposição das fronteiras entre consciente e inconsciente (FERNANDES; SILVA, 2012).

A imagem arquetípica de Héstia foi muito revisitada com a pandemia da Covid-19, na medida em que houve uma inversão do que vivíamos anteriormente: muitas horas de trabalho fora de casa, para grande parte da população. Durante a pandemia, a casa foi redescoberta e profanada. Redescoberta porque voltamos a imaginá-la em suas muitas possibilidades, e profanada porque teve sua intimidade invadida pelo excesso de movimento do *home office* que rouba o foco de Héstia, colocando-nos em situações sucessivas que acontecem nas várias salas virtuais em que entramos durante todo o dia. Dentro de casa, o computador virou um novo centro no qual orbitamos de modo solitário ou em grupo, muitas vezes buscando o calor do contato humano compartilhado. Estamos dentro de casa, mas olhando o mundo através de janelas tecnológicas.

A deusa Héstia não se harmoniza com o rápido, com o passageiro, com o superficial. No entanto, em cada contato virtual, somos visitados por uma estética que acompanha o encontro e, como em uma visita a um museu, vislumbramos a intimidade de cada cena, de cada casa que aparece para nós. Parece que Héstia se impõe, reivindica um lugar no excesso de movimento, mas logo é atravessada pela velocidade hermética. Barcellos (2019) e Freitas (2005) relatam que corremos o risco de dessacralizarmos o lugar, perdendo o que nos é familiar e gerando uma ansiedade espacial, uma vida sem chão.

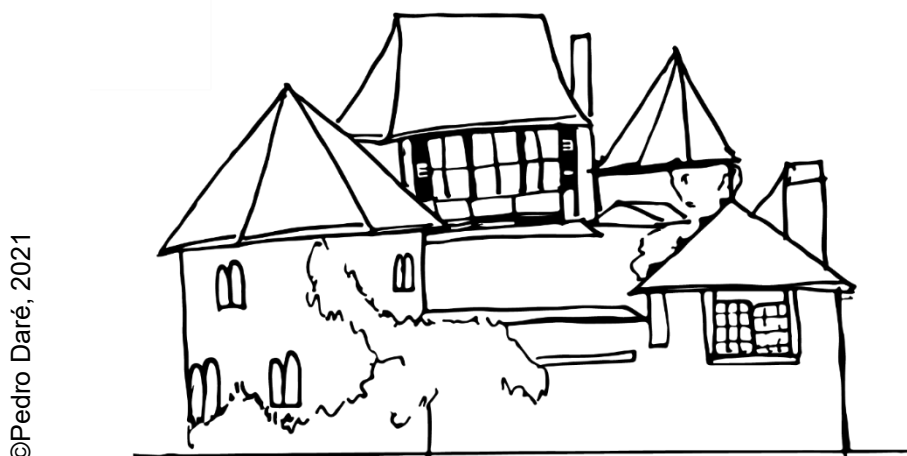
As metáforas da arquitetura com a casa e com o corpo humano são antigas, já as encontramos nos escritos de Marco Vitruvius (80 a.C. – 15 a.C.) e Leon Battista Alberti (1404–1472). Jung usou a casa como metáfora da psique, colocando o inconsciente como lugar que guardaria memórias de difícil acesso, tal como uma casa guarda coisas das quais não lembramos. Essa metáfora já usada por Breuer e Freud foi ampliada por Jung com o conceito de inconsciente coletivo, no qual estariam os sedimentos da história que vai além de nós mesmos. Breuer havia usado a metáfora arquitetônica comparando as fundações de um edifício às bases biológicas dos sintomas. Em 1897, Freud escreveu algumas cartas a Wilhelm Fliess, com o título de

Arquitetura da Histeria, no qual ele compara as defesas e fortificações de uma cidade às defesas psíquicas que são levantadas para evitar o acesso da consciência a conteúdos traumáticos. Em um texto de 1917, chamado “Resistência e Repressão”, descreve as relações entre a consciência e o inconsciente em salas horizontais (HUSKINSON, 2018; FREUD, 1917/1976). Em “O mal-estar na civilização” (1930), Freud compara o funcionamento mental ao trabalho arqueológico na cidade de Roma, onde há sedimentos da história do homem e da cultura (FREUD, 1930/1974).

Jung (1988) cita em suas memórias que tinha a personalidade número um, voltada para o mundo externo, e a personalidade número dois, voltada a seu mundo interior e imaginativo. Talvez as duas casas de Jung, em Küsnacht e em Bollingen (Figuras 2 e 3) representem também essas duas personalidades, a do mundo exterior e a do mundo interior. Em Küsnacht, cultivava uma vida voltada para o mundo objetivo e, em Bollingen, dedicava-se à vida interior. O neto de Jung, Andreas Jung – que é arquiteto – fez, no entanto, um paralelo entre as semelhanças da casa de Küsnacht e da casa do sonho de 1909 de Jung (HUSKINSON, 2018).

Figura 2 – Küsnacht



Figura 3 – A Torre de Böllingen

A casa de Böllingen não teve um planejamento estruturado como a de Küsnacht, mas foi se transformando ao longo do tempo. Em 1923, Jung construiu a primeira torre, dois meses após a morte de sua mãe. Em 1955, ergue a terceira torre, depois da morte de sua esposa. Essas perdas parecem ter se materializado na construção. Ele associou as etapas da construção à sua necessidade de renovação (HUSKINSON, 2018).

Hillman, em arquivos pesquisados por Huskinson (2018), é crítico em relação à Torre de Böllingen e afirma que a construção retrata certo isolamento e alienação, já que colocava Jung fechado em si mesmo. Pensamos, no entanto, que alguém como Jung, com um mundo interno tão demandante, necessitava provavelmente de algum silêncio para dar voz aos seus conteúdos.

Os conceitos descritos indicam como, na teoria junguiana, existe uma relação permanente entre consciência e inconsciente, mediante a qual ambos se transformam. Os símbolos contêm referências arquetípicas e são constituídos pela função transcendente, que opera de forma teleológica, em direção a um propósito. Como mediadores entre diversas polaridades psíquicas, são capazes de favorecer a ampliação da consciência e sua aproximação às demandas do inconsciente.

A casa pode ser considerada um arquétipo que vem sendo ativado e representado simbolicamente de diferentes formas na história, nas sociedades e culturas. Podemos inferir que a casa é a materialidade da psique em sua criatividade e em seus aspectos defensivos e patológicos. As construções e a ocupação dos espaços, assim como uma das manifestações artísticas, podem nos levar para lugares além de seus tijolos e nos convidar para novas possibilidades em nós mesmos, evocando memórias e, como um espelho, mostrar novos espaços e novas possibilidades em nós.

5 METODOLOGIA

5.1 OBJETIVO GERAL

Pesquisar em quais aspectos o distanciamento físico e a reclusão em casa provocados pela pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, ocorrida a partir de março de 2020, transformaram a ocupação e o significado da casa/moradia, tendo como foco da pesquisa um grupo de analistas junguianos na cidade de São Paulo.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Realizar uma leitura simbólica da ocupação da casa durante a pandemia do SARS-CoV-2, por meio da psicologia analítica.
- b) Verificar se houve uma transformação na forma de estar em casa (caráter subjetivo).
- c) Verificar se houve novas maneiras de interação com os espaços da casa.
- d) Observar o quanto o estabelecimento de uma nova cultura em relação às formas de habitar pode alterar fatores objetivos e simbólicos na relação com a moradia.

5.3 CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO

A presente pesquisa é de natureza básica, na medida em que busca respostas para um tema universal que é o sentido da moradia para habitantes da cidade de São Paulo na atualidade (MARCONI; LAKATOS, 2017). A escolha do método se fez em favor dos objetivos da pesquisa, que pretendeu compreender os fenômenos estudados a partir da perspectiva do participante (GODOY, 1995) e, portanto, a abordagem utilizada foi qualitativa, uma vez que a pesquisadora visou, por meio de seus questionamentos, dar voz aos participantes e aprofundar o tema a partir dessa perspectiva, mesmo sabendo que a capacidade de generalização da pesquisa é perdida (CRESWELL; CLARK, 2013). Do ponto de vista de seus objetivos, a pesquisa é exploratória e descritiva.

5.4 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS

O método de investigação caracterizou-se como fenomenológico, dado que o estudo da temática firmou-se na descrição direta das experiências dos sujeitos da pesquisa (GIL, 1989), mas a interpretação do conteúdo teve o referencial da psicologia analítica. A psicologia analítica desenvolveu-se após o rompimento entre Carl Gustav Jung e Sigmund Freud, afastando-se do referencial psicanalítico e construindo seu próprio corpo teórico. A abordagem junguiana e a fenomenológica se aproximam na medida em que ambas questionam a postura positivista e ampliam a observação dos fenômenos psíquicos de modo a levar em consideração aspectos subjetivos.

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em três etapas: (1) levantamento bibliográfico sobre o tema da casa/moradia, características da vida contemporânea e a situação de pandemia que teve início no ano de 2020; (2) produção e aplicação de questionário (Apêndice 4), com a subsequente análise das informações coletadas, em um procedimento *ex post facto*, uma vez que, nesse caso, a variável independente (pandemia) não é passível de manipulação pela pesquisadora; e (3) realização de três entrevistas (Apêndice 7), para uma abordagem vertical dos temas levantados no questionário.

O levantamento bibliográfico deu-se por meio de pesquisa sistemática, utilizando-se os seguintes descritores associados e/ou isoladamente: casa, moradia, habitação, simbolismo, psicologia analítica e pandemia, pesquisados nos idiomas português e inglês em: (a) bases de dados como: Google Acadêmico, Scielo, Lilacs, PubMed e PePSIC; (b) revistas científicas nacionais e internacionais de psicologia analítica tais como: *Journal of Analytical Psychology*, *Culture and Psychology*, *Journal of Jungian Theory and Practice*, *Jung Journal* e *Harvest Journal*; busca no acervo de teses e dissertações das seguintes instituições de ensino superior: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); literatura abordando os temas tratados neste trabalho, como casa, simbolismo e pandemia, em especial as Obras Completas de Carl Gustav Jung, com vistas a explorar a compreensão desse autor sobre a casa como arquétipo e símbolo.

Visando alcançar todos participantes, escolheu-se, como instrumento inicial de pesquisa, um questionário (Apêndice 4) cuja elaboração partiu da análise de estudos existentes sobre a casa e a pandemia. Para tanto, foram examinados os questionários

de vinte artigos, dentre os quais os de Maia (2020), Günther (2003) e Nogueira (2002). Ao final, optou-se pelo desenvolvimento de instrumento específico, para este trabalho, uma vez que a eclosão da pandemia da Covid-19 abriu novos campos de pesquisa ainda não explorados. Desse modo, as perguntas foram elaboradas pela pesquisadora de acordo com os objetivos da pesquisa, isto é, identificar, com maior precisão, quais as transformações na ocupação e no significado da casa/moradia, após a pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. O roteiro de entrevista semiestruturada (Apêndice 7), também desenvolvido pela pesquisadora, atendeu ao mesmo objetivo. Em ambos os casos, levou-se em consideração que os instrumentos para coleta de dados, no caso da pesquisa em psicologia analítica, buscam identificar material simbólico, com a intenção de capturar conteúdos conscientes e inconscientes (PENNA,2004).

5.5 LOCAL DO ESTUDO

Cidade de São Paulo – SP

5.6 PERÍODO DO ESTUDO

A coleta de dados por meio do questionário se deu entre 30 de setembro e 31 de outubro de 2020. As entrevistas foram realizadas no período de 1º a 15 de setembro de 2021.

5.7 POPULAÇÃO DO ESTUDO

Os participantes deste estudo foram pré-selecionados por serem membros analistas do Instituto Junguiano de São Paulo (IJUSP). Com base em lista fornecida pela instituição, todos os analistas do instituto foram convidados a responder o questionário. A lista contemplava 47 membros analistas, incluindo a pesquisadora. Uma vez que a própria pesquisadora não participou da pesquisa e que, na ocasião da distribuição dos questionários, uma das analistas se desligou do grupo, foram enviados, ao todo, 45 convites. Desse total, 23 questionários foram respondidos, configurando a amostra do presente trabalho.

O grupo pesquisado é homogêneo em sua atuação profissional e linha terapêutica, membros de uma mesma instituição. Tais características propiciam melhor controle das variáveis intervenientes, que podem influenciar o efeito da variável independente sobre a dependente (GIL, 2002).

Critério de Inclusão: ser membro analista do IJUSP.

Critério de exclusão: analistas do IJUSP ainda em treinamento.

5.8 COLETA DE DADOS

5.8.1 Questionários

Foi encaminhado um *e-mail* ao presidente do Instituto Junguiano de São Paulo, solicitando permissão para o convite aos membros da instituição (Apêndice 1). Após essa autorização, novo e-mail (Apêndice 2) foi dirigido a todos os membros analistas, com as explicações sobre a presente pesquisa e *link* que direcionava o participante ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 3), elaborado conforme a Resolução n. 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), seguido do questionário (Apêndice 4).

Devido a um problema de digitação no momento da elaboração do formulário *Google*, a questão 16 do questionário não foi registrada. O erro foi percebido no retorno dos questionários, mas a pesquisadora entendeu que a resposta a essa questão – “A que necessidades a sua casa atendia antes da pandemia?” – havia sido contemplada em outras respostas, não interferindo no resultado da pesquisa.

5.8.2 Entrevistas

Dos 23 analistas que responderam ao questionário, foram convidados três para a entrevista semiestruturada. O critério utilizado para a escolha dos participantes a serem entrevistados foi o maior número de informações fornecidas na primeira etapa da pesquisa.

Os contatos para o convite foram realizados por telefone. Após o aceite, o convite foi formalizado por *e-mail* (Apêndice 5) em que constava o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido, assinado pela pesquisadora e sua orientadora (Apêndice 6).

As entrevistas foram realizadas por meio da plataforma *Skype*, em data e horário da conveniência da pesquisadora e do participante. Tiveram a duração média de 40 minutos, com gravação do áudio, para garantia da fidelidade do registro.

5.9 ANÁLISE DOS DADOS

5.9.1 Questionários

A análise dos questionários teve início em novembro de 2020 e foi feita por meio do exame do conteúdo do questionário. Os dados coletados foram organizados e analisados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016). As categorias para tabulação dos dados foram estabelecidas conforme: (1) análise de conteúdo do material coletado e (2) vinculação das perguntas do questionário aos conceitos teóricos da psicologia analítica levantados na pesquisa bibliográfica.

5.9.2 Entrevistas

O áudio das entrevistas foi transcrito e esse material foi lido cuidadosamente, o que possibilitou a análise de conteúdo com base na proposta de Bardin (2016). Foram levantados grupos temáticos a partir do roteiro da entrevista, interpretados sob a perspectiva da psicologia analítica.

5.10 CUIDADOS ÉTICOS

Como a pesquisa envolvia pessoas, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CONEP), através da Plataforma Brasil, em 30 de junho de 2020. Nesse momento, não estavam previstas entrevistas. Todavia, em razão das orientações da banca de qualificação, o projeto veio a incorporar a realização de três entrevistas, para aprofundamento dos temas levantados no questionário. A pesquisa, que já havia sido aprovada, passou então por uma “emenda”, termo utilizado pela Plataforma Brasil para adendos ao projeto de pesquisa, e foi novamente aprovada em 13 de agosto de 2021 (Anexo 1), por meio do parecer consubstanciado de número 4. 903.941, CAAE 35320720.5.0000.0034.

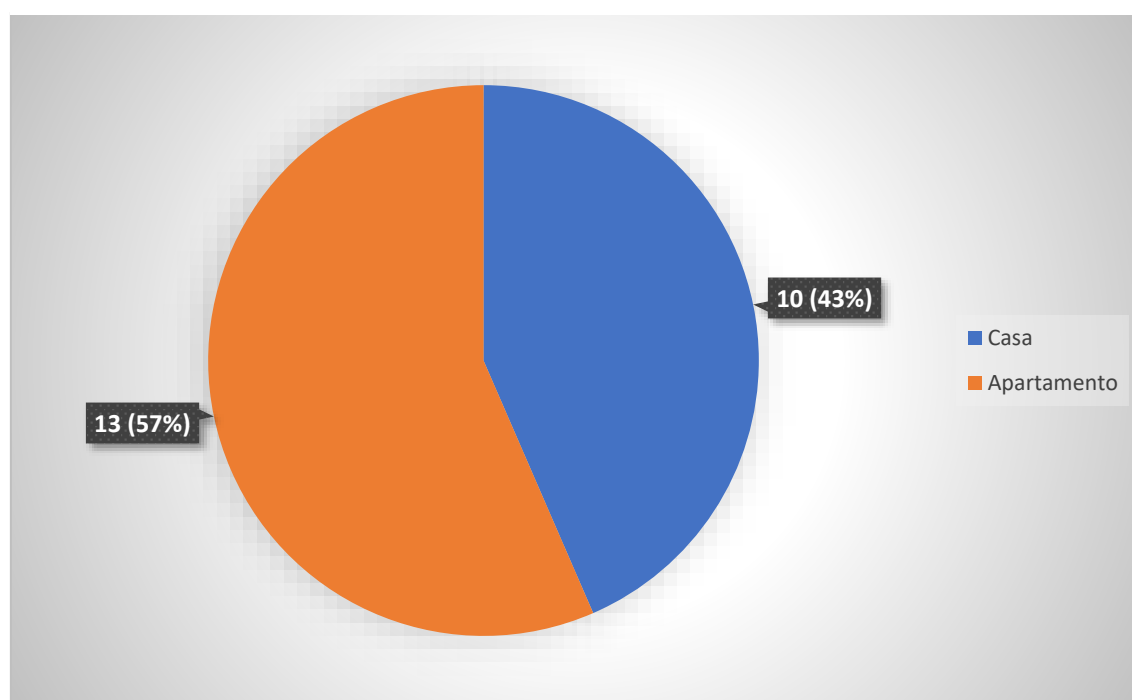
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 QUESTIONÁRIOS

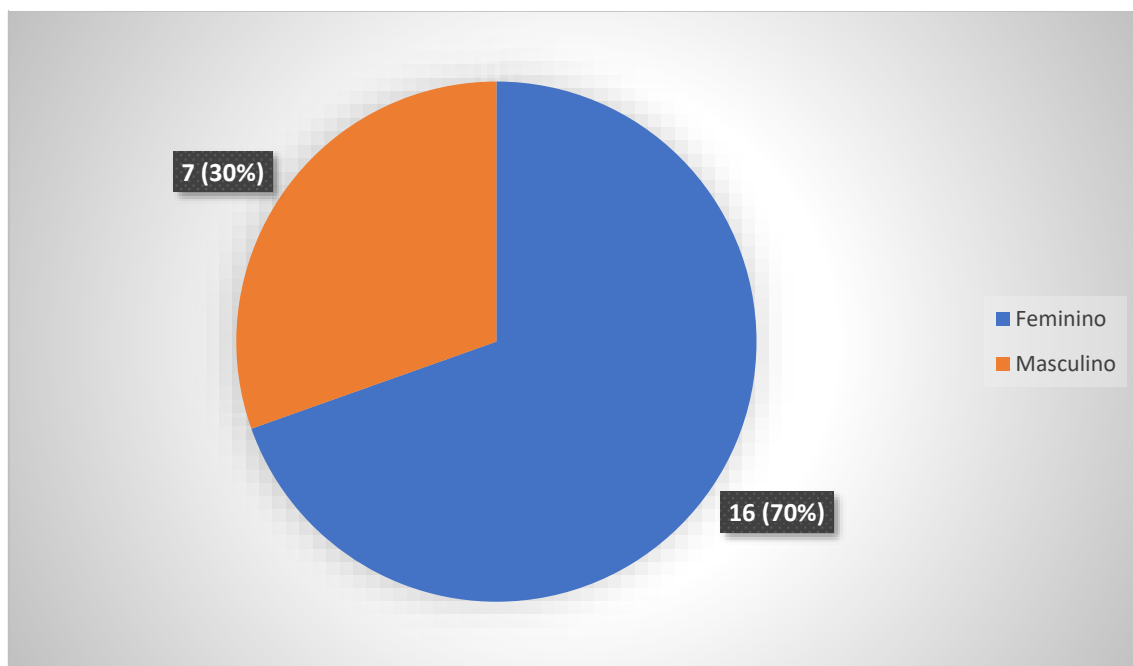
6.1.1 Caracterização da amostra

Na amostra estudada, houve um equilíbrio entre o número de participantes que moravam em casas (10) e daqueles que viviam em apartamentos (13) (Gráfico 1). Nota-se a predominância do sexo feminino – 70% da amostra (Gráfico 2). Com relação ao nível de escolaridade, um pouco mais da metade dos participantes (13 - 56,6%) possuíam nível superior; cinco (21,7%) haviam cursado o mestrado e cinco (21,7%), o doutorado (Gráfico 3). Todos haviam passado pelo curso de formação de analistas que tem a duração de quatro anos. A idade dos participantes variou de 49 a 83 anos, com a maioria (16 – 69,5%) entre 50 e 70 anos.

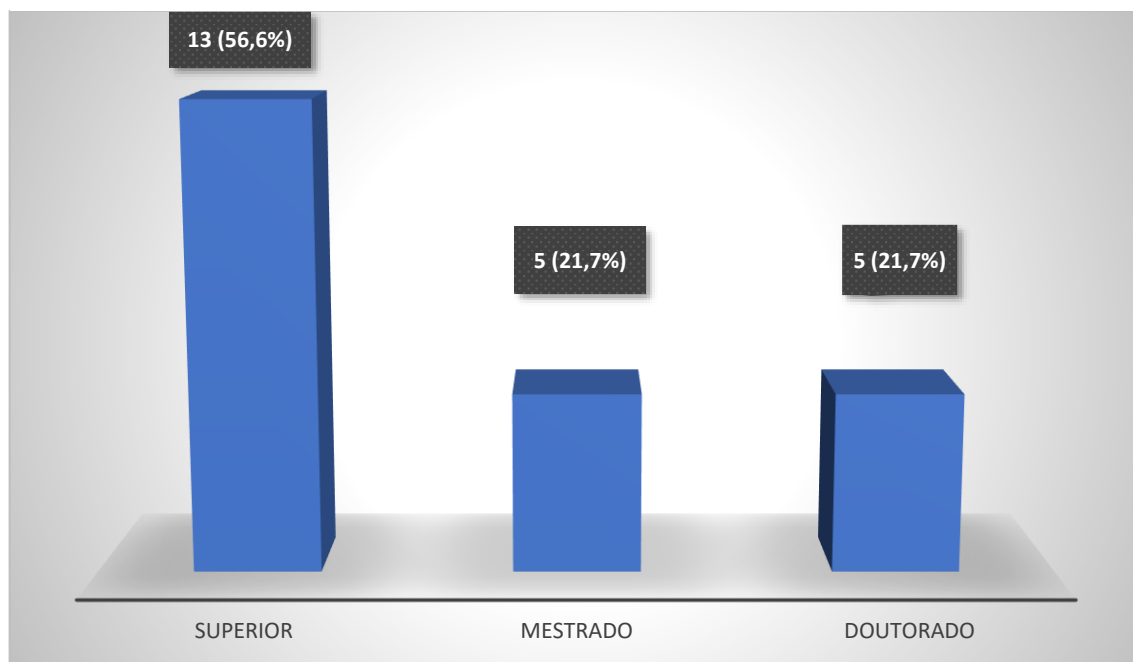
Gráfico 1 – Tipo de moradia



Fonte: A autora.

Gráfico 2 – Gênero

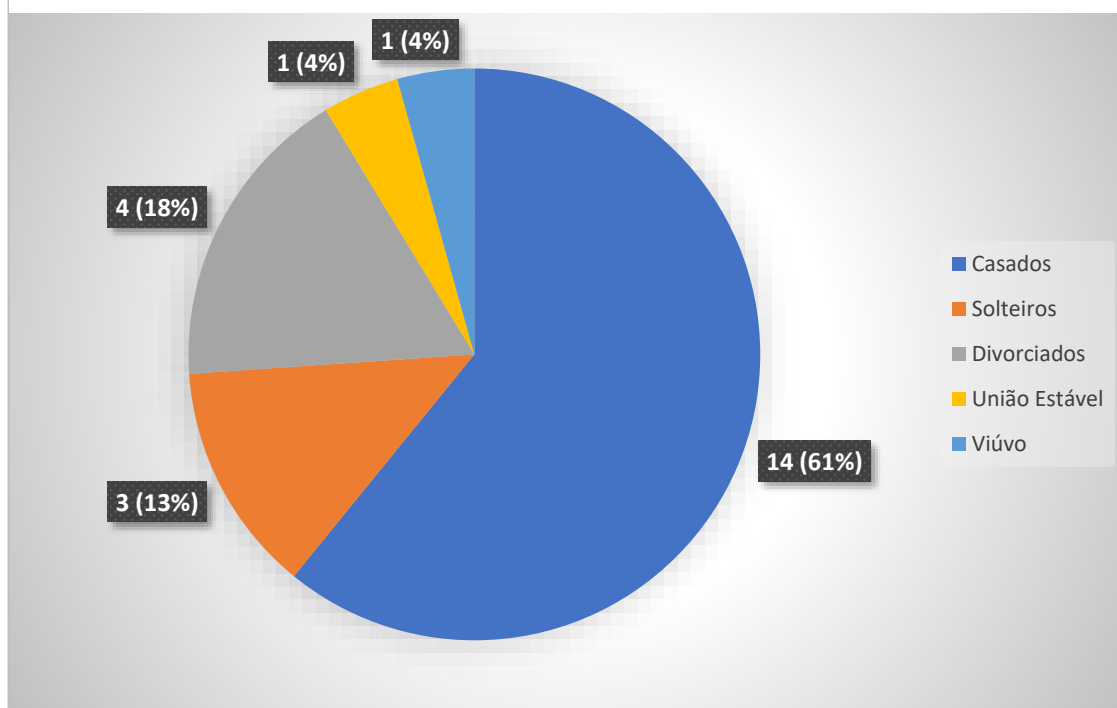
Fonte: A autora.

Gráfico 3 – Escolaridade

Fonte: A autora.

Em relação ao estado civil, a amostra contou com: 14 participantes casados, três solteiros, quatro divorciados, um em união estável e uma viúva (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Estado civil



Fonte: A autora.

Em termos do número de filhos, a maior parte dos participantes (18 - 78,2%) tinha até dois filhos, com a amostra como um todo apresentando a seguinte distribuição: cinco participantes sem filhos, nove participantes tinham um filho e nove participantes possuíam dois filhos.

O número de moradores em cada habitação variou da seguinte maneira: dez participantes dividiam a casa com mais um morador; sete participantes dividiam a casa com outros dois moradores e dois participantes dividiam a casa com outros três moradores. Os demais participantes (4) moravam sozinhos.

6.1.2 Resultados

Segundo Bardin (2016), o sistema de categorias levantado pelo pesquisador em uma análise qualitativa deve dar contorno ao conjunto de informações coletadas. O formato de questionário deste estudo nos levou a priorizar o que Bardin (2016) nomeia como grelha, espécie de malha, na qual procuramos compilar repetições e frequência dos temas. Foram, assim, levantadas as seguintes categorias:

- Tempo de permanência em casa antes da pandemia.

- Tempo de permanência em casa depois da pandemia.
- Como era estar em casa antes da pandemia – sensações, sentimentos.
- Como era estar em casa durante a pandemia – sensações, sentimentos.
- Atividades ligadas ao prazer de estar em casa.
- Alterações na ocupação dos espaços da casa durante a pandemia.
- Relacionamento entre os residentes da casa durante o primeiro ano da pandemia.
- Do que sentiu falta durante o distanciamento físico imposto pela pandemia.
- Significado da casa para o morador.
- Observação dos temas emergentes na clínica durante a pandemia.

De acordo com os dados obtidos, **o tempo de permanência em casa antes da pandemia** era de algumas horas do dia e da noite para mais que a metade dos participantes (56,5%), observando-se que não houve detalhamento do tempo nas respostas obtidas. Durante o período de distanciamento físico, **período da pandemia**, até a data de encerramento dos questionários (31.10.2020), toda a amostra relatou permanecer em casa a maior parte do tempo, trabalhando remotamente.

O grupo respondeu à questão sobre **como era estar em casa antes da pandemia** com os seguintes adjetivos: bom; muito bom; reconfortante; gostoso; aconchegante; lugar de carregar as energias; lugar de descanso; relaxante; agradável. Com relação à questão sobre **como é estar em casa durante o distanciamento físico imposto pela pandemia**, as respostas foram: segurança; proteção; aumento do trabalho; descobertas; uma ambiguidade entre estar bem e estar mal; cansaço; sensação de prisão e cerceamento.

Podemos observar que houve uma alteração nos sentimentos relacionados a ficar em casa antes e depois da pandemia da Covid-19. Se antes havia uma sensação de relaxamento, com a pandemia estar em casa parece estar carregado de tensão e cerceamento.

“Por vezes me sinto preso”.

“[...] um refúgio”.

“Maçante, rotina pesada, *stress*”.

“Opressivo”.

“Atualmente é um pouco mais trabalhoso”.

“Cansativo”.

Apareceram sentimentos ambíguos de mal-estar e bem-estar, como se agora houvesse outros elementos entre o indivíduo e sua casa, que perturbam e modificam uma rotina estabelecida anteriormente.

Os participantes teceram uma longa lista de **atividades que gostam de fazer quando estão em casa** e que relacionaram ao prazer como: ler; assistir filmes; ouvir ou tocar música; trabalhos manuais; cozinhar; cuidar da casa; trabalhar; estudar; fazer atividade física. Dos 23 participantes da amostra, 15 (65,2%) gostariam de permanecer mais tempo em casa antes da pandemia. **Antes da pandemia, os lugares mais ocupados da casa** citados foram sala e quarto (17 citações), ao passo que, durante o distanciamento físico, escritório ou espaço adaptado para o trabalho tornaram-se os lugares mais ocupados (18 citações). Do total de 23 participantes, 17 (73,9%) relataram ter **mudado a ocupação dos espaços da casa** e lugares como jardim, terraço e varanda passaram a ser mais ocupados e valorizados. Com relação à questão sobre **o distanciamento físico e o relacionamento entre os residentes da casa**, houve um equilíbrio entre o número daqueles que responderam que sim, houve alterações no relacionamento entre os residentes (9 – 39,1%), e o número daqueles que responderam que não (8 – 34,7%), lembrando que quatro participantes moram sozinhos.

Com relação a essa última questão, vale observar que duas respostas não foram computadas: a de uma participante que respondeu apenas “bom” e a de outro que, tendo informado morar sozinho, respondeu que houve aproximação entre os residentes. Nesse último caso, como não foram oferecidos esclarecimentos, a pesquisadora considerou que a pergunta não foi bem compreendida ou foram considerados hóspedes eventuais como residentes. Em geral, as respostas não aprofundaram as razões das alterações eventualmente percebidas no relacionamento entre os residentes da mesma casa. As dificuldades nas respostas a essa questão bem como a falta de informações adicionais nos fazem pensar que aqui há um ponto de tensão.

Durante o distanciamento físico, vivido na pandemia, os participantes relataram a falta de amigos, família, espaço da residência, plantas e jardim, mas também foi mencionada a apropriação dos espaços da casa, com investimentos em

melhorias. As respostas obtidas com a questão **O que a casa significa para você?** foram muito marcantes no sentido de apontar a importância da moradia, da casa, do lar para as pessoas pesquisadas. As palavras escolhidas para essa questão foram: toca; proteção; encontro; abrigo; porto seguro; conquista; autonomia; geografia da alma; santuário; família; confiança; trabalho; relaxamento; prazer; descanso; bem-estar; paz; refúgio; aconchego e beleza.

A última pergunta do questionário trouxe a **visão do participante como analista/terapeuta que observa as transformações por meio de sua escuta**, e muitos temas foram levantados como:

- (a) apropriação da casa, na maneira de limpar, manter e decorar, investimentos no conforto e na praticidade, criação de espaços para o trabalho, ocupação de outros espaços da casa menos utilizados anteriormente:

“Descobrimos de recantos desconhecidos...”.

“As pessoas querem tornar a casa mais aconchegante, arrumá-la, ter espaços de compartilhamento e privacidade”.

“O cuidado com a casa passa a ser maior”.

“Muitos demonstraram medo, outros aprenderam a gostar mais da própria casa”.

- (b) conflitos familiares, solidão:

“Você acompanha e é acompanhado 24 horas por dia. A convivência intensa demanda um rearranjo nas relações interpessoais”.

“Incômodo pelo aumento de convivência forçada com familiares; incômodo pela falta de experiências fora de casa”.

“O silêncio é um desafio”.

- (c) violência doméstica, abuso de álcool:

“A intensificação de problemas psicológicos, crises familiares, aumento da violência doméstica, uso e abuso de álcool, mas também resoluções de problemas, aproximações e separações”.

- (d) adaptação a uma nova realidade que se faz presente, como o trabalho remoto e o medo da morte:

“De modo geral, pessoas com o tipo psicológico introvertido tenderam a sofrer menos desconforto do que aquelas com tipo psicológico extrovertido, estas expressando maior desconforto, na medida em que o isolamento foi avançando. Também percebi uma clara manifestação de alívio por não ter mais que perder tempo no trânsito da cidade. Embora ainda em curso, já é possível perceber um processo de clara adaptação à tecnologia da telepresença, que, subjetivamente, vem se tornando muito mais incorporada aos nossos modos de funcionamento regulares”.

“De forma geral, a casa se tornou um porto seguro, como se o inimigo estivesse lá fora e voltar correndo para casa fosse a mágica da segurança. Alguns, com o tempo, ficaram sufocados e desejosos de mais espaço. Migraram para o interior, para a casa dos pais, casa de campo ou alugadas e fizeram destas um novo lar”.

(e) negação

“De maneira geral, observei reações contrárias ao confinamento...”

(f) sentimento de pertencimento e coletividade:

“Primeiro o choque com a notícia, mas o estranho foi que depois houve um sentimento de pertencimento coletivo intenso, inédito, onde o medo foi dando lugar à importância de estar com o outro, saber dos outros e perceber mínimas coisas que antes pareciam não ter valor e outras que não eram tão importantes”.

6.1.3 Análise dos resultados

Segundo Bardin (2016), é importante observar como se estabelecem as relações com o objeto estudado – dominação, possessividade, cuidado – e se há conteúdos projetados no objeto de estudo, levando a um envolvimento afetivo que venha a interferir qualitativa e quantitativamente na variável.

A casa é um lugar de intimidade e privacidade. Falar da casa é como falar de si mesmo, expor-se. Foi possível identificar dois momentos do questionário. O primeiro quando os analistas falavam de si e o segundo, em resposta à última pergunta, em que apresentavam suas observações clínicas, momento este em que os participantes se tornaram menos lacônicos em suas respostas, talvez por saírem do foco de exposição. Uma possível explicação para essa variação pode estar relacionada ao fato de a pesquisadora ser membro analista da mesma instituição que

os demais analistas, o que pode ter gerado certo constrangimento em se negar a participar e, em participando, usar de prudência e diplomacia nas respostas.

Responder a uma pesquisa é sempre uma oportunidade de reflexão sobre o tema proposto, mas, no mundo acelerado em que vivemos, essa é uma atividade que compete com outras muitas demandas. Assim, é possível que aqueles que se dispõem a participar deixem de oferecer respostas mais elaboradas, já que o instrumento permite que não se faça digressões. Consideramos essa uma observação relevante para a realização de futuras pesquisas.

O questionário utilizado permitiu responder a duas perguntas que eram objetivos da pesquisa, a saber: “Houve transformação na forma de estar em casa (caráter subjetivo)?” e “Houve novas maneiras de interação com os espaços da casa?”.

Assim, é possível dizer que houve mudanças na ocupação da casa. Espaços de trabalho foram mais ocupados do que aqueles de descanso, como sala e quarto, que eram mais utilizados antes da pandemia. Houve valorização de terraços e jardins e exploração de áreas antes menos usufruídas. Poderíamos falar em uma diversificação na ocupação das áreas da casa. A casa passou a ser habitada em todas as suas possibilidades: varanda vira escritório, sala vira lugar de exercício, quartos viram escolas, entre tantas outras possibilidades criativas. Nesse movimento, a casa cresce, transforma-se e acolhe. Como uma gestante de múltiplos, a casa passa comportar muitas novidades. Todavia, nem tudo é fácil. Os habitantes dessa grande mãe sentem-se, por vezes, presos. Uma gestante de múltiplos apresenta desconfortos com a densidade demográfica aumentada dentro de si, e a necessidade tão preciosa de se estar quieto sofre o sacrifício.

Com relação à mudança do significado dos espaços da casa, poderíamos dizer que essa transformação se inicia na casa como um todo, pois a moradia, antes vinculada a descanso e relaxamento, passa a ser também proteção e trabalho, com a inclusão de tudo o que era vivido fora e que, agora, é realizado dentro do espaço da casa. O lugar destinado ao descanso passou a ser dividido com o trabalho e foi necessário um rearranjo de uma casa inflada para tantas atividades para as quais não estava preparada. De acordo com Luís Mauro Sá Martinho:

Isso mudou nossa relação com a moradia, como lembra o geógrafo Milton Santos, a maneira como entendemos o espaço ao nosso redor

está ligado às relações sociais que acontecem em cada lugar. O espaço é também construído na relação entre as pessoas (vemos isso, por. ex., quando falamos “Na casa da minha avó...” ou “No trabalho...”: definimos o espaço pelas relações que acontecem nele (MARTINHO, 2020, p.104).

Desde o uso dos *e-mails* e dos *smartphones*, os limites entre o público e o privado já estavam muito mais permeáveis, porém, durante a pandemia, as fronteiras foram rompidas e há um exercício ainda em elaboração para essa nova configuração. Agora, sem a demarcação física dos lugares, é necessário que cada um estabeleça os limites e o tempo entre uma atividade e outra, mas nem sempre isso é uma tarefa fácil.

6.2 ENTREVISTAS

6.2.1 Caracterização dos entrevistados

Foram convidados três analistas para as entrevistas, dentre aqueles que ofereceram o maior número de informações na primeira etapa da pesquisa. Os dados de identificação foram: nome, sexo, idade, nacionalidade, número de filhos e estado civil. Os entrevistados residiam em apartamento e relataram não ter havido modificação no número de moradores da casa durante a pandemia.

Os nomes utilizados para identificação dos analistas são fictícios, bem como o nome de pessoas por eles citadas. A transcrição das falas dos entrevistados não foi corrigida para uma versão escrita, mas mantivemos o discurso transcrito da conversa como ele se apresentou.

Tarsila é do sexo feminino, brasileira, tem 55 anos, psicóloga, é divorciada e reside com o filho de 21 anos.

Anita é do sexo feminino, brasileira, tem 49 anos, psicóloga, é casada e reside com o marido e dois filhos adolescentes de 14 e 13 anos.

Mário é do sexo masculino, brasileiro, tem 50 anos, psicólogo, é solteiro e mora sozinho.

6.2.2 Grupos temáticos

Após a leitura das respostas transcritas, foram organizados grupos temáticos com base no roteiro da entrevista. Os conteúdos levantados foram categorizados e realizada uma subdivisão do material das entrevistas de acordo com o grupo temático, conforme mostra a Tabela 1. Os grupos temáticos elencados foram:

- As transformações e a ocupação da casa no primeiro ano da pandemia.
- Dificuldades no acolhimento de todas as atividades em casa.
- As bases de sustentação emocional na pandemia.
- O atendimento clínico *on-line*.
- Ressignificação de aspectos subjetivos.
- Ressignificação de aspectos objetivos (casa).

Quadro 1 – Grupos temáticos

Grupos temáticos						
	As transformações e ocupação da casa no primeiro ano da pandemia	Dificuldades no acolhimento de todas as atividades em casa	Bases de sustentação emocional	Atendimento clínico <i>on-line</i>	Ressignificação dos aspectos subjetivos	Ressignificação dos aspectos objetivos (casa)
Conteúdos	Transformações na forma de ocupação dos espaços	Cansaço	Família	Cansaço	Aproximação da família	Habitar a casa
	Percepção de necessidades	Delimitação de espaços	Natureza	Paradoxo: não sair de casa e atender pessoas mais distantes	Qualidade de vida	Ocupar espaços
	Delimitação de espaços	Saudades do contato físico	Esperança	Aprender as peculiaridades do atendimento digital	Vida mais simples	Perceber a relação entre a casa e o morador
	Reimaginando a casa	Exposição da intimidade	Amigos	Esvaziamento do corpo	Habitar a casa	Casa reimaginada
		Refletir sobre a situação do país	Trabalho	Perda da profundidade do campo analítico	Reavaliação na forma de se relacionar	
		Compressão de espaço e tempo	Cozinhar	Estabelecer limites para trabalho digital	Revisão do que é saúde mental	
		Dificuldades com a tecnologia	Ouvir música			
			Limitações gerando descobertas			

Fonte: a autora

No que se refere ao grupo temático **as transformações da casa no primeiro ano de pandemia**, os conteúdos levantados foram: transformação na forma de ocupação dos espaços; o deparar-se com necessidades que antes não eram valorizadas; a delimitação de espaços e o imaginar novas configurações para a casa.

No caso de Tarsila, como havia dois moradores na casa, não houve a necessidade de modificações nos espaços, mas na forma de ocupá-los.

“Eu percebi o quanto ter pessoas dentro de casa me deixa mais acuada. O fato de não ter uma funcionária dentro de casa me deixou mais à vontade. Eu fiz arrumação do armário de limpeza, de material de limpeza, de dispensa, coisas que eu nem chegava ali perto, eu arrumei de um jeito que eu conseguisse encontrar as coisas, que tivesse a minha cara”.

“Eu desfrutei mais da casa e isso foi uma mudança. Eu consegui ocupar mais e, principalmente nos primeiros meses, eu ocupei mesmo, eu punha meu material de estudo na mesinha [...], nesta mesinha onde era varanda e eu abri (antes da pandemia). Permaneceu assim... que meus livros ficavam lá. Não me incomodava de estar aquela baguncinha lá do meu computador, dos livros, que quem entrasse aqui – não entrava ninguém –, mas quem entrasse ia ver que a casa é minha, coisa que eu normalmente não fazia. Eu acho que ocupei, eu ocupei mais o espaço. Eu não fiz nenhuma transformação, mas eu habitei ela. Eu deixei marcas, eu deixava minha baguncinha aqui... me apropriei. Reparei que normalmente não faço”.

Mas, como tudo é um processo, parece que apropriação desses espaços ainda se dava de forma tímida.

“Eu tenho um quarto que tinha sido preparado para o Heitor jogar um videogame que se jogava de pé. Só que o quarto está inabitado, o quarto está lá e deveria ser transformado. Eu pensei em transformar em consultório, em um escritório, em uma biblioteca, eu pensei sim. Não fiz, mas pensei, porque é um quarto que não é usado”.

“Depois, quando a Antonieta voltou a trabalhar em casa, depois desses três meses, eu fiquei no quarto, é a última parte da casa”.

Anita relatou que, como passava muito tempo fora de casa antes da pandemia e tinha uma funcionária que fazia o serviço doméstico, acabava por não olhar o que a casa estava precisando e, no período de distanciamento, passou a notar mais o que não funcionava em casa.

“Eu acho que colocou a gente muito mais dentro de casa, vivendo o dia a dia, porque aí você começa a ver a vassoura que você tem, o balde que você tem, das pequenas coisas funcionais, até eu acho que começou um movimento de cuidar da minha casa. Coisas que antes eu sabia que tinha, que eu precisava fazer, mas era sempre na rua, sempre correndo, ia postergando”.

“Com a pandemia, eu acho que eu fui atrás de tudo que eu precisava, cuidar da minha casa interna e cuidar da minha casa de ficar”.

“Eu troquei um sofá por um mais gostoso, eu planejei uma reforma na cozinha, aonde [sic] eu vou colocar uma máquina de lavar. Dava, porque era só de vez em quando que eu lavava louça. Agora eu quero uma máquina de lavar louça. Mesmo a máquina de lavar roupa que estava com uma peça quebrada, eu chamei o cara na hora para arrumar [...] Comecei a cuidar muito mais da casa, das coisas que eu postergava, não fazia e tive que fazer”.

De acordo com Anita, houve adaptações para que todos pudessem fazer suas atividades, o que demandou uma divisão entre os moradores no uso dos espaços.

“Teve uma adaptação, porque, no começo, o Carlos ficava no escritório, eu comecei a atender e a fazer reunião no meu quarto, para ter a privacidade, para fechar a porta. E os meninos, um ficava na mesa da sala com o computador, tendo aula, e o outro, lá no quarto deles, mas até isso a gente mudou. Eu comprei uma escrivaninha melhor para eles. Tinha um outro móvel que eu tirei uma parte. Fui também adaptando um pouco o quarto, para que eles tivessem esse conforto, porque, antes, na verdade, era muita lição escrita e pouco se usava o computador para a escola, a não ser que fosse uma pesquisa, e isso também mudou. Antes, eles só precisavam da mesa para sentar, um sentava aqui, o outro no escritório e faziam. Agora não. Eles precisam de espaço com silêncio para ter aula”.

Mário fez alterações, ainda que discretas, na casa, durante o primeiro ano da pandemia. Verifica-se, portanto, que mudanças não deixaram de estar presentes, mesmo para quem mora sozinho, como Mário.

“Eu comecei, desde o dia dezessete de março, teve aquele momento de isolamento mesmo, de quarentena, e eu tive que adaptar [...] esse escritório como um espaço para trabalho. No caso, eu já trabalhava nele na parte mais intelectual, mas tive que adaptá-lo como se fosse um consultório. Fiz algumas adaptações, mesa, poltrona, a posição do computador para usar para o trabalho. Fiz uma adaptação simples, não foi também tão violenta, pelo fato de que eu não tenho filhos e moro sozinho. Foi uma adaptação simples, mas para dar uma cara de consultório, não ficar só com uma cara de escritório”.

“[...] o meu escritório já era um espaço do trabalho. Vinha para cá para escrever, preparar material e tal. Esse espaço do trabalho começou a ter um viés do trabalho clínico. Então, além do trabalho, essa coisa que está para além do consultório, que você escreve, que você reflete e tal [...] Ele começou a ter um espaço de trabalho clínico. Eu tive que dar uma organizada. Não mudei quase nada, só organizei a posição das coisas...um espaço melhor, um pouco mais confortável, porque você tem que ficar sentado o dia inteiro”.

“Eu protegi o quarto, não deixei nada para o trabalho no quarto. O que eu fiz, em alguns momentos, foi trazer a TV aqui para o escritório, caso precisasse fazer esse trabalho mais de aula. Só fiz isso. Mas não fiz outras modificações não”.

“Com relação a mim mesmo, eu tentei manter, por exemplo, algumas condutas, como se eu estivesse trabalhando fora. Parar para almoçar, sair desse espaço, fazer o almoço, almoçar na cozinha, não pegar o computador e levar para o quarto. Quando eu ia fazer minha análise pessoal, levava o computador para a varanda, em um espaço mais arejado”.

“Então, eu abri um espaço, por exemplo, para pintar. Eu pintei dois quadros, na verdade, em um trabalho de imaginação ativa que eu fiz. Muito interessante isso que surgiu, veio com a imagem de uma serpente. Então, teve isso, eu abri um espaço de ... coloquei um tripé na varanda, abri um espaço ali para pintar um pouco e a coisa da música, ficar ouvindo todos os meus CDs e tal e tudo o mais”.

Com relação às **dificuldades no acolhimento de todas as atividades em casa**, houve diferentes experiências. Os conteúdos levantados neste grupo temático foram: cansaço; delimitação de espaços; saudades do contato físico com as pessoas; exposição da intimidade; reflexões sobre a situação política do país; sensação de compressão de espaço e tempo e dificuldades com a tecnologia;

Tarsila contou que não teve dificuldade em ficar em casa. No início, foi cansativo administrar o trabalho com os cuidados da casa e o cozinhar, mas estar em casa foi muito bom. Sua maior dificuldade foi administrar o uso da tecnologia e pensar no que estava acontecendo no Brasil.

“E somar todas as funções é cansativo. Eu não posso dizer que tive dificuldade, não. Eu fiquei cansada nos primeiros três meses, mas como eu sou muito caseira, como eu gosto muito de estar em casa, eu fui gostando cada vez mais de estar aqui”.

“[...] às vezes eles me mandavam alguma mensagem no celular quando tinha algum pepino ou algum... sei lá, quando tocava a campainha com alguma entrega, quando eu tinha que resolver alguma questão, mas acho que foi uma única vez que eu tive que resolver uma questão, que eu tive que pedir licença para o paciente, para poder socorrer o que estava acontecendo, mas foi uma vez só. Acho que eu tinha que pagar alguma coisa, mas foi uma única vez”.

“Não foi muito sofrido para eu estar em casa, porque eu gosto de estar em casa. Eu até esqueço, eu fico aqui... solzinho batendo, lendo ou então estou no meu quarto e esqueço. O tempo passa e todo mundo me cobra, meus amigos, [dizem] que não ligo [telefone]. Eu estou quieta e estou entretida. Eu acho que eu sou tão para dentro que eu esqueço do para fora”.

“Eu tive o desafio do computador, as primeiras aulas no Zoom, que eu tinha que sacudir o meu filho na cama - Pelo amor de Deus, vem por essa porcaria para mim - mas, depois eu me ajeitei. Isso foi difícil, porque eu comecei a ser ... ter que usar uma ferramenta que eu pouquíssimo... que eu usava pouquíssimo. Tive que aprender na marra, aprendi o básico para sobreviver”.

“[...], mas não era nem a questão de ficar em casa, era medo de perder alguém, pela tristeza de ver o que estava acontecendo com inúmeras famílias. Essa questão política que também me pegou muito, comecei a ficar muito chocada com as coisas que eu estava vendo”.

Anita, com quatro moradores na casa, teve um trânsito maior a organizar. A falta do encontro e da troca afetiva também foi difícil, assim como a sensação de se sentir presa.

“Eu acho que, logo que começou a pandemia, eu tive um agravante, porque eu estava com a perna quebrada e não podia pôr o pé no chão. Então, isso acabou limitando muita coisa”.

“No começo, tinha muita trombada, mas, com o tempo, isso foi acontecendo...Que horas pode almoçar hoje? Que horas não pode? Têm dias que eu atendo até as duas, tem dias que atendo até duas e meia, aí, tem que almoçar depois, tem dias que a gente tenta almoçar antes. Quando trombava, trombava tipo os meninos iam ter um trabalho em grupo e eu atendia até mais tarde, aí acabava que eles comiam rapidinho para ir para o grupo ou comiam fazendo o trabalho. Isso já aconteceu. Mas acho que entrou em um esquema, em um movimento. Uma hora ficou muito difícil ficar com o Carlos aqui, falando alto daquele jeito. Com o começo da pandemia, ele entregou o escritório dele, que era no centro da cidade. Ele veio para cá com tralha e com tudo, enfiou as tralhas em um canto e ficou realmente os quatro enfiados aqui. Só que, no começo desse ano, ele conseguiu ver esses *coworking* e ele alugou uma salinha para ele, que é perto, ele vai de bicicleta, vai a pé. Agora, que ele operou o joelho, não, mas, no dia a dia, é isso que aconteceu. Ele foi para lá. Aí, as coisas se ajeitaram mais, porque eu fico no escritório, um fica no quarto, outro fica na sala e ele fica no canto dele. Se bem que, duas vezes por semana, pelo menos, eu estou indo para o consultório e eu atendo de lá, mas o que tem me prendido mais é que o fato de eu não ter funcionária, os meninos ficam muito sozinhos. Então, eu tenho optado por trabalhar mais de casa para poder não os deixar tão sozinhos. E eles também não estão com as atividades habituais, o esporte, as outras coisas. É tudo enfiado aqui”.

“O que mais me pegava é eu me sentir presa. Isso pegava, e as saudades. Eu nunca imaginei que eu ia sentir tanta saudade de um abraço. Eu não sabia que eu era afetiva, que eu precisava desse abraço, ver meus amigos. Eu não consigo ver e ficar [não ir ao encontro do outro]. Eu fico assim: "vou?", "não vou?", "como que é?". A saudade pegou. Porque hoje é normal você virar para pessoas que

faziam parte do seu dia a dia e falar: faz dois anos que eu não vejo. Coisa que antes era impensável”.

Mário relatou que sua dificuldade se revelou nas questões políticas e em ter que abrir um espaço de sua intimidade para o trabalho, exigindo adaptações, e o incômodo em realizar todas as atividades no mesmo lugar, levando-o a experimentar uma espécie de compressão do espaço e do tempo.

“Primeiro, acho que tem a questão da incerteza porque a pandemia não está sozinha no nosso país. Está junto com uma questão política, toda uma desorganização, falta de projeto, uma falta de acolhimento da questão política, no caso, político-partidária do governo mesmo, e, aí, um salve-se quem puder do ponto de vista mesmo da questão das corporações, sindicatos, conselhos, grupos, universidades, núcleos, sociedades, cada uma de algum jeito dando um entendimento para a situação”.

“O que eu senti é que o fato de estar começando a trabalhar em casa, trazer as pessoas para o seu mundo mais íntimo, mesmo sendo um escritório de trabalho tem características pessoais, fotos, coisas que eu tenho de agrado, mais pessoais, isso trouxe uma maior transparência. Não vou dizer que é uma mistura entre casa e trabalho, mas trouxe uma dimensão mais particular, menos profissional, por mais que eu tenha adaptado de uma maneira que ficasse com uma cara profissional. Eu acho que a dificuldade é: eu tinha um espaço de trabalho, que era um consultório, de quase vinte metros e eu vim para um espaço de quatro por quatro. Essa coisa mais apertada. Isso não curti muito. Acho que a dificuldade está nessa coisa da compressão. Por exemplo, se eu saía de casa, tomava um café em casa, na minha cozinha, pegava esse elevador, pegava o carro e ia para o consultório. O trâmite daqui [em casa] era em três minutos, quatro minutos, então eu levantava do quarto, da suíte, ia até a cozinha, preparava o café e já estava aqui no espaço. Essa questão do tempo bem reduzido. Eu poderia, no caso, acordar quinze minutos antes, tomar uma ducha e já estava aqui. Acho que tem essa questão da compressão tanto do espaço quanto do tempo”.

“Acho que, depois de mais ou menos seis meses, quando deu agosto (2020), comecei a fazer uma coisa meio híbrida. Eu comecei a ir quinta-feira para o consultório de manhã. Essa sensação de sair de casa, ir para o meio externo, trouxe uma sensação de alegria e satisfação. Ficar os seis meses só trabalhando dentro desse espaço trouxe uma sensação de opressão, de fadiga, de cansaço, essa coisa de ficar trabalhando perante a tela, poucas vezes levantar, se movimentar, a dimensão, no caso, parcial do corpo, essa coisa para cima. Acho que tem as vantagens de você reduzir a questão do tempo, mas a desvantagem é você ficar extremamente oprimido dentro de um espaço. Acho que depende também do tamanho da sua residência, seja apartamento, seja casa. Acho que, em casa, algumas pessoas foram trabalhar no jardim, conheço colegas que foram trabalhar no

jardim ou mesmo naquela parte mais aberta, um espaço mais aberto para fora. Isso deve ter trazido uma sensação melhor”.

“Há uma perda com relação à sensação de movimento. Acho que tem, entre aspas, vou usar esse termo, uma obesidade física de poucos movimentos. Por mais que o nosso trabalho no consultório fosse um trabalho sentado, a sensação visual do corpo inteiro, um diálogo visual, essa coisa do olhar, o levantar, o sentar, o ir até a mesa, voltar. Lá é um espaço bem maior, traz uma sensação mais de alívio, de menos compressão. Aqui tem uma coisa de ficar meio comprimido mesmo. Eu acho que é uma coisa ruim, uma sensação meio fóbica”.

“Eu acho que eu ainda estou me adaptando. Na verdade, entre um intervalo de um atendimento e outro, vou na minha varanda, vou tomar um café, às vezes, vou fumar um cigarro, às vezes vou tomar uma água. Mas o tempo fica muito reduzido”.

“Com relação à casa, eu senti que ficou pequena, porque, como você tem que conviver com a questão do isolamento, você tem a ideia de expansão. Para onde eu vou? Só se sair voando, não tem para onde ir. Eu tenho minha varanda que é muito agradável, dá para ficar lá, então eu vou para lá, tomo um café, tomo um suco, fumo um cigarro, às vezes almoço lá, tal. Mas ficou pequeno”.

As bases de sustentação emocional na pandemia relatadas foram: família; natureza; esperança; amigos; trabalho; cozinhar; ouvir música e a descoberta nas próprias limitações que se impunham, algo que tornava a vida melhor.

Para Tarsila, a aproximação da família e da natureza foram fontes de segurança emocional nesse período de medos e incertezas, mas as próprias questões que ia descobrindo durante o distanciamento físico, vivido na pandemia, foram abrindo possibilidades de como viver melhor e reavaliar o que realmente é necessário para isso.

“Acho que eu me aproximei mais da família, da família mais próxima mesmo. O que eu posso te dizer, acho que questionei, muito também [...]. Eu descobri uma qualidade de vida nessa possibilidade, que inclusive é uma possibilidade de mobilidade, porque esse atendimento *on-line*, eu atendi tanto aqui na minha casa, como eu atendia no sítio, essa possibilidade de mobilidade... é contraditório. É uma mobilidade que eu posso atender de longe, eu posso...levar o consultório junto comigo. Pacientes que viajaram. Eu pude viajar, então foi uma qualidade de vida, que está difícil de imaginar abrir mão completamente, acho que vou querer uma vida meio híbrida. Eu acho interessante também essa coisa do ficar em casa, com a coisa do se vestir...eu não tenho essa do consultório que eu pegava uma roupa, um terninho, um sapato e hoje, simplesmente, estou com uma roupa confortável, não é uma questão”.

“Agora, eu tenho também muitos finais de semanas [em que] eu ia para o sítio. Eu não cheguei a sentir o sufoco, porque eu tinha escape do fim de semana, ir para o sítio. Nos primeiros meses não, porque ele estava em reforma. Daí eu fiquei quietinha aqui, mas, depois, sim. E, como é ao ar livre, eu não cheguei a sentir que estava presa, eu senti o conforto de estar em casa, de trabalhar em casa, de não ter que ir pegar trânsito... tive o privilégio de estar em lugar aberto, no sítio ... se eu não tivesse a possibilidade de estar no sítio, porque essa coisa de estar ao ar livre, de pisar na grama, de estar fora, de ver o céu, eu também preciso muito”.

Anita relata que a esperança, os amigos e as facilidades que a ausência de deslocamento proporcionou ajudaram a travessia do distanciamento físico.

“Eu acho que foi, por um lado a esperança. Eu acho que, principalmente, a esperança. Eu fico pensando se, de repente, lá atrás, em março, a gente já soubesse que ia ser dessa forma e que a gente ia ficar tanto tempo fechado, talvez a gente não aguentasse. Eu acho que a gente foi aprendendo a lidar. E conseguir adaptar à nova rotina. Acho que eu tive que desenvolver também uma nova rotina para poder lidar com tudo isso. Foi um processo cheio de esperança, porque, na verdade, eu tenho esperança de que o ano que vem não tenha mais nada. No meio do ano passado, eu achava que, no começo desse ano, também já não ia ter mais nada, eu achava que no meio do ano ia acabar. Aí, já estou me questionando se realmente vai voltar como era no começo do ano que vem. Agora, é tipo conhecimento que não dá para abarcar tudo de uma vez? Que é um processo que vai de pouquinho em pouquinho. Eu acho que o fato de ser um processo ajudou a me adaptar... Eu acho que a esperança e ir devagarzinho, os amigos. Quando a coisa aperta, a gente liga para um, a gente fala com outro, bem ou mal, nas nossas reuniões, a gente compartilha alguma coisa. Um pouquinho de cada [uma] dessas coisas, mas não acho que foi fácil. Só que eu também tive benefícios. Entre eles, quais que eu posso citar? Primeiro deles: a pandemia veio em uma época que eu estava com muita dificuldade de locomoção [Anita havia sofrido uma fratura na perna e passou por cirurgia]. Para mim, isso foi muito vantajoso. Cada vez que eu ia para a [faculdade], eu saía de lá com o ombro doendo, porque eu tinha que entrar por aquela garagem, ir até o elevador, minha sala ficava no final de um corredor e, depois, a outra aula era no final do outro, do outro lado. Então, ir com aquele andador para cima e para baixo. Sem falar [do ter que] pegar táxi, porque eu não podia dirigir. Fez andador, põe no carro, abre andador para poder sair, sem poder pôr o pé no chão. Logo no começo, eu tomei um tombo andando, porque aí eu estava com a muleta e caí, me esborachei. Foi aí que eu mudei para o andador, porque eu achei mais seguro. Isso foi muito benefício para mim. Eu não precisar ir fisicamente até os lugares, me locomover. Primeiro que eu economizei, porque eu estava gastando uma nota com transporte e perdendo muito tempo, porque aí você tem que esperar chegar, às vezes tem trânsito, aí o cara para. Se era Uber, às vezes ele fazia outro caminho. E eu sou do tipo que, [se] estou indo, então, estou indo, beijo, tchau, entro no carro e vou. Não gosto dessa dependência. Eu

estava muito dependente. Me deu, sim, uma autonomia e uma comodidade ficar dentro de casa. Esse é o primeiro ganho. Um outro ganho que, para mim, foi muito válido é que tinha um lado meu que falava assim: eu estou perdendo uma fase importante do crescimento dos meninos. Embora a gente está [sic] junto de fim de semana, tinha várias vezes durante a semana que eu só chegava, dava um beijinho, porque eles já estavam na cama quando eu chegava da dança. Por eu fazer a dança, que era de terça e quinta, segunda e quarta eu acabava atendendo até mais tarde ou tendo atividade até mais tarde. Aí, na sexta, tinha a [faculdade] até a noite. Todas essas obrigações, essas coisas, me tiravam horas com eles. O gostoso foi que, apesar de ser trabalhar em casa, nos intervalos eu ia lá, dava beijinho, a gente se falava, e voltou um ritual que a gente não conseguia ter mais com essa frequência. Almoçava junto, jantava junto, e isso é muito gostoso. Agora, é difícil não almoçar todos juntos ou jantar todos juntos. Até o Carlos, que não tinha esse costume, quando ele voltou a sair, começou a vir para casa para almoçar com a gente. Esse resgate desse lado de ter mais tempo com os meninos, isso, para mim, também foi uma vantagem que não tem preço. Foi muito bom”.

Para Mário, além dos amigos, da família e da natureza, o trabalho foi uma base de sustentação emocional e de sensação de continuidade com a vida antes da pandemia. De alguma forma, aquilo se mantém inalterado para nós diante de grandes mudanças é o que nos abriga.

“Eu acho que, no começo, foi o contato por telefone ou mesmo a troca com alguns amigos e família, essa coisa de saber como estavam os meus familiares, alguns amigos por WhatsApp. Acho que o fato de continuar trabalhando trouxe também uma sensação de continuidade. Acho que a nossa profissão ficou *on-line*, mas a gente não parou de trabalhar. Pude, em alguns momentos, fazer algumas leituras. Eu acho que a música foi algo que ficou muito presente para mim. Eu acho que também uma reflexão do mundo interior. Acho que isso foi importante, essa parada para isso. Ao mesmo tempo, trocando ideias com colegas para saber, entender que fenômeno era esse do *on-line*, quais as questões que estavam envolvidas nesse trabalho, questão mesmo da sombra coletiva. Acho que a troca, mesmo por WhatsApp, mesmo por telefone, com uns amigos, colegas, familiares, tem uma sensação de existência, mas no trabalho ficou muito forte. Acho que o trabalho foi uma das coisas que sustentou um pouco essa ideia de continuidade”.

[...] a música foi algo bacana para mim. Tem um detalhe: no começo da pandemia, eu comecei a cozinhar muito, porque eu gosto de cozinhar e comecei a cozinhar bastante. Tirava foto, mandava para os amigos e para as amigas no grupo. Isso foi legal, mas depois de um tempo isso acabou. Acho que durou uns seis meses, depois começou a ficar tudo meio tedioso. Tanto é que tem aquele filme ‘O feitiço do tempo’. As coisas ficaram um pouco nessa ideia, do que se repete e não modifica”.

“[...] quando começou a abertura, pegar e ir para o interior, ir para as montanhas. Fui várias vezes para São Francisco Xavier, também em uma casa, ficava isolado. Então essa busca do contato com a natureza... E, fôssemos individualmente ou casal, com no máximo quatro pessoas, e no grupo que já estava se protegendo e tal. Mas sempre mais individualmente ou casal”.

Os conteúdos surgidos no tema **o atendimento clínico *on-line*** foram: cansaço, não sair de casa e atender pessoas que moram mais longe; aprender as peculiaridades do atendimento digital; o esvaziamento do corpo; a perda de profundidade do campo analítico e a necessidade de se trabalhar limites com o trabalho digital, já que ele não encontra fronteiras físicas.

Para Tarsila, o atendimento clínico *on-line* trouxe novas possibilidades, poder atender de onde estiver – a viagem do analista e do analisando não impede o trabalho –, o desmonte de toda uma estrutura para atender, como se preparar para sair, trânsito, deslocamentos. Isso tudo tornou a vida mais simples. Nos primeiros meses, houve um aumento do cansaço em razão do atendimento digital, mas, agora, parece que o nível de energia despendido se igualou ao presencial. A descoberta de que era mais flexível do que imaginava tornou possível acompanhar a forma como cada paciente se apresentava em seu atendimento, sem julgamentos. Sua adaptação e adesão a essa forma de atendimento a fez pensar que seria uma perda se tivesse que atender somente no consultório daqui para frente.

“[...] eu realmente me adaptei, inacreditavelmente. Eu ficava muito cansada, acho que agora eu fico cansada tanto quanto. Não é mais aquele desgaste tão grande, talvez o olho, mas eu, no consultório todos os dias, o dia inteiro, nesse vai e vem, que muitas vezes eu passava a manhã, voltava para a casa, voltava para o consultório. A minha questão agora já é um apego à vida que se... E ruim vai ser voltar para o consultório”.

“Eu pude viajar. Então, foi uma qualidade de vida, que está difícil de imaginar abrir mão completamente, acho que vou querer uma vida meio híbrida”.

“Eu tinha atendido muito pouco *on-line*, eu tinha atendido, acho, uma ou duas pacientes só, antes disso, mas foi tranquilo, inclusive eu tive pacientes que não queriam o vídeo, que me pediam para tirar o vídeo e eu deixei, não me incomodou. Como eu vi muitos profissionais [incomodados] [...] entrei muito no ritmo de cada um. Eu realmente descobri uma flexibilidade em mim, mas, na verdade, eu tenho essa flexibilidade no consultório. Eu deixo o paciente meio que reger o que acontece, o processo. Então, não é difícil para mim embarcar no pedido do paciente”.

“Eu tenho paciente, um está no Guarujá, outro está na Suíça, outro está na Alemanha, tem vários lugares... que eles debandaram. E eles queriam, 'Me mostra o céu, como é que está o céu?', e a janela estava atrás de mim. Então, foram outras coisas, apesar de que no consultório isso também acontece. Quantas vezes eles olham para trás e olham para o céu?”

Anita teve dificuldade para se adaptar ao atendimento *on-line*, o que a remeteu à aprendizagem do início da formação como psicóloga, mas a possibilidade de atender pessoas que estão distantes foi um ganho.

“Difícilimo em todos os sentidos. Hoje eu acho que, como tudo na vida, a gente se adapta, e aí a gente aprende a observar de outro jeito e a gente aprende a se conectar apesar disso, apesar de ter uma máquina entre a gente, eu acho que a gente aprende, mas eu tenho muita dificuldade com a coisa digital, com computador. De novo, meu computador não estava bom, eu ia arrastando. Meu fone estava queimado e eu ia arrastando. Eu não estava com o aparelho adequado para fazer tanta reunião, então eu fazia no celular, porque no computador, se eu falasse, o outro não me ouvia. Foi muito desgastante. Acho que, nos dois primeiros meses, eu tinha dor de cabeça todas as noites, porque ficar olhando para a tela, para mim, isso traz um cansaço, traz um desgaste de energia. Eu acho que mexe com a nossa energia de uma outra forma. Aí eu precisava ficar de óculos, porque na tela sem óculos eu vejo meio embaçado. Se eu estou atendendo, eu não estou atendendo de óculos o tempo todo, não estou o dia inteiro de óculos. Vou fazer uma reunião, não preciso ficar de óculos. A não ser que eu vá escrever alguma coisa. Tiveram [*sic*] outras adaptações que foram muito difíceis. Assim como só ver o paciente daqui a aqui [gesto do alto da cabeça até a cintura]. Às vezes o paciente está falando com você, mas você está vendo que ele está fazendo outra coisa. Aí eu falo: o que você está fazendo? O que você está vendo? Eu sofri muito no começo. Eu ri, porque, há pouco tempo antes da pandemia, tinha me procurado um paciente que queria *on-line* e eu recusei. Eu falei: eu não sirvo para isso. Aí eu não tive escolha. Eu tive que aprender a lidar com isso. Acho que é quase como quando a gente se forma, que no começo [para] a gente atender, se sente super desgastada, e acho que com o tempo a gente começa a aprender a se proteger. Foi essa tourada que eu senti de novo, me remeteu ao começo, porque é um novo tipo de atendimento, que a gente não está acostumada, sendo que eu fiquei mais de vinte anos, eu nunca atendi *on-line*. Não atendia mesmo. Aí eu tive que aprender. Eu senti muito, mas hoje eu diria que a gente consegue, sim, formar um *setting*, acho que diferente. Acho que ainda precisaria entender como que é esse novo *setting*. Tele *setting*. Mas eu acho que a gente ainda consegue tocar, chegar, e tiveram [*sic*] experiências novas, porque teve paciente que chegou na pandemia, que você nunca viu pessoalmente. Outra coisa que a pandemia trouxe, que eu também não imaginava, é que a gente começou, ao mesmo tempo, a encurtar as distâncias. Hoje eu consigo fazer aula de flamenco com quem está na Espanha. Hoje eu tenho paciente que mora no Canadá. Eu tenho

uma que mora em Madrid. Tenho outro que mora aqui no Sul. Antes a gente também não tinha isso. O presencial também limitava a região. Eu acho que isso também foi um lado positivo da pandemia, da modificação”.

Para Mário, o atendimento *on-line* trouxe a percepção de que a ausência de deslocamento faz com que o paciente continue algo que estava realizando antes. Não há a mudança de espaço que marque a alteração de atividade e essas fronteiras se afrouxam. Ele cita também a redução da visão do corpo no atendimento *on-line*, a sobrecarga do uso da tecnologia, a perda de profundidade no campo analítico e a necessidade de se trabalhar limites com o uso da internet (Figura 4).

“Uma adaptação. Eu, antes da pandemia, tinha um paciente que eu atendia, dois na verdade, um era na Austrália e outro estava acho que era em Portugal. Eu já atendia, fazia atendimento via *Skype* lá no consultório, mas foi um grande desafio. Primeiro que eu mudei a plataforma, passei a fazer isso pelo *Google Meet*. Alguns ainda ficaram no *Skype*, mas outros pelo *Google Meet*, por conta de que o *Skype* dá umas travadinhas. O *Google Meet* não. Mas a dificuldade foi ter que entender um pouco alguns fenômenos. Por exemplo, transferência, a questão visual, a questão do som, as interferências quando você está no computador, de várias cenas, imagens, mensagens. A questão do tempo por conta do *wi-fi*, as travadas, a voz que você não ouve. Tem uma coisa que, no começo, era muito interessante. Era o paciente, o analisando, o cliente, ele não se preparava, então ele se apresentava no quarto, de camisa, sem camisa, de *baby doll*, na cozinha, estava fazendo alguma atividade e parava e no meio continuava. Não tinha aquele momento da quebra que você faz quando você vai para um consultório de um analista, de um terapeuta, onde você para tudo, se organiza, se prepara e vai. Mesmo alguns relatos ficavam um pouco confusos por conta do som. Às vezes, o lugar, a internet estava ruim, e a gente começou a pensar muito, comecei a trocar muita ideia com outros colegas, essa questão visual mesmo. Quer dizer, a sensação do corpo parcial ou só a cara na câmera, no computador, ou só daqui para cima, que é o mais normal. Eu tentei adaptar para a pessoa ver meu corpo inteiro, pelo menos até a parte abdominal, uma posição que pudesse dar uma dimensão também de um consultório, que parecesse a poltrona. Eu fiz várias adaptações. Hoje eu estou aqui conversando com você, estou com o computador em cima da mesa, mas o computador em cima de uma bancadinha que dava para uma poltrona que eu sento, que ficava de pano de fundo do outro lado da minha sala, que é pequenininha, mas eu mudava um pouco a posição. Atualmente eu estou mudando. A sensação de um lugar fixo também está estranha, porque eu mudo a posição de onde estou atendendo. Até falo para o cara: estou no escritório, mas estou em outra posição. Mas é uma coisa difícil. Não é uma coisa fácil. Não é nada fácil. E esse fenômeno que a gente tem que estudar. Quer dizer, como é que se dá o trabalho? Dá para se fazer análise *on-line* ou só psicoterapia? Que trabalho parcial é esse? [Para] as pessoas que são da região mais próxima do consultório, ir

para um trabalho *on-line* ficou estranho. Hoje eu atendo gente da Alemanha, da Suíça, da Austrália, da América do Sul, de outro estado e, antes, eu não fazia isso, mas eu não sinto um trabalho tão profundo quanto anteriormente. Acho que tem suas vantagens, que tem a ver com alcance. Então, eu posso dar uma [consulta] *on-line* para Goiânia, posso dar uma aula para Ribeirão Preto. Eu tenho uma moça que faz [terapia] comigo, que mora no Canadá. Tem gente do Rio, tem gente de São Paulo e tem gente do Canadá. Eu não sei... Ainda está muito difícil, eu acho, muito cansativa essa questão visual, área frontal, corpo fadigado, pouco movimento. Tudo meio pautado mais no verbal, o que modificou um pouco o trabalho, na minha opinião”.

“Teve algum momento que eu coloquei a TV, eu coloquei o laptop na TV, como se fosse um monitor. Eu achei que isso teria um efeito positivo, de dar uma dimensão para além da questão do computador. No meu caso, eu achei que o efeito foi o contrário, porque eu fiquei com ojeriza de assistir filme, série, ver coisas na TV. Eu queria desligar todas as máquinas”.

Figura 4 – Mundo digital



“Primeiro dia em agosto (2020) que eu saí de casa para ir para o consultório, eu acordei às cinco horas da manhã. Tinha uma felicidade no ar. Eu ia começar a atender às oito, mas tinha uma felicidade de poder ter uma motivação, de poder ir para a rua, para a vida, de poder ter a sensação de voltar, pelo menos, àquela memória, aquele saudosismo de março de 2020. Eu adaptei o trabalho. Eu acho que o trabalho aumentou, a demanda psicológica aumentou, um trabalho reflexivo, um trabalho escrito, um trabalho de você ser docente, de grupos de estudo também, muito grande, para além do computador, *laptop*, também o telefone. Isso é uma coisa também que eu fiz. Menos telefone, mais o computador, tela um pouco maior. Me recusei a

atender por *smartphone*. Não que eu não faça isso, mas não é algo do meu padrão”.

“Fora o cansaço intelectual, um cansaço mesmo. Tem uma fadiga física e um cansaço intelectual. Algumas vezes, eu tive dor de cabeça. O trabalho aumentou muito. Isso, para mim, é muito claro. As pessoas, eu percebi também, ficaram muito doentes nesse período. Quadros de ansiedade, coisas fóbicas. A situação ficou bem complicada, eu acho”.

“Em um certo momento, tive que comprar um telefone novo para poder fazer as *lives*, porque só dá para fazer pelo telefone. Troquei meu *smartphone*, comprei um melhor e, aí, comecei a interagir mais. Abri uma conta no Instagram, que eu não tinha, era resistente para burro. Abri essa conta no Instagram, comecei a dar algumas *lives*, comecei a ter uma demanda de aula *on-line* maior. Não que eu não fizesse antes, mas a proporção aumentou. Tudo aumentou. Eu acho que tem aí uma coisa de uma falta de limite com a internet. Você pode acionar o outro a hora que você quiser. Então, trabalhar limite foi importantíssimo.”

No tema **ressignificação dos aspectos subjetivos**, os conteúdos que surgiram foram: aproximação da família; descobrir, nesse recolhimento, uma qualidade de vida; possibilidade de uma vida mais simples; não apenas ter uma casa, mas poder habitá-la; reavaliação da forma de relacionar-se e revisão do que é saúde mental.

Tarsila fala sobre o despojamento que veio com a pandemia e o fato de perceber o quanto não ocupava os espaços.

“A roupa deixou de ser uma questão, virou algo agora que me aquece ou é muito confortável ou é muito gostoso. Para os pacientes também. Eles, que estão trabalhando de casa. Faz um ano e alguns meses que eu uso, acho, que roupas de ficar em casa. O guarda-roupa, nem cabe mais nada lá dentro e, ou seja, o quanto eu não preciso de nada daquilo. Quanto eu não preciso dos duzentos mil sapatos que eu tenho, porque eu só usei tênis e, dentro de casa, nem isso. Acho que é uma vida mais simples, mais fácil”.

“Eu acho que é que consegui desfrutar um pouco mais da casa, porque eu me dei conta de espaço. Eu não ocupo os espaços, eu não ocupo espaço nenhum, assim, eu não ocupo a sala, eu não ocupo a cozinha, eu não ocupo lugar nenhum”.

Anita repensou a questão dos limites, percebeu o quanto abraçava muitas coisas e perdia momentos que, daqui para frente, quer privilegiar.

“Me cuidar e respeitar os meus limites. Isso foi o que mais me pegou, porque tinha um lado que eu estava envolvida com tudo que eu estava fazendo, mas eu estava me desrespeitando nessa coisa da falta que eu sentia de ficar com os meus filhos. Eu não tinha tempo de ir em um médico. Eu não estava parando, porque eu estava realmente sobrecarregada. Agora, quando passar essa fase da entrega do mestrado, eu pretendo diminuir o ritmo de coisas para fazer. Eu pretendo dançar muito, eu pretendo investir na minha perna, que está fraca, está doendo, está voltando a atrofiar, que ainda não se recuperou, porque eu não tive tempo de fazer exercício. Fiz fisio, mas logo em seguida fechou, então eu tive que alugar uma bicicleta para ela não enrijecer. Na verdade, foi isso. O que mudou muito é o repensar o estilo de vida que eu tenho. É isso. Eu quero curtir, sim, mais a minha casa. Eu acho que eu aprendi a ficar aqui”.

Mário repensou a possibilidade de uma relação amorosa morando na mesma casa, reavaliou o que é saúde mental e procurou se adaptar sem, no entanto, perder a reflexão e a crítica para esse momento da pandemia.

“Por exemplo, essa coisa do residir sozinho, de repente de ter uma relação amorosa fixa, rever algumas coisas que eu fazia que, hoje, olhando, eram parciais. De poder me relacionar mesmo com alguém, essa pessoa fazer parte da minha vida, em casa, eu estar na casa da pessoa. Eu acho que tinha um pouco disso. Valorizar também as relações que eu tinha anteriormente, de contatos mais profundos, de manter esses contatos. Rever também o que é saúde mental, o que é viver em um país como nosso, o que é se posicionar politicamente. Sou muito crítico com relação à produção intelectual”.

O grupo temático da **ressignificação dos aspectos objetivos (casa)** trouxe os seguintes conteúdos: habitar a casa e ocupar seus espaços; a percepção de que a casa reflete o *modus operandi* do morador e a possibilidade de a casa ser reimaginada.

Tarsila falou sobre o apropriar-se dos espaços da casa.

“Se a casa refletiu... Eu tinha acabado de fazer uma reforma na minha casa. Eu tinha acabado de reformar e aí fiquei reclusa nela todo esse tempo. Eu acho que eu desfrutei dela. Eu acho que é que consegui desfrutar um pouco mais da casa. Deixei minha marca, me apropriei. Eu reparei que normalmente eu não faço”.

Anita relacionou, durante a entrevista, o interior da casa com seus próprios processos emocionais.

“Espelha, porque que eu vi o que estava faltando. Era o quadro que estava caído, eu tinha que pendurar. Então, eu troquei o quadro, arrumei o quadro, eu arrumei e troquei o sofá, do sofá eu comprei almofada nova. Aí eu reorganizei. Aí a casa fica com flores. Eu sempre estou deixando flor aqui, flor ali. Da mesma forma que eu vou me cuidar, eu também estou cuidando da casa, sim, porque é o nosso espaço. É onde a gente está, então deixar confortável, deixar gostoso. Acho que refletiu, sim. E, talvez, ela também refletisse antes. Ela estava tão largada quanto eu estava, porque eu estava vivendo muito para fora. Foi isso que eu me dei conta. Com tantos afazeres, tantas tarefas, tantos compromissos, eu estava vivendo muito para fora e isso eu acho que a pandemia trouxe, a gente para dentro da casa e para dentro de si. Mudou um pouco a minha relação com a casa, e acho que comigo mesma, com a minha casa dentro”.

Mário acredita que mais pensou sobre a casa do que efetivamente fez mudanças.

“Olha, acredito que sim, mas não totalmente. Na verdade, o que a pandemia me trouxe foi: bom, será que eu não tenho que, de repente, morar em uma casa com um espaço maior e, nesse espaço, adaptar o consultório? Por exemplo, foi uma reflexão. É necessário ter dois espaços? Ter um espaço maior, mais adequado, onde eu possa morar e trabalhar? Essa foi uma reflexão. Ir para uma casa que tem um jardim, uma qualidade de vida. Então essa reflexão veio com a pandemia. A vontade de ir para um espaço maior, de ir para um espaço mais arejado, esse espaço ter um espaço mais aberto, um jardim, ao mesmo tempo com uma, de repente, uma edícula para atender. Ter a ideia casa e trabalho acoplado. Uma coisa que eu tinha resistência antes por conta dessa ideia de mistura. Pandemia trouxe a mistura. Eu acho que isso é uma coisa que veio com a pandemia para mim. Ter um espaço maior, mais arejado, confortável e que pudesse acoplar a coisa do consultório. Coisa que eu tinha certa resistência antes”.

“Mas ficou pequeno. Comecei a imaginar uma outra maneira de estar, que não seria mais aqui. Mas, por enquanto, é o que eu tenho aqui. Eu acho que, não é que você vai literalizar, mas acho que tem uma questão de expansão que passa pelo território que é o território físico, da matéria. Que está para além só da questão mental, imaginativa e tal. Lógico, quando não há possibilidade disso, você fica mais aqui. Eu acho que para mim as duas coisas caminham muito [juntas]”.

6.2.3 Análise das entrevistas

A pandemia trouxe muitas pessoas para dentro de casa, fato a que não estávamos mais acostumados. A casa deixou de ser dormitório e passou a ser uma casa vivida, habitada e vista em suas necessidades. Nesse relacionamento com a

casa, houve investimentos materiais, reorganização e apropriação de espaços, um processo de adaptação a uma nova condição que se impôs e à qual fomos tentando nos acomodar interna e externamente. A casa está ligada à nossa identidade, reafirma quem somos em cada escolha que fazemos, e a casa, como um espelho, mostrou para Tarsila que ela poderia ousar mais na ocupação dos espaços, deixando suas marcas pelo ambiente. Esse processo talvez já tivesse começado antes da pandemia, quando Tarsila resolveu fazer uma reforma. A re-forma é uma mudança que por si só conta que algo mudou, que gostaríamos de nos relacionar com o espaço de um modo diverso. A antiga configuração não nos representa mais. A casa como símbolo, é uma casa que veicula para nós algo que nos é desconhecido e que expande nosso entendimento, uma vez integrado à consciência. Tarsila parece ter se dado conta, nesse relacionamento com a casa, de que poderia ocupar espaços, mas isso somente aconteceu quando se sentiu segura o suficiente, sem estar tolhida pela presença de outras pessoas, como a funcionária, por exemplo. A casa como espaço arquitetônico é estruturante para nossas experiências psíquicas, ajuda-nos, como um vaso alquímico, a ser um continente seguro para que possamos experimentar transformações. À medida que Tarsila ia ocupando espaços de modo mais pessoal, no interior de sua casa, ia se despidendo da persona na forma de se apresentar ao outro. Tarsila é introvertida, e a introversão para Jung é uma atitude psicológica, em razão da qual o posicionamento em relação ao mundo é de muita cautela, e o trabalho para se expor às situações causa grande gasto de energia e dúvidas (JUNG, 1921/1991a). O introvertido carrega suas energias sozinho, enquanto o extrovertido carrega suas energias junto ao grupo, o que possivelmente tornou o confinamento durante a pandemia menos penoso para os introvertidos. A extroversão capacita a uma resposta às solicitações do mundo, mas há o risco de o extrovertido perder-se completamente nas demandas externas (SHARP, 1997).

Anita e Mário apresentam uma atitude psicológica extrovertida. Sua atenção e interesse se voltam para o mundo, para as pessoas, para os objetos externos, mas a introversão da energia psíquica vivida durante a pandemia fez com que os investimentos no mundo se voltassem para o interior e ajudou Anita a perceber aspectos importantes que estavam sendo menos priorizados e Mário a trabalhar de modo imaginativo a casa que se adaptaria às novas condições de *home office*, explorando muitas possibilidades e, conseqüentemente, abrindo espaços dentro de si para novas possibilidades.

O lugar pode nos conectar com sensações vividas, e o trabalho em casa misturou locais em que normalmente tendíamos a descansar com o local de trabalho, que requer atenção e horários a serem seguidos. O espaço deixou de ser uma referência organizadora para nossas atividades e essa separação entre lazer e descanso passou a exigir um esforço maior. Mário optou por preservar alguns lugares da moradia. Assim, por exemplo, a televisão, que chegou a ser utilizada para atendimentos e aulas, ficou reservada para o prazer e o entretenimento. Isso parece demonstrar que houve dificuldades na utilização dos mesmos recursos tecnológicos para o trabalho e para o relaxamento.

Pudemos observar muitas famílias adaptando-se ao *home-office* e às aulas virtuais que os filhos passaram a ter. Muitas vezes não havia espaços isolados suficientes para que todos trabalhassem ou estudassem em local silencioso ou sem dispersão. As fronteiras, antes externas, determinadas pelo espaço arquitetônico da casa, do trabalho, da escola, passaram a ser limites determinados internamente por cada um de nós. Muitos destes limites foram ultrapassados com muito trabalho e muita flexibilidade de horários. Eu mesma, como analista, ouvi muitas tentativas de se criar fronteiras na casa para que reuniões ou mesmo as sessões de análise *on-line* pudessem acontecer.

Se, em um primeiro momento, as limitações pareciam assustadoras, aos poucos foram trazendo novidades interessantes e mostravam novas possibilidades de relacionamento com o trabalho e com a vida, como a nova forma de trabalhar para Tarsila, a reorganização do tempo para Anita e, para Mário, as questões de relacionamento e a possibilidade de casa e trabalho dividirem o mesmo local.

Para Mário, estar todo o tempo dentro de casa o fez perceber a necessidade de expansão. Segundo Jung, cada vez que a consciência se dirige rumo a uma adaptação, é constelado no inconsciente o seu oposto. Essa unilateralidade é necessária quando é preciso focar em algo, mas quando nos afastamos das demandas inconscientes, a tensão de opostos se intensifica na tentativa de compensar a atitude da consciência, podendo gerar sintomas (JUNG, 1958/1991). Tarsila trouxe o paradoxo da não mobilidade conter a possibilidade de chegar mais longe com o trabalho e os atendimentos. A situação política foi citada por Mário e Tarsila como fonte de estarecimento e necessidade de posicionamento, pois a submissão ou aceitação de algumas condições revelam a saúde mental de um país do qual todos fazemos parte, denunciando complexos culturais.

O atendimento clínico *on-line* mostrou-se possível. Já acontecia em situações de exceção, mas, com a pandemia, a exceção passou a ser a regra. É muito importante que essa modalidade de atendimento seja estudada, durante e depois da pandemia, para que possam se estabelecer critérios nos quais ganhos, possibilidades, perdas e impossibilidades sejam pensadas. Os entrevistados levantaram várias questões sobre o atendimento *on-line* e o cansaço foi o conteúdo comum aos três. A transformação do espaço arquitetônico em espaço virtual mudou a experiência de contenção vivida na prática clínica até então. Muitos barulhos, a sessão de análise dentro da rotina de outra casa e não no consultório, o temor do vazamento, entre outros aspectos, talvez reflitam o esforço realizado pelo analista em conter a sessão de análise em seu próprio corpo, na ausência do espaço arquitetônico.

A vida é também aquilo que acontece entre um compromisso e outro. Nas atividades *on-line* parece que perdemos o “entre”, nas entradas e saídas das salas virtuais, perdemos a sala de espera, local que já foi tema de filmes e peças de teatro. A ausência da presença física faz com que percamos o todo e a sensação de tridimensionalidade, perdemos a percepção do que vai além da visão, a temperatura, a sutil movimentação da respiração. Mário cita o fato de sentir que há uma perda de profundidade no campo analítico. Podemos pensar que, no atendimento virtual, não estamos no mesmo campo arquitetônico, estamos em lugares diferentes em que as polaridades de Hermes e Héstia trabalham realmente juntas em estar dentro e estar fora do encontro analítico.

Frente a grandes mudanças, o que se mantém inalterado, aquilo com que temos familiaridade, normalmente ligado às nossas referências, é fonte de segurança. Poderíamos dizer que esses elementos são como objetos transicionais que nos encorajam a enfrentar o novo. Transformações sociais, culturais e tecnológicas podem derrubar antigos paradigmas, mas a noção de identidade é o que nos faz seguir adiante, levando em nossa bagagem aquilo que conhecemos. De outro lado, o que surge do caos nos mostra que novos arranjos podem ser feitos.

Pudemos observar nesse intercâmbio entre a casa e a psique, que a casa foi ocupada, reimaginada e reinvestida. Ora vivida como porto seguro, ora como opressiva, ora como convite para ser habitada, ora como espaço a ser expandido. Nas três entrevistas pudemos ver o intercâmbio entre a casa física e a casa psíquica em um processo de dissolução e coagulação de imagens dentro do indivíduo, que se materializaram nos espaços da casa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na seleção para o programa de mestrado na Universidade Presbiteriana Mackenzie, fui entrevistada por dois professores. Era dezembro de 2019, e um deles me perguntou sobre o meu projeto: “Quer dizer que você realmente acha que as pessoas habitam suas casas?” Naquela ocasião, o projeto ainda se limitava a investigar o simbolismo da casa. A pandemia ainda não era uma realidade. Lembro-me que a pergunta me desconcertou. O professor se referia a uma vida de trabalho, em razão da qual as pessoas saíam muito cedo de suas casas e voltavam à noite. Lembro-me de ter pensado que eu habitava minha casa, mas menos do que gostaria pela demanda de trabalho. Mal sabíamos que em menos de três meses estaríamos habitando nossas casas de modo impositivo.

Da casa medieval até a casa da sociedade industrial, houve uma migração das atividades públicas para fora dos limites da casa. Se na sociedade medieval havia uma convivência entre trabalhadores, aprendizes e seus patrões, na sociedade industrial eram pessoas do mesmo núcleo familiar que dividiam a habitação. No período pós-industrial permaneceu uma mescla da moradia burguesa com espaços relegados aos fundos da casa, como a cozinha e área de serviço, por exemplo. É depois da Primeira Guerra Mundial, com um grande número de mulheres já no mercado de trabalho, que a cozinha vai adentrando as áreas mais nobres da casa (TRAMONTANO, 1997).

A globalização, a longevidade, a diminuição das taxas de natalidade e as conquistas relacionadas e às questões de gênero, apontam para um século XXI em que as famílias nucleares têm configurações diversas (TRAMONTANO, 1997). Una-se a isso os recursos tecnológicos e as facilidades dos equipamentos domésticos que vão transformando a maneira de habitar, vivemos segundo um modelo de consumo, velocidade e desempenho regido pela vertente do capital.

Com o advento da pandemia, passamos a viver um momento que considerávamos impossível. Não ir à escola? Deixar de atendermos compromissos presencialmente? Consumir menos? O tempo parecia ter crescido, horas no trânsito puderam ser economizadas. Mas o *modus operandi* do capital em pouco tempo se instalou em nossa casa e a economia de tempo dos deslocamentos foi consumida de outra forma, com o trabalho remoto, as aulas *on-line*, as *lives* e palestras sem fim. Não há a ajuda da própria mudança física do lugar para nos lembrar de quando era a hora

dos filhos, ou de preparar algo para comer. E logo escorreu pelas mãos toda a esperança de um jeito menos frenético de viver como efeito colateral da impiedosa pandemia.

Parece haver uma grande necessidade de nos mantermos no que conhecemos, mesmo que seja insatisfatório. Como analista e como pesquisadora neste trabalho, ouvi muitas queixas de esgotamento, mas também ouvi sobre descobertas e rearranjos do habitar e do modo de viver. As configurações do espaço que habitamos impactam nossa vida, trazendo transformações e possibilidades ou estagnação e acúmulo (ANDRADE, 2013).

Segundo Nabil Bonduki (2021), professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), a vida pós-pandemia é a maior transformação urbana desde a industrialização, e a casa se tornará novamente o centro da nossa vida, o trabalho terá novos mecanismos de controle e muito do lazer ocorrerá em casa, o hibridismo presencial/*on-line* veio para ficar. O modelo de moradias minúsculas, porém perto do centro, tende a se inverter, pois, diminuindo os deslocamentos, ganha espaço a possibilidade de moradias mais distantes, no entanto, mais confortáveis e baratas. Os bairros ganham novas centralidades com a reocupação dos espaços urbanos.

A pandemia aparece como um grande divisor de águas na ocupação e no relacionamento com a casa. Talvez a moradia volte a ser menos privada, como no passado, mas não deixará de ser íntima, pois o arquétipo de Héstia, constelado nesse processo histórico, adiciona introversão e dá tons pessoais e particulares ao modo de estar em casa. Pudemos constatar na pesquisa que algumas famílias cultivaram Héstia, conseguindo retomar centros antes abandonados pelas demandas externas, como almoçar em família, por exemplo, ou encontrar no cozinhar o tempo da espera que se perde na vida tecnológica.

De acordo com Prost (2009), ainda que o século XX tenha estruturado a vida privada, com a separação do trabalho e do domicílio, seríamos simplistas se não considerássemos a articulação entre ambos. Para esse autor, o caminho entre o privado e público tornou-se muito polarizado, sendo estabelecido entre um grande espaço indiferenciado, onde ocorre um vai e vem de pessoas em transportes coletivos, e a intimidade do lar. O uso do carro particular seria uma forma de prolongar a vida privada a um alto custo: os congestionamentos.

Segundo Certeau e Giard (2013), a nossa casa possui certa indiscrição, conta coisas sobre seus habitantes – os títulos dos livros, a elegância, a bagunça, o nível de renda. O espaço no qual vivemos nos aproxima do cotidiano de uma época e de sua cultura. Teoricamente, a casa é o lugar no qual as pressões ganham trégua, mas a pandemia da Covid-19 trouxe a pressão para dentro da moradia, promovendo uma reorganização que ainda estamos processando.

Nós habitamos a casa e a casa nos habita, revelando-se em nossos sonhos. Quando já adultos, ao visitarmos uma casa da infância, é comum termos a sensação de que ela era maior, pois o que permanece em nós, além da perspectiva da criança, é o espaço vivido. O espaço físico é pintado pela subjetividade de quem lhe atribui um significado e pelas relações que nele se constroem.

Para Heidegger (2006) habitar é cuidar, é “de-morar-se”. Segundo o autor, construir e pensar são indispensáveis ao habitar, a reflexão é fundamental para que assimilamos o novo. Nosso modo de viver enraizado na velocidade é convidado a parar e, quem sabe, reformular o habitar da casa, do planeta (HEIDEGGER, 2006, p.125).

Segundo Augé (1994), o mundo moderno criou o que ele chama de “não-lugares”, que são espaços nos quais não se cria identidade, lugares de passagem, provisórios. Exemplos de não-lugares são os aeroportos, as estações, as grandes redes de hotéis. Neles, tanto faz quem somos, reduzimo-nos a transeuntes. Se o espaço é um organizador das experiências que vivemos, como será o registro em nós dos lugares em encontros predominantemente virtuais? E as memórias dos lugares? Como será a representação dos lugares nos sonhos? Como habitaremos a vida *on-line*?

A pandemia nos fez refletir sobre nossa relação com a casa em sua ampla teia de metáforas: a casa como corpo, a casa como moradia, a casa como cidade, como país e como planeta. Houve transformações na ocupação dos espaços da casa, conferindo a eles versatilidade. A pandemia, ainda que com muita dor, permitiu que pudéssemos, arrumando a casa, reordenar os espaços psíquicos, as formas de estar e de nos relacionarmos. Uma nova cultura foi imposta pela pandemia, trazendo novas maneiras de ressignificar, objetiva e simbolicamente, a relação com a moradia.

Com relação às limitações da pesquisa, é importante dizer que o grupo pesquisado pertence à classe média da população. São profissionais que tiveram a felicidade de poder continuar a trabalhar de modo *on-line*, não refletindo outras tantas

realidades existentes em São Paulo. Portanto, os problemas ou questões enfrentadas são particulares a essa população. Há um campo de pesquisa a ser explorado para levantarmos o que nos iguala, independentemente da classe social, em uma crise como a que enfrentamos.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Reflexões sobre a peste: Ensaio em tempo de pandemia*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- ANDRADE, Gustavo Monteiro Pessoa. *A Casa na Cidade: uma leitura junguiana da experiência de jovens que moram sozinhos em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- AMMANN, Ruth. Inner Space and Outer Space: A discussion of man's living spaces. *Revista Junguiana*, v. 20, p. 35-41, 2002.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1991.
- ASSIS, Denise. Home Office promete ser um dos principais legados do coronavírus. In: AUGUSTO, Cristiane; SANTOS, Rogerio. (org.). *Pandemias e Pandemônios no Brasil*. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020, p. 206-218.
- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARATA, Rita de Cássia Barradas. Epidemias. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 9-15, jan./fev. 1987. doi: 10.1590/S0102-311X1987000100002
- BARCELLOS, Gustavo. *Mitologias Arquetípicas, figurações divinas e configurações humanas*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BARCELLOS, Gustavo. O novo normal e a domesticidade arquetípica: uma breve reflexão. In: BARCELLOS, Gustavo; MEIRA, Luciano; MARTINHO, Luís Mauro Sá; BERKENBROCK, Volney. *Novo Normal?* Petrópolis: Vozes, 2020, p. 141-152.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Coimbra, PT: Editora 70, 2016.
- BERADT, Charlotte. *Sonhos no Terceiro Reich*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.
- BIRMAN, Joel. *O Trauma na Pandemia do Coronavírus*, suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- BOLLNOW, Otto Friedrich. *O homem e o espaço*. Tradução: Aloísio Schmid. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- BONDUKI, Nabil. Saiba quais serão os impactos da pandemia no futuro das cidades. *Folha de São Paulo*, São Paulo, ano 101, n. 33.625, p. 44-45, 25 abr. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/04/saiba-quais-serao-os-impactos-da-pandemia-no-futuro-das->

idades.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compw
a. Acesso em: 30 maio 2021.

BOSCO, Henri. Casa e Universo. In: BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 55-85.

BRANDÃO, Junito. *Mitologia Grega*. v. I. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Painel Coronavírus*. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acessos em: 14 nov. 2020 e 9 jan. 2021.

BUENO, Samira; REINACH, Sofia. A cada minuto, 25 brasileiras sofrem violência doméstica. *Revista Piauí*, 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/cada-minuto-25-brasileiras-sofrem-violencia-domestica/>. Acesso em: 23 maio 2021.

BURKE, Peter. *A Escola de Annales – 1929-1989: A revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Unesp, 1990.

BUZZAR, Miguel Antônio. A Ideia de uma Casa Brasileira. V Seminário Nacional Do-co, mo.mo-5. São Carlos, 2003. *Anais...* Disponível em: <http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/127R.pdf>. Acesso em: 30 maio 2021.

CARIELLO, Rafael. Crime e Covid no Rio. *Revista Piauí*, 21 ago. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/crime-e-covid-no-rio/>. Acesso em: 14 fev. 2020.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce. Espaços privados. In : CERTEAU, Michel de ; GIARD, Luce ; MAYOL, Pierre. (org.). *A Invenção do Cotidiano: Morar e Cozinhar*. v. 2. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 223-227.

CHOMSKY, Noam. Capitalismo Selvagem e a Sobrevivência da Humanidade. In: TOESTES, Anjuli; MELO FILHO, Hugo. (org.). *Quarentena: Reflexões sobre a pandemia e depois*. Bauru: Editorial Praxis, 2020, p.151-160.

CÓRDULA, Américo. Quarenta dias em suspensão. In: CASTRO, Daniel; DAL SENO, Danillo; POCHMANN, Márcio. (org.). *Capitalismo e a Covid 19*. [S. l.: s. n.], 2020. p. 74-84. ISBN 978-65-00-02193-6B.

COSTA, Ligia M. C.; MERCHAN-HAMANN, Edgar. Pandemias de influenza e a estrutura sanitária brasileira: breve histórico e caracterização dos cenários. *Rev. Pan-Amaz Saúde*, v.7, n. 1, p.11-25, 2016. doi: 10.5123/s2176-62232016000100002.

CRESWELL, John; CLARK, Vicki. *Pesquisa de métodos mistos*. Porto Alegre: Penso, 2013.

DEMETRAKOPOULOS, Stephanie. Héstia, deusa do lar – um arquétipo oprimido. *Revista Junguiana*, v. 5, p.127-142, 1987.

ELLARD, Colin. *Psicogeografia: la influencia de los lugares en la mente y en el corazón*. Barcelona: Ariel, 2016.

FERNANDES, Isabela; SILVA, Anne de Araújo. Da Luz às Trevas: um estudo sobre as representações de Hermes na cultura grega antiga. *In*: FERNANDES, Isabela; EYLER, Flavia. (org.). *A vida, a morte e as paixões no mundo antigo: novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Cassará, 2012. p. 13-28.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini AURÉLIO: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba : Positivo, 2009.

FEBVRE, Lucien. Histoire et Psychologie. *In* : MOTA, Carlos Guilherme ; FERNANDES, Florestan. *Febvre, história*. (Coleção Grandes Cientistas Clássicos – v. 2) Tradução: Adalberto Marson, Paulo de Salles Oliveira e Marisa Elisa Mascarenhas. São Paulo: Ática, 1978.

FREITAS, Laura Villares. O Calor e a Luz de Héstia: sua presença nos grupos vivenciais. *Cadernos de Educação*, Edição Especial, p. 131-145, Universidade de Cuiabá. Edunic, 2005.

FREUD, Sigmund. Resistência e Repressão. *In*: FREUD, Sigmund. *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (Parte III). O.C. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1917/1976. p. 337-354.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. *In*: FREUD, Sigmund. *O Futuro de uma Ilusão; O Mal-Estar na Civilização e Outros Trabalhos.*, O.C. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1930/1974. p. 81- 249.

GERBER, Keilah. A história sonhada. *Revista Cult.* n. 266, p. 17-19. São Paulo: Editora Bregantini, 2021.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1989.

GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar.-abr. 1995.

GÜNTHER, Hartmut. *Como Elaborar Um Questionário*. (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, n. 1). Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2003. Disponível em: <https://www.ic.unicamp.br/~wainer/cursos/2s2006/epistemico/01Questionario.pdf>. Acesso em: 30 maio 2020.

GURSKI, Rose; PERRONE, Cláudia. “Constelação”: Sonhos, psicanálise e política em tempos de pandemia. *In*: DUNKER, Christian *et al.* *Sonhos Confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p.109-130.

HAMMER, Emanuel. (org.). *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2016

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. *In: HEIDEGGER, Martin. Ensaios e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2006, p.125.

HOBSBAWM, Eric. A invenção das tradições. *In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições*. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020. p. 7-24.

HUNT, Lynn. Revolução Francesa e Vida Privada. *In: ÁRIES, Philippe; DUBY, Georges. (org.). História da Vida Privada*. v. 4 São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 18-46.

HUSKINSON, Lucy. *Architecture and the mimetic Self: a psychoanalytic study of how buildings make and break our lives*. London; New York: Routledge, 2018.

IANINI, Gilson *et al.* “Casa”: Sonhos infamiliars. *In: DUNKER, Christian et al. Sonhos Confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021a. p. 35-70.

IANINI, Gilson *et al.* “Presente”: Tempos de sonhar. *In: DUNKER, Christian et al. Sonhos Confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021b. p. 71-108.

IAMARINO, Átila; LOPES, Sônia. *Coronavírus: Explorando a Pandemia que mudou o Mundo*. São Paulo: Moderna, 2020.

JACOBI, Jolande. *Complexo, Arquétipo e Símbolo na psicologia de C. G. JUNG*. São Paulo: Cultrix, 1995.

JUNG, Carl Gustav. Terceira Conferência. *In: JUNG, Carl Gustav. Fundamentos da Psicologia Analítica*. O. C. XVIII/1. Petrópolis: Vozes, 1935/1981. p. 65-94.

JUNG, Carl Gustav. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

JUNG, Carl Gustav. *Tipos Psicológicos*. O.C. v. VI. Petrópolis: Editora Vozes, 1921/1991a.

JUNG, Carl Gustav. Determinantes Psicológicas do Comportamento Humano. *In: JUNG, Carl Gustav. A Natureza da Psique*. O. C. VIII/2. Petrópolis: Vozes, 1936/1991b. p. 49-62.

JUNG, Carl Gustav. A Função Transcendente. *In: JUNG, Carl Gustav. A Natureza da Psique*. O.C. VIII/2. Petrópolis: Vozes, 1958/1991c. p. 1-23.

JUNG, Carl Gustav. Considerações Gerais sobre a Teoria dos Complexos. *In: JUNG, Carl Gustav. A Natureza da Psique*. O.C. VIII/2. Petrópolis: Vozes, 1934/1991d. p. 25-40.

JUNG, Carl Gustav. Sobre os Arquétipos e o Inconsciente coletivo. *In: JUNG, Carl Gustav. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. O. C., IX/1. Petrópolis: Vozes, 1934/2003a. p.13-50.

JUNG, Carl Gustav. O conceito de inconsciente coletivo. *In: JUNG, Carl Gustav. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. O. C. IX/1. Petrópolis: Vozes, 1936/2003b. p. 51-54.

JUNG, Carl Gustav. Consciência, Inconsciente e Individuação. *In: JUNG, Carl Gustav. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. O. C. IX/1. Petrópolis: Vozes, 1939/2003d. p. 267-282.

KIRKSEY, Barbara. Héstia, um fundamento de enfoque psicológico. *In: HILLMAN, James. (org.). Encarando os Deuses*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LE MOS, Carlos. *Casa Paulista*. São Paulo: Edusp, 2015.

MAIA, Ana Cláudia Bortozzi. *Questionário e Entrevista na Pesquisa Qualitativa – elaboração, aplicação e análise de conteúdo*. Manual Didático. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

MANDETTA, Luís Henrique. *Um paciente chamado Brasil: os bastidores da luta contra o coronavírus*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTINHO, Luís Mauro Sá. O que temos a coragem de aprender com estes tempos? *In: BARCELLOS, Gustavo; MEIRA, Luciano; MARTINHO, Luís Mauro Sá; BERKENBROCK, Volney. Novo Normal?* Petrópolis: Vozes, 2020. p.100-140.

MÁXIMO, João Luís. Transformações do espaço doméstico: o fogão a gás e a cozinha paulistana, 1870-1930. *Anais do Museu Paulista*, v .15, n. 2, p. 197-220. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

MELO, Walter. Maceió é uma cidade mítica – o mito da origem em Nise da Silveira. *Psicologia USP*, v. 18, n. 1, p. 101-124, 2007.

MELO FILHO, Hugo. De Bretton Woods a Wuhan e Além. *In: TOSTES, Anjuli; MELO FILHO, Hugo. (org.). Quarentena: Reflexões sobre a pandemia e depois*. Bauru: Canal 6, 2020. p. 71-85.

MIRCEA, Eliade. *O sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MOREIRA, Eduardo. A economia do desejo e a Covid 19. *In: TOSTES, Anjuli; MELO FILHO, Hugo. (org.). Quarentena: Reflexões sobre a pandemia e depois.* Bauru: Canal 6, 2020. p. 61-64.

NOGUEIRA, Roberto. Elaboração e Análise de Questionário: Uma revisão da Literatura Básica e a Aplicação dos Conceitos em um Caso Real. *Relatórios Coppead.* Rio de Janeiro: URFJ/Coppead, 2002. ISBN85-7508-038-5. ISSN1518-3335.

PARAISÓPOLIS controla melhor a pandemia do que a cidade de São Paulo. *Galileu digital*, 25 junho 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/06/paraisopolis-controla-melhor-pandemia-do-que-cidade-de-sao-paulo.html>. Acesso em: 2 ago. 2020.

PENNA, Eloisa. O Paradigma Junguiano no Contexto da Metodologia Qualitativa de Pesquisa. *Psicologia USP*, v. 16, n. 3, p.71-94, 2004.

PESTANA, Maria Cecília. *O Arquétipo da Casa, uma morada, um caminho.* Monografia apresentada à Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. São Paulo, 2010.

POCHMANN, Vítor de Oliveira. Coronavírus e a tecnologia. *In: CASTRO, Daniel; DAL SENNO, Danillo; POCHMANN, Márcio. (org.). Capitalismo e a Covid 19.* [S. l.: s. n.], 2020. p. 40-46. ISBN 978-65-00-02193-6B.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaço privado. *In: ÁRIES, Philippe; DUBY, Georges. (org.). História da Vida Privada.* v. 5. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 13-136.

RAMALHOSO, Wellington. *ALICERCE: Pandemia escancara crise de moradia no Brasil, mas produzir casa adequada para todos é possível e urgente.* Colaboração para o canal *on-line* ECOAuol. Publicado em 8 maio 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/moradia-digna-e-prioridade-para-refazer-cidades-pos-covid/#cover>. Acesso em: 30 maio 2020.

RANUM, Orest. Os Refúgios da Intimidade. *In: ÁRIES, Philippe; DUBY, Georges. (org.). História da Vida Privada.* v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 211-262.

REIS JUNIOR, Casemiro. Capitalismo e Covid 19. *In: CASTRO, Daniel; DAL SENNO, Danillo; POCHMANN, Márcio. (org.). Capitalismo e a Covid 19.* [S. l.: s. n.], 2020. p. 164-173.

REZENDE, Jofre Marcondes. Epidemia, Endemia, Pandemia, Epidemiologia. *Revista de Patologia Tropical*, v. 1, p. 153-155, 1998.

REZENDE, Jofre Marcondes. As grandes epidemias da história. *In: REZENDE, Jofre Marcondes. À sombra do plátano: crônicas da história da medicina.* São Paulo: Editora Unifesp, 2009. p. 73-83. *On-line.* Disponível em:

<http://books.scielo.org/id/8kf92>. Acesso em: 1 dez. 2020. ISBN 978-85-61673-63-5. doi: 10.7476/9788561673635

RIBEIRO, Sandra. *Lições preliminares para o estudo do ethos humano contemporâneo*. 2018. Tese (livre docência em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RIES, Julien. *Mito e Rito: As constantes do sagrado*. Tradução: Silvana Cobucci Leite. Petrópolis: Vozes, 2020.

RODRIGUES, Carla *et al.* “Mulheres”: Mãe, sonhei com você: contar um trauma *In: DUNKER, Christian et al. Sonhos Confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 131-170.

RODRIGUÊS, Suzana. O fogo como centro e símbolo da casa. *Rev. arq.urb*, n. 15, p. 7-25, 2016.

RONCIÈRE, Charles de là. A vida privada dos notáveis toscanos no limiar da Renascença. *In: ARIÈS, Philippe; DUBY, George. (org.). História da vida privada*. v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 166-312.

ROUCHE, Michel. Alta Idade Média Ocidental. *In: ARIÈS, Philippe; DUBY, George. (org.). História da vida privada*. v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 406-562.

RYBCZYNSKI, Witold. *Casa: pequena história de uma ideia*. São Paulo: Record, 1996.

SACHS, Jeffrey. Por que a Covid-19 se alastra nos EUA e o que pode ser feito. *In: TOSTES, Anjuli; MELO FILHO, Hugo. (org.). Quarentena: Reflexões sobre a pandemia e depois*. Bauru: Canal 6, 2020. p. 89-96.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra, PT: Almedina, 2020.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2017.

SHARP, Daryl. *Léxico Junguiano: Dicionário de Termos e Conceitos*. São Paulo: Cultrix, 1991.

SHARP, Daryl. *Tipos de Personalidade: O modelo tipológico de Jung*. São Paulo: Cultrix, 1997.

SILVA, Iana Ferreira. *A casa de um casal jovem: a constituição dos espaços da casa como campo de símbolos expressivos do processo de construção da conjugalidade*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Universidade de São Paulo, 2016.

SILVA, Marlon; TOURINHO, Helena Lúcia. O Banco Nacional de Habitação e o Programa Minha Casa Minha Vida: duas políticas habitacionais e uma mesma lógica locacional. *Cad. Metrop.*, v.7, n. 34, p. 401-417, nov. 2015.

SINGER, Thomas; KIMBLES, Samuel. (org.) *The Cultural Complex*. New York: Routledge, 2004.

SOUZA, Felipe. *Como é a rotina dos trabalhadores que passam quase um terço do dia dentro do ônibus, metrô ou trem*. São Paulo: BBC News Brasil, 14 janeiro 2019. *On-line*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46226332>. Acesso em: 24 jun. 2020.

STEIN, Murray. *Jung: O Mapa da Alma*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006.

THÉBERT, Yvon. Vida Privada e Arquitetura Doméstica na África Romana. *In*: ARIÈS, Philippe; DUBY, George. (org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009, p. 290-401.

TOSTES, Anjuli; MELO FILHO, Hugo. (org.). *Quarentena - Reflexões sobre a pandemia e depois*. Bauru: Canal 6, 2020.

TRAMONTANO, Marcelo. *Habitações, metrópoles e modos de vida. Por uma reflexão sobre o espaço doméstico contemporâneo*. 3º Prêmio Jovens Arquitetos, categoria "Ensaio Crítico". São Paulo: Instituto dos Arquitetos do Brasil / Museu da Casa Brasileira, 1997. 210mm x 297mm. 10 p. Ilustr. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html>. Acesso em: 9 jan. 2021.

ULSON, Glauco. *O método Junguiano*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

VALENTE, Vera. *Jung e a História*. (Monografia) Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 2006.

VEYNE, Paul. A Casa: água, chamas, cores, luz, vazio. *In*: ARIÈS, Philippe; DUBY, George. (org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009, p. 287-289.

VIEIRA, Leandro. Compacto e Funcional. *Revista Secovi-SP*, v. 287, 2017. *On-line*. Disponível em: <https://www.secovi.com.br/noticias/compacto-e-funcional/13381>. Acesso em: 2 ago. 2020.

ZABALBEASCOA, Anatxu. *Tudo sobre a casa*. Tradução: Maria Alzira Brum Lemos. São Paulo: Gustavo Gil, 2013.

ZORRAQUINO, Luís. *A evolução da casa no Brasil*. Trabalho apresentado no Programa para análise de revalidação de diplomas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

APÊNDICE 1 – Carta ao Presidente do Instituto Junguiano de São Paulo

Prezado Presidente do Instituto Junguiano de São Paulo

Estou realizando uma pesquisa para adquirir o título de mestre na Universidade Presbiteriana Mackenzie, sob orientação da Prof. Dra. Ingrid Hötte Ambrogi.

A pesquisa cujo título é: Um estudo sobre o significado da casa durante o período da pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, em uma perspectiva junguiana, tem o objetivo realizar uma investigação sobre a ocupação dos espaços da casa e seu significado durante a pandemia do coronavírus SARS CoV-2.

Gostaria de convidar os membros do Instituto Junguiano de São Paulo a colaborarem com a pesquisa respondendo a um questionário que será enviado após uma explicação prévia aos membros, que será realizada por e-mail, e contato por mensagem telefônica.

A importância desta pesquisa encontra-se no fato de que os analistas, além de cidadãos comuns, são também interlocutores de muitas histórias, levantando indicadores e tendências das consequências psíquicas do isolamento social.

Estou à disposição para quaisquer esclarecimentos,
Paula Serafim Daré

APÊNDICE 2 – Carta aos analistas para apresentação do questionário

Prezado Colega,

Eu, Paula Serafim Daré, psicóloga, analista junguiana, atualmente cursando o mestrado na Universidade Presbiteriana Mackenzie, sob orientação da Profa. Dra. Ingrid Hötte Ambrogi, gostaria de solicitar sua participação nesta pesquisa que se concentra na área de Educação, Arte e História da Cultura.

A presente pesquisa tem como objetivo investigar as transformações na ocupação e no significado dos espaços da casa (moradia) durante a pandemia do coronavírus, - SARS-CoV-2. A participação na pesquisa é por meio de respostas a um questionário.

Agradeço a sua atenção e disponibilidade,

Paula Serafim Daré

APÊNDICE 3 – Termo de Consentimento Informado Livre e Esclarecido (Questionário)

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada: Um estudo sobre o significado da casa durante o período da pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, em uma perspectiva junguiana (título provisório). A pesquisa tem por objetivo investigar em quais aspectos o isolamento social e a reclusão em casa provocada pela pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, ocorrida a partir de março de 2020 no Brasil, transformou a ocupação e o significado da casa / moradia.

Para a pesquisa será utilizado um questionário, que será enviado por e-mail através de um link que levará o participante a um formulário Google para ser respondido. O tempo mínimo de participação na pesquisa são 15 minutos e o número de perguntas do questionário é 20. A sua participação nesta pesquisa é voluntária, não havendo compensação financeira, e você poderá retirar-se dela a qualquer momento. Como toda e qualquer pesquisa envolve risco, garantimos nosso comprometimento com possíveis desconfortos, estando à disposição para esclarecimentos e atendimentos, caso seja necessário. Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas entrando em contato com Ingrid Hötte Ambrogi: E-mail: [ihambrogi@gmail.com/](mailto:ihambrogi@gmail.com) tel. (11 981628668) e/ou Paula Serafim Daré: E-mail: [pauladare@hotmail.com/](mailto:pauladare@hotmail.com) tel. (11 996983102).

Qualquer dúvida sobre a ética desta pesquisa poderá ser esclarecida entrando em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie (CEP/UPM), nos seguintes contatos: Sede – Rua da Consolação, 896 - Edifício João Calvino / 4º andar, Consolação, São Paulo /e-mail: cep@mackenzie.br / tel.: 27667615. O horário de funcionamento do CEP é 2ª e 4ª das 15:00 às 18:00hs e 3ª e 5ª feiras das 09:30 às 12:30hs, 6ª feiras não há atendimento. O CEP/UPM “é um colegiado interdisciplinar, com múnus público, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos”. Os dados resultantes desta pesquisa poderão ser publicados ou apresentados em reuniões científicas e congressos. Este termo assegura sigilo quanto à identidade dos participantes. A devolutiva sobre os resultados da pesquisa será

enviada por e-mail a cada participante no qual nos colocaremos disponíveis para quaisquer esclarecimentos.

Declaro que fui devidamente esclarecido pelo pesquisador. Entendi o que me foi explicado e voluntariamente dou o meu consentimento em participar desta pesquisa.

O aceite para pesquisa se consolida com o termo de consentimento livre e esclarecido devolvido ao e-mail do pesquisador.

Os dados dos pesquisadores são:

Profa. Dra. Ingrid Hötte Ambrogi: Rua Montevideú, 246, cep:05088060. E-mail: ihambrogi@gmail.com

Paula Serafim Daré: Rua Inácio Manoel Alvares, 360, apto 94^a. Jardim Ester, cep:05372110. E-mail: pauladare@hotmail.com

APÊNDICE 4 – Questionário

Identificação:

Sexo:

Idade:

Estado Civil:

Número de filhos:

Escolaridade:

Residência: () Casa () Apartamento

1. Quantas pessoas residem em sua casa?
2. Qual é o tempo que permanecia em casa durante a semana, antes da pandemia da Covid 19?
3. Qual o tempo que permaneceu em casa durante o isolamento social?
4. Como era para você estar na sua casa antes da pandemia?
5. Como é estar em sua casa atualmente?
6. O que gosta de fazer quando está em casa?
7. Gostaria de ter mais tempo para permanecer em casa antes da pandemia?
8. Qual é o lugar da casa que ocupava de modo mais prolongado antes da pandemia?
9. E atualmente, qual o lugar da casa que ocupa de modo mais prolongado?
10. Qual lugar da casa lhe agrada mais? Por quê?
11. Este lugar mudou depois da pandemia?
12. Gosta de receber amigos?
13. O relacionamento entre os residentes da casa teve alterações durante o isolamento social?
14. O que sentia ao chegar em casa antes da pandemia?
15. O que sente ao chegar em casa pós pandemia?
16. A que necessidades sua casa atendia antes da pandemia?
17. Durante o isolamento social vivido durante a pandemia da Covid-19, o que sentiu falta de ter sua casa?
18. O que sua casa significa para você?
19. O isolamento social vivido durante a pandemia da Covid- 19 mudou de alguma forma sua maneira de ocupar sua casa?
20. Como analisa o que observou como relevante na relação das pessoas com a casa durante o isolamento social?

Muito obrigada

APÊNDICE 5 – Carta aos analistas para realização das entrevistas

Prezado Analista,

Você respondeu ao questionário relativo à pesquisa de mestrado “Um Estudo Sobre o Significado da Casa durante o período da pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, entre analistas junguianos, sob a perspectiva da psicologia analítica” da pesquisadora Paula Serafim Daré, sob orientação da Prof. Dra. Ingrid Hötte Ambrogi da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Gostaria de contar com sua colaboração na segunda fase desta pesquisa, que compreende uma entrevista semiestruturada na modalidade *on-line*, tendo a casa e a pandemia como tema. O tempo estimado de entrevista é de 40 minutos.

Caso concorde em participar da entrevista, peço que assine o Consentimento Livre e Esclarecido que se encontra anexo neste e-mail.

APÊNDICE 6 – Termo de Consentimento Informado Livre e Esclarecido (Entrevista)

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada: **Um estudo sobre o significado da casa durante o período da pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, entre analistas junguianos, sob a perspectiva da psicologia analítica**. A pesquisa tem por objetivo investigar em quais aspectos o isolamento social e a reclusão em casa provocada pela pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, ocorrida a partir de março de 2020 no Brasil, transformou a ocupação e o significado da casa / moradia.

Nesta segunda fase da pesquisa será realizada uma entrevista *on-line*, através da plataforma digital *Skype*. O tempo mínimo de participação na pesquisa são 40 minutos e as entrevistas serão gravadas e transcritas, para o estudo fiel de seu conteúdo, a gravação será mantida pelo período de 30 dias, apenas para transcrição do conteúdo. A sua participação nesta pesquisa é voluntária, não havendo compensação financeira, e você poderá retirar-se dela a qualquer momento. Como toda e qualquer pesquisa envolve risco, garantimos nosso comprometimento com possíveis desconfortos, estando à disposição para esclarecimentos e atendimentos, caso seja necessário. Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas entrando em contato com Ingrid Hötte Ambrogi: E-mail: ihambrogi@gmail.com/ tel. (11 981628668) e/ou Paula Serafim Daré: E-mail: pauladare@hotmail.com/ tel. (11 996983102).

Qualquer dúvida sobre a ética desta pesquisa poderá ser esclarecida entrando em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie (CEP/UPM), nos seguintes contatos: Sede – Rua da Consolação, 896 - Edifício João Calvino / 4º andar, Consolação, São Paulo /e-mail: cep@mackenzie.br / tel.: 27667615. O horário de funcionamento do CEP é 2ª e 4ª das 15:00 às 18:00hs e 3ª e 5ª feiras das 09:30 às 12:30hs, 6ª feiras não há atendimento. O CEP/UPM “é um colegiado interdisciplinar, com múnus público, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos”.

Os dados resultantes desta pesquisa poderão ser publicados ou apresentados em reuniões científicas e congressos. Este termo assegura sigilo quanto à identidade dos

participantes. A devolutiva sobre os resultados da pesquisa será enviada por e-mail a cada participante no qual nos colocaremos disponíveis para quaisquer esclarecimentos.

Declaro que fui devidamente esclarecido pelo pesquisador. Entendi o que me foi explicado e voluntariamente dou o meu consentimento em participar desta pesquisa. O aceite para pesquisa se consolida com o termo de consentimento livre e esclarecido assinado e devolvido ao e-mail do pesquisador.

Os dados dos pesquisadores são:

Profa. Dra. Ingrid Hötte Ambrogi: Rua Montevideú, 246, cep:05088060. E-mail: ihambrogi@gmail.com

Paula Serafim Daré: Rua Inácio Manoel Alvares, 360, apto 94^a. Jardim Ester, cep:05372110. E-mail: pauladare@hotmail.com

Profa. Dra. Ingrid Hötte Ambrogi

Paula Serafim Daré

Participante

APÊNDICE 7 – Roteiro de entrevista

Identificação:

Nome:

Estado Civil:

Número de moradores da residência:

1. Como foi o seu processo de adaptação aos espaços da sua casa durante o primeiro ano da pandemia? Você alterou os espaços? Alterou o uso dos espaços?
2. Quais recursos utilizou para estas adaptações?
3. Quais foram suas dificuldades?
1. Houve aumento ou diminuição no número de moradores da casa?
2. Houve ajustes com outros moradores da casa para divisão dos espaços?
3. A pandemia é um tempo em que temos que lidar com muitas indefinições, como você sustentou estas incertezas?
4. Como foi para você a mudança para setting analítico *on-line*?
5. Que transformações ou reformulações percebeu em si mesmo durante este período?
6. Sua casa reflete estas mudanças?

ANEXO 1 – Parecer do Conselho de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE
PRESBITERIANA MACKENZIE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Título original:

Um estudo sobre o significado da casa durante o período da pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, em uma perspectiva junguiana.

Novo Título:

Um estudo sobre o significado da casa durante o período da pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, entre analistas junguianos, sob a perspectiva da psicologia analítica.

Pesquisador: INGRID HOTTE AMEROGI

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 35320720.5.0000.0084

Instituição Proponente: Universidade Presbiteriana Mackenzie

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.903.941

Apresentação do Projeto:

O protocolo de pesquisa se refere a uma emenda ao projeto de pesquisa de mestrado originalmente submetido com o título "Um estudo sobre o significado da casa durante o período da pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, em uma perspectiva junguiana", o qual trata da realização de um estudo sobre o simbolismo da casa e possíveis mudanças na ocupação de seus espaços durante a pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Para tanto aplicou-se um questionário por meio do GoogleForms para analistas do Instituto Junguiano e a pesquisadora assistente participou de sua banca de qualificação, a qual recomendou que:

- Um estudo sobre o significado da casa durante o período da pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, entre analistas Junguianos, sob a perspectiva da psicologia analítica.
- Acrescentar a realização de entrevistas entre três participantes da amostra para aprofundamento dos dados coletados.

Não há óbices éticos à alteração do nome da pesquisa. Com relação à nova etapa de pesquisa, salienta-se que serão entrevistados a partir de setembro de 2021, três dos analistas Junguianos

Endereço: Rua De Consolação nº596 - Ed João Calvino 4ª andar sala 400
Bairro: HIGIENÓPOLIS CEP: 01.302-907
UF: SP Município: SÃO PAULO
Telefone: (11)2766-7615 E-mail: cep@mackenzie.br

UNIVERSIDADE
PRESBITERIANA MACKENZIE



Continuação do Protocolo: 4.562.341

que já participaram da primeira etapa do projeto de pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Nas palavras da pesquisadora o objetivo primário é "Verificar em quais aspectos o isolamento social e a reclusão em casa provocada pela pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, ocorrida a partir de março de 2020 no Brasil, transformou a ocupação e o significado da casa / moradia. A pesquisa se realizará na cidade de São Paulo, epicentro da pandemia no Brasil." e o objetivo Secundário é "realizar uma leitura simbólica da ocupação da casa, durante a pandemia do SARS-CoV-2, por meio da psicologia analítica."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora afirma que todo o projeto tem riscos inerentes e caso ocorra desconforto durante a participação na pesquisa, assistência será prestada. Os contatos da pesquisadora principal e assistente estão inseridos no TCLE (e-mails e telefones).

Quanto aos benefícios da pesquisa, cita-se que "Freencher um questionário e responder a uma entrevista sempre pode ser uma reflexão sobre o tema abordado." Ou seja, revisou-se o texto dos benefícios com a nova etapa a ser executada, permanecendo-se a justificativa da relevância da pesquisa anteriormente apresentada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Com relação à etapa de entrevista, aparece a seguinte referência no projeto de pesquisa revisado: "A entrevista e o tema das perguntas estarão de acordo com os objetivos da pesquisa." No documento de informações básicas consta que: "A pesquisa será complementada por meio da realização de três entrevistas para uma abordagem vertical dos temas levantados no questionário. No questionário e nas entrevistas as perguntas foram elaboradas de acordo com os objetivos da pesquisa. Conforme a orientação da banca de qualificação, serão realizadas três entrevistas entre os integrantes da amostra para aprofundamento dos temas levantados. As questões que norteiam a entrevista semi-estruturada foram elaboradas pelo pesquisador devido a especificidade dos objetivos da pesquisa. O critério utilizado para o convite das três entrevistas será o maior número de informações fornecidas pelos participantes na etapa dos questionários. Os contatos para o convite das entrevistas serão por via telefônica, após o aceite, o convite será formalizado via e-mail (ANEXO 5) e no mesmo e-mail será encaminhado o Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelo pesquisador e pela orientadora (ANEXO 6). Agendaremos as entrevistas por skype

Endereço: Rua De Conselheiro nº596 - Ed João Calvino 4º andar sala 400
Bairro: HIGIENÓPOLIS CEP: 01.302-907
UF: SP Município: SÃO PAULO E-mail: csp@pma.mackenzie.br
Telefone: (11)2766-7615

Continuação do Parecer: 4.903.941

com data e horário. As entrevistas serão gravadas e transcritas para garantia da fidelidade ao conteúdo.*

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

É apresentado um novo TCLE contemplando a nova etapa. Neste documento, cita-se que a entrevista será gravada.

Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais e critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE_INFORMAÇÕES_BASICAS_177836_8_E1.pdf	04/07/2021 17:13:40		Aceito
Outros	roteiro_entrevistas.pdf	04/07/2021 16:49:46	INGRID HOTTE AMBROGI	Aceito
Cronograma	Cronograma_de_execucao.pdf	04/07/2021 16:49:26	INGRID HOTTE AMBROGI	Aceito
Outros	Carta_de_declaracao.pdf	04/07/2021 16:48:53	INGRID HOTTE AMBROGI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_entrevistas.pdf	04/07/2021 16:25:47	INGRID HOTTE AMBROGI	Aceito
Outros	Carta_Pendencias.pdf	25/08/2020 20:57:03	INGRID HOTTE AMBROGI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Modificado.pdf	24/08/2020 23:08:15	INGRID HOTTE AMBROGI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Modificado.docx	24/08/2020 23:03:08	INGRID HOTTE AMBROGI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	14/07/2020 16:34:48	INGRID HOTTE AMBROGI	Aceito
Projeto Detalhado	Projeto_de_Pesquisa.docx	14/07/2020	INGRID HOTTE	Aceito

Endereço: Rua De Consolação nº596 - Ed João Calvino 4º andar sala 400
 Bairro: HIGIENÓPOLIS CEP: 01.303-907
 UF: SP Município: SÃO PAULO
 Telefone: (11)2766-7615 E-mail: cep@mackenzie.br

UNIVERSIDADE
PRESBITERIANA MACKENZIE



Continuação do Parecer: 4.923.241

/ Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa.docx	16:34:02	AMBROGI	Aceito
Declaração de concordância	Carta_de_anuencia.pdf	06/07/2020 23:53:44	INGRID HOTTE AMBROGI	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	01/07/2020 17:42:03	INGRID HOTTE AMBROGI	Aceito
Declaração de Pesquisadores	carta_encaminhamento.pdf	30/06/2020 22:35:18	INGRID HOTTE AMBROGI	Aceito
Outros	Questionario.docx	30/06/2020 22:23:55	INGRID HOTTE AMBROGI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Aprovação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 13 de Agosto de 2021

Assinado por:

MICHELLE A&ATO JUNQUEIRA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua De Consolação nº696 - Ed João Calvino 4º andar sala 400
Bairro: HIGIENÓPOLIS CEP: 01.302-907
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)2766-7615 E-mail: csp@mackenzie.br